



Jonathan Vinicius Pereira Santos

A teoria da revolução socialista de William Morris

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, do Departamento de História da PUC-Rio.

Orientador: Henrique Estrada Rodrigues

Rio de Janeiro
Março de 2024.



Jonathan Vinicius Pereira Santos

A teoria da revolução socialista de William Morris

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Organizadora abaixo:

Prof. Henrique Estrada Rodrigues

Orientador

Departamento de História - PUC- Rio

Prof. Eduardo Cardozo Wright

Departamento de História - PUC-Rio

Prof. Felipe Charbel Teixeira

Departamento de História - UFRJ

Rio de Janeiro, 7 de março de 2024

Todos os direitos reservados. A reprodução total ou parcial do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Jonathan Vinícius Pereira Santos

Graduou-se em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2021). Atuante nas áreas de Teoria da História, História da Historiografia e História Intelectual. Atuante também nas áreas de História moderna com ênfase nos seguintes temas: História do conceito de utopia, modernidade e temporalidade.

Ficha catalográfica

Santos, Jonathan Vinicius Pereira

A teoria da revolução socialista de William Morris / Jonathan Vinicius Pereira Santos ; orientador: Henrique Estrada Rodrigues. – 2024.

123 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2024.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História Social da Cultura – Teses. 3. William Morris. 4. Teoria da revolução. 5. Inglaterra. 6. Panfleto. 7. Notícias de lugar nenhum. I. Rodrigues, Henrique Estrada. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

Para o meu pai,
pelo conselho mais antigo que me lembro: “estude, filho”.

Agradecimentos

Ao meu orientador Henrique Estrada Rodrigues por todo apoio e pela paciência que vem tendo comigo. Gostaria de salientar aquela que, para mim, é a maior de suas qualidades: a atenção ao trabalho do orientando. Eu tenho certeza que cada palavra desta dissertação foi lida e comentada com toda a seriedade.

Ao CNPq pelo financiamento, sem o qual este trabalho possivelmente não existiria.

À minha mãe, pelos motivos que não poderia enumerar em menos de 1000 páginas. A meu pai por todo o esforço que fez ao longo de toda a minha vida para eu ter o que lhe faltou.

Às minhas irmãs que eu tanto amo e que me ensinaram mais do que eu poderia dispor nesta página.

À Yasmim Antonio por todo o amor, paciência e dedicação.

Aos amigos que a PUC me deu: Pedro Belfort, por todas as inumeráveis conversas nas quais vivíamos o nosso sonho da emancipação humana; André Vilaça, pelo companheirismo e respeito; Wallace Soares, que além de um grande amigo possui os conhecimentos burocráticos do departamento que fizeram a minha vida menos perturbada; Marcelus Zampier, um exemplo de conduta que todos deveriam seguir e uma das pessoas que mais admiro.

A todos os professores e funcionários do departamento de História pela atenção e paciência.

Ao Felipe Charbel, por ter aceitado compor a banca da minha defesa.

Ao Eduardo Wright que, além de compor a banca de defesa deste trabalho, foi um dos professores nos quais me espelhei. Sua dedicação, suas aulas e sua atenção com todos os alunos formam um dos motivos que me trouxeram até aqui.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

SANTOS, Jonathan Vinícius Pereira. **A teoria da revolução socialista de William Morris**. Rio de Janeiro, 2024. 123p. Dissertação de mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação tem por objetivo investigar a teoria da revolução socialista de William Morris. Nascido em 1834, Morris produziu muitos trabalhos até o ano de 1896, quando morreu com 62 anos. O recorte temporal sob o qual se assenta minha pesquisa está compreendido entre os anos de 1883 e 1890, quando o autor filiou-se a uma organização revolucionária e decidiu dedicar os seus textos à transformação da sociedade inglesa oitocentista. As fontes que nos permitem visualizar a sua teoria apresentam-se em dois discursos diferentes: o panfletário e o ficcional. Em relação ao primeiro, Morris valeu-se de jornais vinculados às organizações revolucionárias para intervir nos debates públicos ingleses e, em meio a essa intervenção, construiu a sua teoria da revolução. Em 1890 a sua teoria estava completa, mas apareceu sob outra roupagem: atravessando o romance utópico *Notícias de lugar nenhum*. Diante do que foi exposto, é imperativo para esta dissertação compreender os discursos mobilizados pelo cidadão inglês para demonstrar qual foi o papel que eles exerceram nas suas intervenções políticas. Para alcançar esse objetivo, alguns conceitos se fazem importantes, como, por exemplo, o conceito de “propaganda” porque permitem que as fontes analisadas sejam compreendidas como um meio de atuar na realidade política da Inglaterra vitoriana.

Palavras-chave:

William Morris; teoria da revolução; Inglaterra; panfleto; Notícias de lugar nenhum.

Abstract

SANTOS, Jonathan Vinícius Pereira. **The theory of socialist revolution of William Morris**. Rio de Janeiro, 2024. 123p. Dissertação de mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation aims to investigate the theory of socialist revolution of William Morris. Born in 1834, he produced many works until 1896, when he died at the age of 62. The time frame on which my research is based is between the years 1883 and 1890, when the author joined a revolutionary organization and decided to dedicate his texts to the transformation of the nineteenth century's English society. The sources that allow us to visualize his theory are presented in two different discourses: the pamphleteer and the fictional. Regarding the first, Morris used newspapers linked to revolutionary organizations to act in English public debates and, in the midst of this intervention, built his theory of revolution. In 1890 his theory was complete, but appeared under another guise: traversing the utopian novel *News from Nowhere*. Based on what was exposed, it is imperative for this dissertation to understand the discourses mobilized by the English citizen to demonstrate what role they played in their political interventions. To achieve this goal, some concepts are important, such as the concept of “propaganda” because they allow the sources analyzed to be understood as a means of acting in the political reality of Victorian England.

Keywords:

William Morris; theory of revolution; England; pamphlet; News from nowhere.

Sumário

Introdução	9
1. O pensamento de Morris: a construção da teoria da revolução no discurso panfletário.	21
1.1. Revolução: incorporação do conceito.	26
1.2. Morris: adversário de Engels.	35
1.3. Morris leitor de Marx: o filósofo do desenvolvimento histórico.	39
1.4. A apropriação do fundamento histórico para a justificação da revolução inglesa.	45
1.5. O carácter histórico dos termos na construção da revolta.	49
1.6 A conquista do mundo histórico e uma crítica a Bellamy	57
1.7. O conceito de revolução no quadro da teoria de Morris.	62
1.8. Revolução como ruptura: oposição ao conformismo.	65
1.9. A tática revolucionária e a construção da revolta.	66
2. As Notícias de Lugar Nenhum e a revolução socialista inglesa	69
2.1 Now-here e no-where: Notícias de Lugar Nenhum como abertura e propaganda	69
2.2 Dois romances, dois conceitos: a crítica revolucionária de Morris ao processo evolucionário de Bellamy	83
2.3 O elemento histórico da ficção da revolução socialista inglesa	92
2. 4 A centralidade da descrição no impacto da ficção revolucionária	94
2.5 O heterodiscurso e as brechas do paraíso: Nowhere não nos pertence	106
Conclusão	113
Referências bibliográficas:	118

Introdução

O tema da revolução socialista vem sendo discutido desde o século XIX, tanto em círculos de revolucionários quanto na bibliografia especializada nos campos da História e da Filosofia. Longe de procurar compreender um evento revolucionário específico ou nutrir simpatias ou desconfianças pelo socialismo, este trabalho busca investigar a construção de uma teoria específica para a revolução.

A teoria em questão foi elaborada por um teórico, artista e ativista inglês no final do século XIX: William Morris (1834 - 1896). Seu pai havia sido corretor de uma bolsa de valores e deixou para a posteridade da família uma herança que permitiu que os seus filhos, mesmo depois de sua morte, não tivessem muitas dificuldades. Membro de uma família rica, Morris estudou em Oxford e tinha planejado ser um clérigo da Igreja Anglicana no final de seus estudos. O que muda a sua perspectiva é, curiosamente, uma viagem para conhecer algumas catedrais no norte da França. Tocado pela beleza das igrejas, decidiu-se pela arte em detrimento da teologia.¹

A importância que as suas viagens à França exerceram sobre ele pode ser sentida algumas décadas à frente, quando ajudou a criar uma organização para proteção de prédios antigos. A SPAB, sigla que condensava os dizeres *A sociedade para proteção de prédios antigos (the society for the protection of ancient buildings)* tinha como tarefa evitar que os patrimônios espalhados pela Inglaterra e que corriam o risco de demolição por causa dos interesses do capitalismo oitocentista desaparecessem². Pontuar a SPAB como um elemento da trajetória intelectual de Morris é importante porque ela encarnava uma ideia que o autor tinha: a de que a Inglaterra do século XIX estava carente de um estilo artístico e que o estilo medieval poderia ser um alento a essa falta. Nas palavras do manifesto: “De modo que o mundo civilizado do século XIX não tem estilo próprio em meio ao seu amplo conhecimento dos estilos de outros séculos. Dessa

¹ Os dados biográficos utilizados nesta dissertação foram retirados do historiador inglês Edward Palmer Thompson. Cf THOMPSON, E.P. **William Morris**: De romântico a revolucionário. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988, pp. 29-33.

² Cf. **Manifesto da SPAB**. 1877. Disponível em: <spab-manifesto.pdf>. Último acesso em: 15. Abril. 2021, às 06:00.

falta e desse ganho surgiu nas mentes dos homens a estranha ideia da restauração de edifícios antigos. [...]”³.

É também em Oxford que conhece John Ruskin, um autor que exerce influência sobre ele por muito tempo. Da leitura que Morris fez desse teórico, a arte é um reflexo das condições sociais em que é produzida. Por causa disso, ele compreendia que a arte desempenha uma função essencial em meio às sociedades: ela é capaz de revelar a saúde da sociedade em que está inserida. Sociedades saudáveis, isto é, organizações sociais nas quais não há repressão ou, quando muito, há uma repressão menor do que a existente no capitalismo, possuem representações artísticas que refletem essa saúde social e sociedades que não são saudáveis possuem representações artísticas que refletem a falta de saúde social.⁴

Diante do que até aqui foi exposto torna-se tentador inscrever Morris nos quadros de um movimento artístico, ainda mais quando se tem em mente outro dado biográfico do cidadão vitoriano: amigo próximo de Gabriel Rossetti, foi um dos membros da irmandade pré-rafaelita. Buscando superar o artificialismo da arte por meio do retorno ao artesanato, a irmandade tem esse nome porque imagina retomar a arte aos moldes de Rafael, do *Quattrocento* italiano, cuja expressão artística é vista como mais autêntica e livre do mecanicismo que, aos olhos do movimento, foi introjetado na arte depois dele.

David Lathan apercebe-se da importância do movimento na vida de Morris e busca interpretar algumas de suas produções artísticas à luz de sua passagem pela irmandade, demonstrando a influência que ela exerceu sobre ele.⁵ O seu argumento tenta sustentar que há um intercâmbio entre a arte que criou e a teoria que elaborou. Nesse sentido, é possível ler os traços do pré-rafaelismo tanto em suas ideias postas em textos quanto em suas obras de arte. As suas palavras acerca de um panfleto publicado pelo autor são significativas tanto para o pensamento que percorreu o movimento artístico à época da rainha Vitória quanto para visualizar a influência que tal pensamento pesou sobre Morris:

³ Ibid., n.p. Texto original: “So that the civilised world of the nineteenth century has no style of its own amidst its wide knowledge of the styles of other centuries. From this lack and this gain arose in men’s minds the strange idea of the restoration of ancient buildings. [...]”

⁴ THOMPSON, E.P. **William Morris**: De romântico a revolucionário. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988, pp. 38-45.

⁵ LATHAN, David. “Reading aright” the political texts of Morris’s textiles and wallpapers. IN _____ (ORG). **Haunted Texts**: studies in pre-rafaelism. Ontario: University of Toronto press, 2013.

Como Morris descreve em sua palestra sobre *As Artes Decorativas* e em seu *Discurso sobre a Escola Pré-Rafaelita Inglesa*, as regras neoclássicas infectaram a arte com um academicismo inorgânico que promoveu uma divisão hierárquica entre as artes maior e menor, a elevação de alguns ofícios tradicionais ao status de belas artes e o rebaixamento do resto ao status inferior de artesanato prático.⁶

No entanto, embora seja tentador ler Morris como um teórico da arte, também é importante lembrar que o autor foi importante para o medievalismo inglês do século XIX. Além da SPAB já mencionada nesta introdução, há outras manifestações que sinalizam o lugar de relevo que entregou ao tema. Em um dos seus últimos romances, *A água das ilhas maravilhosas* (*The Water of the Wondrous Isles*), Morris ecoou o tema do medievalismo. A narrativa é concentrada em cima de uma personagem feminina, Birdalone, que foi raptada por uma bruxa e forçada a servir-lhe como uma serva em uma floresta chamada *Evilshaw*. A protagonista, no desenvolvimento do romance, consegue escapar da floresta na qual a bruxa a prendeu e depois de se aventurar por algumas ilhas encontrou-se em uma sociedade de cavaleiros. O tema da cavalaria já sinaliza para questões medievais, porém, como salienta Rafael Fouto, a utilização que Morris faz do vocabulário da língua inglesa tem a intenção de emular diálogos que ocorreram em um passado arcaico.⁷ Em suas palavras:

Além do aspecto da estrutura narrativa inspirada e ao mesmo tempo invertida em relação às fontes medievais, o medievalismo da obra mostra-se presente de maneira peculiar na linguagem arcaica empregada, solidificada aqui após a utilização desse modo de escrita ao longo dos diversos romances de Morris [...]⁸

E na sua explicação sobre uma específica passagem da narrativa:

O uso de vocábulos como *whilom*, *hight*, *durst*, assim como o emprego de frases longas com sintaxe arcaica [...] evocam a ideia de um texto antigo, com regiões que soam como reais dentro da lógica da língua inglesa, como *Utterhay* e *Evilshaw*, e que parecem ter existido uma vez no passado, mas agora não podem ser localizadas em mapa algum.⁹

⁶ Ibid., p. 126. Texto original: "As Morris outlines in his lecture on 'The Decorative Arts' and in his 'Address on the English Pre-Raphaelite School,' neoclassical rules had infected art with an inorganic academicism that promoted an hierarchical division between the greater and lesser arts, the elevation of a few traditional crafts to the status of fine art and the demotion of the rest to the lower status of practical handicrafts."

⁷ FOUTO, Rafael. Eco-medievalismo subversivo em *The water of wondrous isles*, de William Morris. IN: **Revista X**, v. 18, n. 2, pp. 691-713, 2023.

⁸ Ibid., p. 698.

⁹ Ibid., p. 699.

Uma parte da bibliografia secundária endossa o relevo que Fouto confere ao medievalismo de Morris e vai além, compreendendo que o tema perpassa a sua vida de forma consistente. O autor Michael Kimball sustenta esse posicionamento e busca analisar, ao longo de toda a vida de Morris, o medievalismo que, em sua apreciação, está sempre presente¹⁰. Em suas palavras:

“Esta tese argumenta que a visão de Morris do Medieval é de longo alcance, mas curiosamente consistente ao longo de sua vida e que a importância dessa visão da Idade Média para Morris é fundamental para entender como ele interpretou a si mesmo e ao mundo ao seu redor”.¹¹

Essa referência serve-nos aqui como um exemplo da forma pela qual uma parte da bibliografia especializada nos estudos morrisianos vem lidando com o tema: seleciona-se uma atividade na qual Morris contribuiu e em seguida busca-se interpretar a inteireza do trabalho do autor com o que foi selecionado. Nesse caso, o medievalismo foi tomado como ferramenta de análise para a sua obra geral, porém, como vimos na parte inicial desta introdução, a arte poderia ocupar esse lugar.

Mas há outras manifestações além das duas acima que também esteve presente no início e no final da vida de Morris. É o caso da poesia. Quando tinha 24 anos, Morris publicou *A defesa de Guinevere* (cujo título original era *The Defence of Guenevere and other poems*), uma obra que aparece na intersecção entre o poeta e o medievalista. A personagem principal do texto é a rainha do rei Arthur. A trama da ficção é a seguinte: Guinevere é pega em flagrante adultério com o eminente guerreiro Lancelot. Ela é sentenciada a queimar no fogo. A narrativa do texto morrisiano concentra-se no momento anterior ao fogo ser aceso e representa uma autodefesa da rainha sentenciada que tenta ganhar tempo até ser resgatada pelo guerreiro por culpa de quem morrerá queimada. Como demonstrou Margaret Lourie em um trabalho sobre Morris, o cidadão britânico ficou inspirado a produzir esse enredo por causa da edição inglesa de 1817, feita por Robert

¹⁰KIMBALL, Benjamin Michael. **The medieval ideal: Utopian medievalism in the life, thought, and works of William Morris**. Iowa, 2022. 114p. Dissertação – Departamento de artes, University of Northern Iowa.

¹¹ Ibid., p. 10. Texto original: “This thesis argues that Morris’s vision of the Medieval is far-reaching yet curiously consistent throughout his life and that the importance of this vision of the Middle Ages to Morris is critical to understanding how he interpreted himself and the world around him.”

Southey acerca do trabalho de Malory¹². Thomas Malory foi um autor britânico do século XV que publicou, originalmente em 1485, o livro *A morte de Arthur*. Nessa obra, ele construiu uma história do rei e de seus cavaleiros que alimentou o imaginário dos leitores oitocentistas, Morris entre eles.

Pode-se alegar que a nossa personagem estava mais imersa na poesia no início de sua vida, mas que a trocou por outras expressões textuais. Isso, porém, é falso. Se publicou *A defesa de Guinevere* quando tinha 24 anos, a data de publicação do *Peregrino da Esperança* é 1886, quando o autor tinha 52.

Escrito em versos, o *Peregrino da Esperança* é uma narrativa ficcional, na qual um narrador inglês vai para Paris para se juntar à Comuna que havia sido instalada em 1871. O que levou o cidadão britânico a Paris foi uma desesperança completa pela possibilidade de uma revolução na Inglaterra. Ainda que o narrador tenha salientado a alegria dos *communards* (como os revolucionários ficaram conhecidos), as forças do exército francês retomaram Paris. A narrativa termina com a esposa e o melhor amigo do narrador inglês mortos pelo exército e com a sua volta à Inglaterra.

Além da arte, do medievalismo e da poesia, ainda é possível verificar que uma parte da bibliografia destinada a compreender Morris decidiu vê-lo dentro dos marcos do romantismo. É o caso de Michael Lowy e Leandro Konder.¹³ Para os autores, o teórico inglês é um membro do romantismo desde os seus primeiros trabalhos. Com um método parecido com o de Kimbal, eles selecionam o romantismo de todas as produções de Morris e buscam compreender a inteireza do seu trabalho a partir do que foi selecionado:

Num primeiro período de sua atividade, predominavam na visão de mundo de Morris as características de um romantismo “restitucionista”, quer dizer, de um movimento orientado a restabelecer normas sociais e culturais que o capitalismo destruíra. Mais tarde, ao aderir ao socialismo, seu romantismo se torna utópico/revolucionário: já não aspira a uma volta ao passado, mas sim a um “passeio” pelo passado em direção ao futuro. A nostalgia do paraíso perdido se

¹² LOURIE, Margaret. Explanatory notes on the defence of Guenevere. IN: **William Morris Archive**. Disponível em: <<https://morrisarchive.lib.uiowa.edu/explanatory-notes-on-the-defence-of-guenevere>>. Acesso em: 30. Jan. 2024.

¹³ KONDER, Leandro; Löwy, Michael. O socialismo libertário de William Morris In: MORRIS, William. **Notícias de lugar nenhum**: ou uma época de tranquilidade. São Paulo: expressão popular, 2019.

investe na esperança do futuro e se transforma em energia revolucionária.¹⁴

Morris poeta, medievalista, artista, romântico. Como se deve, afinal, ler o autor? Com um novo método. É uma tarefa muito difícil tentar defini-lo em alguma área porque, como vem sendo pincelado aqui, ele contribuiu em muitas. É mais fecundo recortar tipos de produção mobilizados por Morris e orientados por uma unidade temática para, em seguida, analisá-los internamente com a consciência que a inteireza de seu trabalho ultrapassa o recorte. Esse é o método com o qual se constrói esta dissertação. Com isso, vale dizer que o Morris artista existe, assim como o medievalista e o poeta, mas, para os objetivos que aqui serão perseguidos, põe-se em relevo o Morris revolucionário. Não há dúvidas de que as outras faces do autor dialogam com o seu aspecto revolucionário, mas é a revolução que vai guiar os outros elementos ao longo da hipótese que será construída e não o contrário.

Tendo isso em mente, o destaque temporal proposto nesta dissertação compreende apenas 7 anos da vida de nossa personagem, entre 1883 e 1890. O evento decisivo para o marco inicial é o seu encontro com os socialistas ingleses que lhe apresentaram uma nova perspectiva em direção à mudança da sociedade em que vivia. Por causa desse contexto, não é surpreendente descobrir que a sua atividade nos anos seguintes se envolveu em questões político-ideológicas de forma teórica e prática. A título de exemplo, em 1884 Morris filiou-se à Federação inglesa da Social Democracia (cujas siglas são SDF compreendendo as palavras inglesas *Social Democratic Federation*) e um ano à frente criou a sua própria organização política, a *Liga Socialista*. Essas instituições nas quais teve participação decisiva buscaram intervir politicamente na Inglaterra oitocentista com um programa social para a transformação radical daquela sociedade.

Uma das formas pelas quais as organizações em tela e o próprio Morris utilizavam para alcançar os seus objetivos era a comunicação através de jornais filiados aos grupos revolucionários. Com textos de linguagem direta e que buscavam debater problemas da sua atualidade, o autor tentava convencer os seus compatriotas a aderirem ao seu projeto. Esses panfletos políticos publicados nas edições dos jornais tornam-se portanto uma fonte importante para a hipótese que será desenhada abaixo. É relevante notar que os textos em tela não obedecem a

¹⁴ Ibid., p. 12.

uma regra geral de publicação, eles variavam em tamanhos e temas. Panfletos como *whigs, democratas e socialistas*¹⁵ e *Como nós vivemos e como poderíamos viver*¹⁶ são grandes, tendo mais de 20 páginas de conteúdo e lidam com temas diversos enquanto panfletos como *Nossa política* e *Looking Backward* são curtos, possuindo menos de 6 páginas cada um e com temas também diversos. Esses panfletos da década de 1880 podem ser definidos como textos de intervenção social, isto é, textos que buscam se colocar no debate público e apresentar propostas para problemas que surgiram em meio à sociedade. Mas olhemos detidamente dois panfletos publicados dentro do recorte elaborado para termos uma apreciação mais apurada.

Por que nós celebramos a comuna de Paris é um texto publicado no jornal *Commonweal*, vinculado à *Liga Socialista*, em 1887¹⁷. A leitura desse panfleto permite que vejamos uma situação de disputa em relação à comuna de Paris que havia ocorrido há apenas 16 anos. Morris via na Comuna uma esperança de libertação das classes oprimidas da sociedade moderna e tentou construir uma herança com relação ao evento. Esse debate sobre a memória da Comuna não foi produzido pelo autor e nem pelo panfleto que publicou, ele surgiu em meio à sociedade inglesa. O que o panfleto do cidadão vitoriano faz é se colocar publicamente no debate e sustentar as suas posições de forma clara e direta. No caso específico, sustenta-se que há uma ligação entre os eventos ocorridos na França em 1871 e a demanda dos círculos revolucionários ingleses de 1887.

Além disso, esses panfletos se tornam mais eficientes à medida que lidam com situações que são conhecidas pelos leitores. É com isso em mente que os escritores de textos de intervenção social buscam analisar e propor suas questões não apenas em relação à memória de um evento político que divide opiniões, mas também acerca da situação política vivida pelos seus leitores. Um exemplo do que este trabalho está tentando expor é o panfleto *O partido liberal está cavando a sua própria cova*, também publicado em 1887¹⁸. As análises levadas a cabo por Morris são intransferíveis para outra sociedade. Ele está discutindo com ingleses a respeito das atitudes que vêm sendo tomadas por um partido inglês.

¹⁵ Cf: Capítulo 1: 5 desta dissertação para uma análise do panfleto.

¹⁶ Cf: Capítulo 1: 4 desta dissertação para uma análise do panfleto.

¹⁷ MORRIS, William. Why we celebrate the commune of Paris. IN: **Commonweal**, Vol 3, No. 62, 1887, pp. 89-90;

¹⁸ MORRIS, William. The Liberal Party Digging Its Own Grave IN: **Commonweal**, Vol 3, No. 98, 1887, p. 380.

Para Morris, o partido liberal se colocou em uma situação de completa contradição entre os seus reais interesses políticos e os seus interesses meramente eleitorais. A “questão irlandesa” é o exemplo típico: o partido liberal não está, de fato, preocupado com a libertação da Irlanda, ele usa esse tema para chegar ao parlamento, mas, em sua análise, os cidadãos britânicos estão cada vez mais conscientes da política liberal.

Não é possível transferir as leituras feitas por Morris para outra situação política fora da Inglaterra. Essas leituras não fazem sentido, por exemplo, na realidade política francesa. Os panfletos, portanto, guardam um caráter eminentemente nacional ao tentar discutir questões específicas de uma determinada sociedade.

O site *marxist.org* mostrou-se uma boa ferramenta para mapear os panfletos morrisianos porque, além de destacar em ordem cronológica as publicações do autor, oferece uma edição razoável dos textos. A bem da verdade, algumas publicações que tiveram a intenção de divulgar textos revolucionários na internet valeram-se integralmente do que está exposto no site. É o caso de *Socialismo desde as suas raízes ou socialismo, seu crescimento e resultado*.¹⁹ No entanto, isso não se aplica a todos os panfletos. Há casos em que as publicações feitas por editoras que não guardam nenhuma relação com o site buscaram dar conta de um conjunto de textos de Morris e apresentaram edições melhores, com tradução atualizada e notas explicativas mais apuradas. É o caso de *Arte sob a plutocracia* que foi publicado em uma edição feita pela Cambridge e conta com uma introdução de May Morris (filha de William Morris).²⁰ Diante do que foi apresentado, esta dissertação trabalhará com os textos dispostos no *marxist.org* quando não houver uma edição mais detalhada de uma determinada obra.

Os textos publicados por Morris ao longo da década de 1880 serão analisados no primeiro capítulo deste trabalho. A hipótese que se objetiva defender é a de que o autor construiu uma teoria da revolução socialista inglesa por meio dessas obras. Tendo esse objetivo em mente, busca-se discutir os textos de intervenção social mais significativos do autor no recorte temporal já apresentado.

¹⁹ BAX; Ernest Belford; MORRIS, William. Socialism from the root up or socialism its growth & outcome. IN: **Marxist Internet archive publisher**, 2013.

²⁰ Para uma discussão sobre o panfleto, cf: Capítulo 1:1 desta dissertação.

Um evento é marcante para o começo da construção da teoria da revolução de Morris: a sua adesão ao comunismo-marxismo inglês, que ocorreu em 1883. Isso porque o autor enxerga na doutrina marxista dois aspectos fundamentais: uma teoria do desenvolvimento histórico e uma centralidade da revolução como objetivo político. Entretanto, Morris não se contentou em ser um publicista dos textos e teorias de Karl Marx e Friedrich Engels. Antes, ele recolheu desses autores um material para contribuir na sua teoria da revolução. Por isso, um dos temas trabalhados no capítulo é a leitura específica que Morris faz de Marx.

Não obstante, os panfletos demonstram que, em 1890, o cidadão vitoriano já havia terminado a confecção da sua teoria da revolução. Concluimos que o acabamento de sua teoria deu-se nesse ano porque, a partir de 1891 até a sua morte em 1896, ele não acrescentou nenhum novo elemento à sua revolução: simplesmente repetiu o que construiu anteriormente.

Há dois elementos principais dessa teoria que o cidadão inglês construiu entre os anos de 1883 e 1890. Em primeiro lugar, ele compreendia que a revolução era um evento político de oposição completa à sociedade capitalista da Inglaterra vitoriana. Essa concepção levou Morris a ser um defensor ao longo de toda a década de 1880 da chamada “tática anti-parlamentar”, segundo a qual os movimentos revolucionários não deveriam participar das eleições porque o próprio parlamento era algo a ser transformado pela revolução.

Em segundo lugar, a nossa personagem trouxe a história para o centro da sua teoria. O termo “história”, como vai ser discutido nas páginas seguintes, possui um significado duplo no vocabulário morrisiano. Ela designa tanto o desenvolvimento do capitalismo na Inglaterra quanto uma análise de circunstâncias específicas de uma dada sociedade.

O entendimento de que todas as sociedades estão submetidas a circunstâncias específicas faz com que Morris seja consciente de que o processo revolucionário não pode ser inteiramente antecipado porque certas circunstâncias históricas só aparecem em meio ao processo. É necessário, portanto, iniciar o processo revolucionário sabendo que alguns fatores só aparecerão no decorrer dele.

Derivado do primeiro sentido do termo, está o lugar da arte na sociedade transformada pela revolução socialista. É possível observar ao longo dos textos que Morris assegura que o evento capaz de fazer florescer novamente a arte na

cultura ocidental é uma revolução que destrua completamente o capitalismo. No entanto, esse tema só aparece quando o autor trabalha com o conceito de História como o desenvolvimento do capitalismo na Inglaterra. Quando trabalha com a segunda acepção de História, Morris limita-se a descrever situações políticas e não pontua nenhum comentário à situação da arte. Isso se justifica porque, como para o autor apenas a transformação radical do capitalismo seria o instrumento de renovação artística, não acrescenta em nada tocar no assunto quando se descreve as situações específicas de uma organização assentada no capital.

Salta aos olhos a justificativa para a investigação que esta dissertação se propõe a fazer: analisar a teoria da revolução produzida por Morris lança luz sobre uma apropriação específica da história na direção da transformação social. A articulação entre história e revolução não é uma novidade para a bibliografia brasileira, mas a contribuição de Morris nesse debate é pouco apreciada e ela pode ajudar a perceber elementos que ainda não foram trabalhados.²¹ Nesse sentido, em 1890, Morris termina um empreendimento teórico que deve ser contemplado.

É importante salientar que o acabamento da teoria da revolução coincide com a publicação de uma obra ficcional. Em 1890, Morris publicou o romance utópico *Notícias de Lugar Nenhum*, em forma de capítulos impressos como folhetins do jornal *Commonweal*, o mesmo que serviu de meio à publicação de vários panfletos na década de 1880²². Durante os meses de janeiro e outubro saiu para o público inglês oitocentista uma obra atravessada por sua teoria. Uma breve apresentação da narrativa do romance demonstra isso. A personagem principal da obra é William Guest, que funciona como um alter-ego do próprio William Morris. Guest deita-se para dormir em 1890 e desperta em 2102 e se vê em uma Inglaterra absolutamente transformada. Ao longo de toda a narrativa, a personagem é apresentada a essa nova Inglaterra e se surpreende com a diferença em relação àquela na qual ele dormiu.

²¹ Uma das fontes corriqueiras do debate acerca da articulação entre história e revolução são os textos de Marx. Para um entendimento mais aprofundado de como Marx é visto à luz desse tema, cf: JÚNIOR, Armando Boito. O lugar da política na teoria marxista da história. IN: **Crítica marxista**, n. 19, pp. 62-82, 2019; REIS, José Carlos. O marxismo. IN: _____ **A história: entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Editora Ática, 1996; MACHADO, Gustavo. O papel da história no modo de exposição de Marx. IN: **Verinotio**, v. 24, n. 1, pp. 238 - 269, 2018.

²² MORRIS, William. **Notícias de lugar nenhum: ou uma época de tranquilidade**. São Paulo: expressão popular, 2019.

Em um momento muito importante para a narrativa que Morris está construindo, Guest é levado por um guia da nova sociedade (o barqueiro Dick) até a pessoa que poderia explicá-lo porque a Inglaterra estava tão diferente. Essa personagem era o avô de Dick, nomeado no texto como velho Hammond. Encarnando um papel de historiador, Hammond conta os eventos que transformaram profundamente o país e abarca-os sob o termo da “revolução”. Ou seja, o grande responsável pela mudança social na Inglaterra que tanto assustou Guest foi o processo revolucionário.

O romance de Morris dedica o maior de seus capítulos à narração da revolução inglesa. No capítulo 17 da obra, temos o velho Hammond concatenando os eventos e oferecendo detalhes sobre eles. Algo que salta aos olhos durante esse capítulo é que Hammond apresenta um processo social com idas e vindas, que não pode ser compreendido como um projeto revolucionário levado a cabo de maneira disciplinar, mas que traz em si uma certa contingência. Em outras palavras, surgiram durante o processo revolucionário circunstâncias que não poderiam ser antecipadas e com as quais os revoltosos tiveram de lidar em meio a ele. Como se pode ver, torna-se difícil compreender plenamente o romance publicado por Morris sem conhecer a sua teoria da revolução. Isto posto, esta dissertação busca sustentar o argumento de que o romance elabora uma figuração da teoria que foi construída anteriormente.

No entanto, no ato mesmo de construir essa figuração, o romance modifica certos aspectos que foram reunidos pelo autor na sua teoria. Por ser outra forma de comunicação e por guardar outros interesses de ordem política, as *Notícias de Lugar Nenhum* representam algumas *nuances* criadas por Morris acerca da sua própria revolução.

O segundo capítulo deste trabalho buscará investigar o romance de Morris a fim de mostrar como a teoria da revolução que ele construiu nos panfletos aparece no texto ficcional. Além disso, o capítulo 2 buscará compreender quais foram as *nuances* produzidas pelo autor no ato de criação de uma figuração da sua teoria. Por fim, o capítulo discutirá as operações narrativas que Morris lançou mão para construir o seu livro.

Vale ainda a ressalva de que todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas pelo pesquisador desta dissertação e todo o conteúdo original consta nas notas de rodapé. O objetivo desse tratamento é permitir que se possa conferir

o original em inglês com as opções de tradução feitas por este trabalho para sustentar a tese central.

1. O pensamento de Morris: a construção da teoria da revolução no discurso panfletário.

Os panfletos de Morris que serão discutidos ao longo deste capítulo enquadram-se, do ponto de vista de sua forma, em um modelo específico de comunicação. A discussão sobre o panfleto político enquanto um gênero foi feita tanto pelo historiador estadunidense Bernard Bailyn, em 1967, quanto pelo filósofo Michael Galchinsky, em 2012.

Os dois autores guardam semelhanças e diferenças nas suas análises. Tanto Bailyn quanto Galchinsky compreendem o panfleto político como um instrumento dotado de linguagem direta e persuasiva que busca convencer o seu leitor a agir de uma determinada forma com vistas a atingir um determinado objetivo. Eles também afirmam em conjunto que o panfleto traz consigo elementos de construção literária que são pegos de outros gêneros. No entanto, Galchinsky, por buscar compreender o panfleto enquanto um gênero e não um evento político dentro do qual o panfleto desempenhou um importante papel, vai além de Bailyn e afirma que o panfleto político é orientado pela contemporaneidade e guarda uma epistemologia da certeza vivificada nas estruturas de repetição. Como, porém, os autores articulam a sua leitura?

O historiador estadunidense Bernard Bailyn buscou compreender o gênero panfletário na sua obra *Origens ideológicas da revolução americana*²³. O objetivo do autor, como é apresentado no título do livro, está circunscrito à história de emancipação política dos Estados Unidos da América e, por causa disso, a leitura do gênero de panfletos que é levada a cabo pelas suas análises trata exclusivamente de produções revolucionárias estadunidenses. No entanto, é possível perceber ao longo da obra uma análise de algumas características gerais dos panfletos. Ao afirmar que eles formaram a literatura específica da revolução americana, Bailyn pontua, ainda que interessado objetivamente nos eventos estadunidenses, que os panfletos carregam consigo um elemento explanatório, declarativo e expressivo de crenças, atitudes, motivações e objetivos. Em suas palavras:

²³ BAILYN, Bernard. **The ideological origins of the American revolution**. EUA: Harvard university press, 1992.

Explicativos, bem como declarativos e expressivos das crenças, atitudes e motivações, bem como dos objetivos professados daqueles que lideraram e apoiaram a Revolução, os panfletos são a literatura característica da Revolução. Eles revelam, mais claramente do que qualquer outro grupo de documentos, o significado contemporâneo desse evento transformador.²⁴

Outro ponto importante que se pode observar em suas análises é que o panfleto agrega técnicas de construção literária. Nas palavras do autor:

Os panfletos abundam em aforismos: uma seção de um sermão não é de fato nada além de um mosaico de aforismos. Há apóstrofes, hipérboles e personificações vívidas. Há transições sutis que procuram facilitar o fluxo do pensamento, e outros planejam interrompê-lo, surpreender e fixar a atenção. Mesmo os mais grosseiramente bombásticos arangues contêm construções literárias astutas.²⁵

O filósofo Michael Galchinsky, diferentemente de Bailyn, não buscou compreender um evento político dentro do qual os panfletos desempenharam um importante papel²⁶. Antes, o autor buscou entender os panfletos de forma geral, enquanto um gênero literário.

Na sua leitura, o panfleto político traz consigo algumas características específicas que ele busca apresentar. A primeira dessas características é uma retórica apaixonada. A sua argumentação assume que a paixão é inerente à forma do texto, ainda que a razão seja o seu ideal. Discutindo os panfletos de Edmund burke (*Reflexões sobre a revolução na França*) e de Mary Wollstonecraft (*Reivindicação dos direitos do homem*), o autor afirma: “No entanto, até mesmo os panfletos dos racionalistas estão cheios de pinturas trágicas semelhantes e efeitos de choro: a razão pode ter sido o ideal, mas a retórica mesmo irracionalista fez parte do DNA da forma”²⁷

²⁴ Ibid., p.8. Texto original: “Explanatory as well as declarative, and expressive of the beliefs, attitudes, and motivations as well as of the professed goals of those who led and supported the Revolution, the pamphlets are the distinctive literature of the Revolution. They reveal, more clearly than any other single group of documents, the contemporary meaning of that transforming event.”

²⁵ Ibid., p.11. Texto original: “The pamphlets abound in aphorisms: a section of one sermon is in effect nothing but a mosaic of aphorisms. There are apostrophes, hyperboles, and vivid personifications. There are subtle transitions that seek to ease the flow of thought, and others contrived to interrupt it, to surprise and fix attention. Even the most crudely bombastic harangues contain artful literary constructions.”

²⁶ GALCHINSKY, Michael. Political pamphlet. IN: BURWICK, Frederick. **the encyclopedia of romantic literature**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2012.

²⁷ Ibid., p.5. Texto original: “Yet even the rationalists’ own pamphlets are filled with similar tragic paintings and weeping effects: reason may have been the ideal but impassioned, even irrationalist rhetoric was part of the DNA of the form”.

É importante salientar que esse conflito interno diagnosticado por Galchinsky é compreendido como um aspecto formal e, portanto, não é reflexo do estilo da escrita de algum autor. Em suas palavras: “a dialética da razão e do sentimento torna os panfletos internamente conflitantes, mas isso é uma característica da forma, não um problema exclusivo de qualquer autor em particular.”²⁸

Um segundo aspecto que o filósofo salienta sobre a forma do gênero que está investigando é a criação de um ponto de vista democrático. Trazendo em si uma linguagem racional e passional, o panfleto encarna as contradições da esfera pública e endereça a sua mensagem ao leitor em termos de igualdade e intimidade. A mensagem do texto, portanto, é horizontal e não vertical.

Derivado da dialética entre razão e paixão, o terceiro aspecto apresentado no argumento é um estilo que tende ora à eloquência ornamentada, ora à linguagem direta. Nas palavras do autor:

Assim como os panfletos incorporam uma dialética entre razão e paixão, seu estilo estava equilibrado entre a eloquência ornamentada e o discurso direto. No lado da eloquência estavam as técnicas estilísticas que os panfletários pegaram da poesia, ficção, drama e da oratória, tais como o apóstrofo, paralelismo, simbolismo, diálogo, configuração de descrição, e as possibilidades dramáticas e rítmicas da prosa falada e escrita.²⁹

As duas últimas características apontadas pelo filósofo residem na orientação temporal do texto e na epistemologia que ele incorpora. Para Galchinsky, a orientação temporal é sempre o presente. São as questões da contemporaneidade do panfletário que o forçam a publicar um texto de intervenção. Quanto à sua epistemologia, o panfleto é caracterizado pela certeza e a estrutura de repetição que pode ser vista nos panfletos (por exemplo na utilização de frases em paralelo ou na utilização de perguntas retóricas) é tomada para vivificar essa certeza. Nas palavras do autor:

Adaptando seu tom racional/sentimental, sua voz democrática, seu estilo simples/eloquente e sua

²⁸ Ibid., p.5. Texto original: “The dialectic of reason and sentiment does make the pamphlets internally conflicted, but this is a characteristic of the form, not a problem unique to any particular author.”

²⁹ Ibid., p.7. Texto original: “Just as the pamphlets embodied a dialectic between reason and passion, their style was balanced between ornate eloquence and plain speech. On the side of eloquence were the stylistic techniques pamphleteers borrowed from poetry, fiction, drama, and oratory, such as apostrophe, parallelism, symbolism, dialogue, setting description, and the dramatic pacing and rhythmic possibilities of spoken and written prose.”

contemporaneidade, a epistemologia do panfleto caracteriza-se pela certeza. É sério, seguro de convicções, livre de dúvidas; pode ser amargamente satírico, mas nunca é irônico. [...] defende uma causa e não dá margem aos seus adversários. Antecipa as objeções e está convencido de que respondeu a todas elas irrefutavelmente - através da persuasão, se possível, através do ataque *ad hominem*, se necessário.³⁰

Os panfletos que Morris publicou entre os anos de 1883 e 1890 podem ser lidos à luz dessa discussão sobre o gênero levada a cabo por Bailyn e por Galchinsky. Em todos os seus textos, Morris articula uma linguagem direta com a intenção de convencer o seu leitor a tomar partido da causa revolucionária e agir de forma a acelerar o processo revolucionário inglês. Além disso, em vários momentos, ele utiliza construções literárias como paralelismos, perguntas retóricas e ironia. Por fim, seus panfletos também apresentam um alto grau de certeza nas suas análises e a sua orientação, mesmo quando se refere à força da História, é sempre o presente, a Inglaterra do século XIX.

O panfleto *Anarquismo e socialismo*, publicado pelo autor em 1889, é um exemplo típico do que está exposto.³¹ Em um texto curto (de aproximadamente 4 páginas) oferece-se uma resposta a James Blackwell, um membro anarquista da *Liga Socialista*. Blackwell havia proposto que o partido adotasse as resoluções que foram estabelecidas pelo congresso anarquista de Valência e trouxe o conceito de “anarquismo-comunismo” para o centro do debate. Para Blackwell, em um artigo publicado no jornal *Commonweal* no dia 13 de abril de 1889, a Liga deveria se colocar “contra todo princípio de autoridade” porque a autoridade, seja qual for, sempre degenera-se em tirania³². Morris, no argumento central de seu panfleto, apresenta a posição de seu correligionário como equivocada porque estava certo de que alguma autoridade tem de se impor, mesmo em uma sociedade que foi transformada por uma revolução socialista. O comunismo para o cidadão vitoriano estabelece, a título de exemplo, a “autoridade da maioria”. Esse contexto

³⁰ Ibid., p.8. Texto original: “Suiting its rational/sentimental tone, its democratic voice, its plain/eloquent style, and its contemporaneity, the pamphlet’s epistemology is characterized by certainty. It is earnest, sure of convictions, free of doubt; it may be bitterly satirical, but is never ironic. [...] It advocates for a cause and gives no quarter to its opponents. It anticipates objections and is convinced that it has answered them all irrefutably - through persuasion if possible, through ad hominem attack if necessary.”

³¹ MORRIS, William. Socialism e anarquism. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/morris/works/1889/sa/sa.htm>. Último acesso em: 14. Março. 2023.

³² Cf: THOMPSON, E.P. **William Morris**: De romântico a revolucionário. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988, pp. 507-510.

sinaliza para dois elementos que são basilares do gênero panfletário: a linguagem declarativa (tal como apresentou Bailyn) e a orientação temporal do presente (como foi demonstrado por Galchinsky).

Morris afirma, em linguagem direta e já na primeira linha do texto, seus interesses ao escrevê-lo:

“Em resposta à sugestão do nosso camarada Blackwell e à falta de alguém que comece aquela discussão livre de que ele fala, gostaria de anotar alguns pensamentos sugeridos pela leitura das cláusulas do Congresso Anarquista de Valência, como afirmou nosso camarada [...]”³³

Nesse sentido, não há dúvidas para o leitor do que será expresso ao longo do panfleto. Além disso, a resposta a Blackwell está restrita a um tempo específico: o ano de 1889. O texto não busca rememorar o passado e nem projetar o futuro, antes, busca unicamente responder a um problema da sua contemporaneidade.

Além disso, tal como Galchinsky afirmou sobre o gênero em geral, *Socialismo e anarquismo* é uma intervenção literariamente estilizada e dotada de uma retórica apaixonada que está formalmente articulada com um tentativa de elaboração racional. É possível ver momentos em que Morris busca descrever os elementos com os quais trabalha de maneira racional ao mesmo tempo em que é possível ver momentos em que o autor expressa anseios e medos. A racionalidade pode ser atestada na tentativa de definição conceitual do comunismo: “Começarei por dizer que me considero comunista e não desejo qualificar essa palavra juntando-a a qualquer outra. O objetivo do comunismo me parece ser a completa igualdade de condições para todas as pessoas [...]”³⁴

Valendo-se de perguntas retóricas como estilo para discutir o que pretende, o cidadão vitoriano afirma:

Qualquer comunidade concebível às vezes determinará uma ação coletiva que, sem ser imoral ou opressiva, causaria dor a alguns de seus membros; e o que deve ser feito então, se acontecer de ser um negócio que deve ou

³³ MORRIS, W., op. cit., n.p. Texto original: “In answer to our comrade Blackwell's suggestion and in default of someone else beginning that free discussion he speaks of, I wish to note down a few thoughts suggested by reading the clauses of the Anarchist Congress at Valentia, as stated by our comrade [...]”

³⁴ Ibid., n.p. Texto original: “I will begin by saying that I call myself a Communist, and have no wish to qualify that word by joining any other to it. The aim of Communism seems to me to be the complete equality of condition for all people [...]”

ser feito ou deixado de lado? A pequena minoria teria que ceder ou a grande maioria?³⁵

E, depois de estilizar o seu argumento com perguntas retóricas, o autor apresenta também os seus receios:

Um exemplo concreto será útil aqui, especialmente porque afeta meu temperamento. Sempre acreditei que a realização do socialismo nos daria uma oportunidade de escapar daquela grave inundação de utilitarismo com que o pleno desenvolvimento da sociedade contratual nos amaldiçoou; mas isso seria apenas a longo prazo; E acho muito provável que nos primeiros dias do socialismo o reflexo do terror da fome, que nos oprime agora, nos leve a excessos de utilitarismo.³⁶

Socialismo e anarquismo, como se pode conferir, é um exemplo bem acabado dos aspectos formais que Bailyn e Galchinsky descreveram acerca do panfleto. Morris se coloca na tradição desse gênero para defender as suas posições teóricas e práticas, sempre orientado por alguma circunstância específica. Porém, se tomarmos um conjunto de panfletos do autor, é possível perceber que há uma unidade temática ao longo das publicações: o tema da revolução. Mais do que isso, Morris vai lapidando e melhorando o que entende ser o evento capaz de transformar a sociedade britânica oitocentista. Produz mesmo uma teoria da revolução socialista que começa trazendo o conceito para o quadro geral de suas análises.

1.1. Revolução: incorporação do conceito.

William Morris ingressou na discussão e na prática políticas apenas na década de 1870, quando a Inglaterra começou a debater o que ficou conhecido como “Questão Oriental”. Esse termo designa uma querela em meio à sociedade

³⁵ Ibid., n.p. Texto original: Any community conceivable will sometimes determine on collective action which, without being in itself immoral or oppressive, would give pain to some of its members; and what is to be done then if it happens to be a piece of business which must be either done or left alone? would the small minority have to give way or the large majority?

³⁶ Ibid., n.p. Texto original: “A concrete example will be of use here, especially as it affects my temperament. I have always believed that the realization of Socialism would give us an opportunity of escaping from that grievous flood of utilitarianism which the full development of the society of contract has cursed us with; but that would be in the long run only; and I think it quite probable that in the early days of Socialism the reflex of the terror of starvation, which so oppresses us now, would drive us into excesses of utilitarianism.”

acerca da política externa do então primeiro-ministro britânico Benjamin Disraeli que apoiou a invasão turca na Bulgária. Em 1876, Morris aceita o cargo de tesoureiro na associação da questão oriental (*Eastern question association*), organização que teceu duras críticas ao primeiro-ministro. É sintomático que o autor tenha se lançado às questões políticas em um contexto de guerra porque o termo “guerra” vai ser utilizado à exaustão nas suas análises sobre o fundamento econômico e social sobre o qual está alicerçada a sociedade capitalista.

Ainda que a década de 1870 tenha sido o momento inicial das preocupações de Morris quanto aos assuntos de ordem política, o socialismo entrou na trajetória do autor um pouco depois, em 1882. O historiador inglês Edward Thompson pontuou o momento em que o seu biografando gira à nova ideologia:

Foi este protesto juvenil [a paixão revoltosa contra o capitalismo encarnada no romantismo], que ainda queimava em seu peito que o colocou em contato (em 1882) com os pioneiros do socialismo na Inglaterra. E quando se apercebeu de que esses pioneiros não só partilhavam o seu ódio pela civilização moderna, mas também possuíam uma teoria histórica para explicar o seu crescimento, e a vontade de a substituir por uma sociedade nova, a velha chama ressurgiu intacta. Morris, o romântico rebelde, tornou-se um realista e um revolucionário³⁷

Ao longo da década de 1880, e agora dentro do movimento socialista, Morris definiu o sistema capitalista inglês como algo a ser superado através de palestras e de panfletos de sua autoria. A tônica geral desses trabalhos demonstra que o autor enxerga a solução para as questões inglesas na revolução, que em seu vocabulário significa a mudança total do sistema.

Em 1883 ele se aproximou dos socialistas ingleses sobre os quais tomou conhecimento um pouco antes. Esse é o ano, inclusive, que o seu ingresso em uma organização socialista-marxista se estabelece. Morris filia-se à federação social-democrata (*Social democratic federation*) cujo líder era Henry Hyndman. 1883 também é o ano em que publica em formato de texto uma de suas palestras

³⁷ THOMPSON, E. P. **De romântico a revolucionário**, op. cit., p. 12. Texto original: “Fue esta protesta juvenil, que todavía le quemaba en el pecho, lo que le puso en contacto -en 1882- con los primeros pioneros del socialismo en Inglaterra. Y cuando se percató de que estos pioneros no sólo compartían su odio hacia la civilización moderna, sino que además poseían una teoría histórica para explicar el crecimiento de aquélla, y la voluntad de sustituirla por una sociedad nueva, la vieja llama resurgió intacta. Morris, el romántico rebelde, se convirtió en un realista y en un revolucionario.”

cujo título era *A arte sob a plutocracia*³⁸ (*Art under plutocracy*), que veio a ser sua primeira obra socialista-marxista.

Em sua primeira manifestação, com um panfleto denso contendo 28 páginas, o ideário revolucionário de Morris condensa-se na sua defesa de uma mudança social que poderia ser construída pelo advento do socialismo. Em nenhum momento do panfleto o autor menciona o termo “revolução”, mas insiste na capacidade do socialismo de alterar a competição existente na sociedade capitalista pela cooperação entre os produtores³⁹. No entanto, a obra não trata exclusivamente da alteração social possível no desenvolvimento do socialismo, mas também de uma preocupação com o lugar da arte na sociedade capitalista. Na verdade, esses dois fatores estão ligados no argumento de Morris.

O título da palestra (*arte sob a plutocracia*) indica que há uma dupla preocupação: uma de ordem artística e outra de ordem social. Esses elementos vão percorrer a maior parte dos panfletos do autor ao longo das décadas de 1880 e 1890. A arte na leitura que ele faz é um fator que demonstra como está se desenvolvendo a sociedade na qual ela se insere.

Esse ponto fica claro logo nos primeiros passos do panfleto. Depois de afirmar que não vai discorrer sobre escolas artísticas ou defender um posicionamento específico, o teórico socialista afirma que vai debater os obstáculos que se colocam frente à arte e que a impedem de ser o que deveria: uma ajuda e um consolo para a vida diária de todos os homens. Morris diz àqueles que imaginam que a arte anda bem no seu desenvolvimento que ele entende esse posicionamento vindo de quem não entende o que o escopo da arte é, a forma como ela está ligada à sociedade e à vida das classes trabalhadoras.

³⁸ MORRIS, William. *Art under plutocracy: a lecture delivered at university college*. IN: **The collected works of William Morris**. New York: Cambridge University Press, 2012.

³⁹O tema da cooperação aqui guarda estreitas relações com o tema da associação, largamente trabalhado pelos socialistas utópicos no século XIX. Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen têm, como um dos fundamentos da sua obra, uma apreciação acerca da associação. Para um melhor entendimento acerca da associação e da transformação social em Robert Owen, cf. ROGERS, Chris. Robert Owen, utopian socialism and social transformation. IN: **Journal of the history of the behavioral sciences**, v. 54, n. 4, pp. 256-271, 2018. Para um comentário acerca dos falanstérios, a associação específica elaborada por Charles Fourier, cf. BARROS, José D'Assunção. Os falanstérios e a crítica da sociedade industrial: revisitando Charles Fourier. IN: **Mediações**, v. 16, n. 1, pp. 239 - 255, 2011. E, para um panorama comparativo sobre a associação em Saint-Simon, Fourier e Marx, cf. PERRU, Olivier. Le concept d'association et l'unité politique : étude critique chez Saint-Simon, Fourier et Marx. IN: **Philosophiques**, v. 26, n. 1, pp. 83 - 108, 1999.

Mesmo quando especifica o que entende por arte e como observa-a ao longo da história europeia, o texto não deixa de entendê-la junto de seu contexto social e de fazer críticas à situação histórica vivida na Inglaterra vitoriana. Nessa perspectiva, a arte pode ser dividida em dois blocos: arte intelectual e arte decorativa. A primeira busca satisfazer unicamente as necessidades da mente (cujo poema é um exemplo) enquanto a segunda busca satisfazer as necessidades do corpo (cujo artesanato é um exemplo).

Nas palavras de Morris:

[...] A arte deve ser amplamente dividida em dois blocos, dos quais podemos chamar o primeiro Intelectual, e o segundo de Arte Decorativa, usando as palavras como meras formas de conveniência. O primeiro tipo se dirige inteiramente às nossas necessidades mentais [...] O segundo, embora muito dele também apele à mente, é sempre apenas uma parte das coisas que são destinadas principalmente ao serviço do corpo.⁴⁰

Para o autor, em momentos de florescimento da arte, esses blocos mesclam-se um no outro. Ademais, nesses momentos os dois blocos estão tão interligados que o melhor artista é visto como um trabalhador e o mais humilde dos trabalhadores é visto como um artista, mas o diagnóstico de Morris é que a sua época está longe de tal florescimento: os artistas intelectuais são reconhecidos e ocupam os espaços mais altos na hierarquia social enquanto que os artistas decorativos ganham os menores salários e ocupam um lugar pouco privilegiado nessa hierarquia.

No entanto, mesmo com um diagnóstico pouco favorável à situação da arte em seus dias, o cidadão britânico indica uma esperança com o futuro. A razão que o permite vislumbrar esse futuro esperançoso está ancorada na concepção de que a arte é condicionada pelas relações sociais, principalmente as que se estabelecem no trabalho. Nesse sentido, a alteração dessas relações sociais favoreceria um novo florescer artístico.

⁴⁰ MORRIS, W., op. cit., pp.165-166. Texto original: “[...] Art must be broadly divided into two kinds, of which we may call the first Intellectual, and the second Decorative Art, using the words as mere forms of convenience. The first kind addresses itself wholly to our mental needs [...] The second, though so much of it as is art does also appeal to the mind, is always but a part of things which are intended primarily for the service of the body.”

A preocupação que o autor tem com a arte no ano de 1883 pode ser vista nos títulos dos panfletos que ele publicou nesse ano: *Arte, riqueza e ricos*⁴¹; *A arte e as pessoas: um protesto socialista*⁴²; *arte e democracia*⁴³; *A arte e as pessoas: para onde estamos indo?*⁴⁴ Isso porque Morris ainda está trazendo consigo uma influência da juventude: a teoria social da arte de John Ruskin.

A obra de Ruskin que influenciou a juventude de Morris foi *Pedras de Veneza*, na qual ele buscou discutir as arquiteturas da cidade. Ao longo das suas análises, é possível perceber que o autor compreende a qualidade da arte (no caso, a arte expressa nas arquiteturas) como reflexo da realidade social. Além disso, há na teoria social de Ruskin um entendimento de que a arte deve ser vista como sendo produzida pelo trabalho cotidiano dos indivíduos.⁴⁵

P.D. Anthony buscou analisar a teoria social da arte em Ruskin e, na sua tentativa de apreensão, analisou elementos específicos da obra do autor em questão, além de demonstrar o papel que cada um deles desempenhou na teoria. A divisão da sociedade, a educação e a justiça são exemplos desses elementos.⁴⁶

Anthony chamou a atenção para a relação estabelecida por Ruskin entre trabalho e arte na figura da arte gótica, um dos objetos que Ruskin utilizou para construir sua teoria. Em suas palavras:

A admiração de Ruskin pela arquitetura gótica não é imitativa, baseia-se na crença fundamentada de que exigia formas de organização social e formas de trabalho manual superiores às da sociedade contemporânea e que refletia um padrão social baseado em valores essenciais para o desenvolvimento e a felicidade humana.⁴⁷

⁴¹ MORRIS, William. Art, wealth and riches. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/morris/works/1883/riches/>>. Acesso em: 06. Julho. 2023.

⁴² MORRIS, William. Art and the people: a socialist's protest. IN: Marxists.org. Disponível em: https://www.marxists.org/archive/morris/works/1883/art_people.htm > Acesso em: 06. Julho. 2023

⁴³ MORRIS, William. Art and democracy. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/morris/works/1883/art_democracy.htm>. Acesso em: 06. Julho. 2023

⁴⁴ MORRIS, William. Art and the people: where are we going? Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/morris/works/1883/art_where.htm> Acesso em: 06. Julho. 2023

⁴⁵ Para mais informações sobre esse ponto, Cf: AMARAL, Cláudio Silveira. John Ruskin e as Pedras de Veneza. In: **Oculum Ensaios**, pp.281-295, 2015. Disponível em: <2400-7997-2-PB.pdf> Último acesso em: 28. Maio. 2021.

⁴⁶ ANTHONY, P. D. **John Ruskin's labour**: a study of Ruskin's social theory. Cambridge: Cambridge university press, 1983.

⁴⁷ Ibid., p. 46. Texto original: "Ruskin's admiration for gothic architecture is not imitative, it is based on the reasoned belief that it required forms of social organisation and forms of manual labour that are superior to those of contemporary society and that it reflected a

A leitura de Ruskin, Anthony deixa claro na abertura do capítulo no qual se insere a citação anterior, desempenhou uma influência sobre Morris no início dos anos 1880:

O sexto capítulo do segundo volume de *As pedras de Veneza, A natureza do gótico*, representa a fusão da preocupação estética e social de Ruskin; assim como nenhum elemento é separável do outro ao longo de sua obra, ambos estão presentes neste capítulo. Ruskin veio a descrevê-lo como o mais importante em todo o livro, como “o credo, se não for a origem, de uma nova escola industrial de pensamento”. Teve um impacto profundo e imediato em Burne-Jones e William Morris quando o leram em Oxford.⁴⁸

A palestra *Arte sob a plutocracia*, munida de um arsenal teórico apropriado de autores como Ruskin, apresenta um cenário pouco atrativo da Inglaterra vitoriana, mas não deixa de postular que uma alteração social significaria o ressurgimento de uma arte saudável. A responsável por essa alteração seria a evolução da História. Em outras palavras, a mudança, na forma como exposta por Morris, é um produto da História.

A sua leitura da História e a sua esperança podem ser observadas nesta citação:

Mas embora eu não tenha aprendido, fui ensinado que o sistema patriarcal extinguiu-se no do cidadão e do escravo, que por sua vez deu lugar ao do senhor feudal e ao servo, que, passando por uma forma modificada, em que o burguês, o artesão chefe da guilda e o seu artífice desempenharam o seu papel, foi suplantado pelo sistema do chamado contrato livre agora existente. Que todas as coisas desde o início do mundo têm tendido para o desenvolvimento deste sistema, admito de bom grado, uma vez que existe; que todos os eventos da história ocorreram com o propósito de torná-lo eterno, a própria evolução desses eventos me proíbe de acreditar⁴⁹.

social pattern based upon values which are essential to human development and happiness.”

⁴⁸ Ibid., p. 45. Texto original: “The sixth chapter of the second volume of *The Stones of Venice*, ‘The nature of gothic’, represents the fusion of Ruskin’s aesthetic and social concern; just as neither element is separable from the other throughout his work, both are present in this chapter. Ruskin came to describe it as the most important in the whole book, as ‘the creed, if it be not the origin, of a new industrial school of thought’. It made a profound and immediate impact on Burne-Jones and William Morris when they read it at Oxford.”

⁴⁹ Ibid., p.172. Texto original: “But though I am not learned, I have been taught that the patriarchal system died out into that of the citizen and chattel slave, which in its turn gave place to that of the feudal lord and the serf, which, passing through a modified form, in which the burgher, the gild-craftsman and his journeyman played their parts, was supplanted by the system of so-called free contract now existing. That all things since the beginning of the world have been tending to the development of this system I willingly

Seguindo essa ideia, a emergência da associação no lugar da competição alteraria as relações de trabalho maléficas para a arte e permitiria a sua regeneração. Por isso, o autor defende o “socialismo reconstutivo” como uma saída possível aos problemas da arte vistos na sua contemporaneidade. Esse socialismo é, para o teórico inglês, uma tentativa de suprir o descontentamento com a sociedade capitalista apresentando uma esperança na mudança que não encarna a destruição. Por isso que ele tem como antípoda o “socialismo destrutivo” que busca derrubar a sociedade capitalista aplicando-lhe golpes a qualquer sacrifício.

Como se pode observar acima, em 1883, a mudança da sociedade capitalista é entendida no vocabulário de Morris como uma alteração que superaria a competição em prol da cooperação entre os trabalhadores. Além de representar uma mudança na forma de produção social, essa atitude oxigenaria a arte em uma direção diferente da que foi condicionada na Inglaterra oitocentista. A sua esperança na mudança repousa no poder das transformações da História. Há, portanto, uma certeza no Morris de que é necessária a mudança completa da sociedade em que ele vive, mas essa certeza não se incorpora no conceito de revolução.

Algo que se altera no ano seguinte. Em 1884, Morris já tem alguns meses de filiação à SDF (*Social Democratic Federation*) e logo em janeiro começou a publicar artigos e colunas no jornal da organização, intitulado *Justice*. Ao longo desse ano pode-se ver que o escritor inglês refina algumas de suas ideias defendidas em *Arte sob a plutocracia*. No entanto, a alteração mais significativa está presente na utilização explícita do termo “revolução”.

O trabalho que Morris publicou junto com Hyndman é um exemplo da leitura que se pretende defender. Em *Um sumário dos princípios do socialismo*⁵⁰ (*A summary of the principles of socialism*), publicado no jornal *To-day* em 64 páginas, os autores discutem os pontos principais da teoria socialista e a possibilidade de uma transformação social na Inglaterra da época. Com esse objetivo em mente, eles descrevem uma história da escravidão desde a Grécia antiga até os seus dias. O argumento presente na obra consiste no entendimento de

admit, since it exists; that all the events of history have taken place for the purpose of making it eternal, the very evolution of those events forbids me to believe.”

⁵⁰ HYNDMAN, Henri; MORRIS, William. **A summary of principles of socialism**. London: the modern press, v. 13, n.14, 1884.

que a escravidão e o servilismo nunca deixaram de existir, apenas adquiriram novas formas. Ao lado desse argumento, a obra busca descrever o desenvolvimento do capitalismo na Europa. É nesse contexto que Morris e Hyndman apresentam o entendimento socialista sobre as relações sociais desse modo de produção nos seguintes termos:

Mas de onde veio a riqueza assim acumulada pelos poucos fora do trabalho de outros - pelos agricultores capitalistas no país, pelos proprietários de fábricas capitalistas e vadios nas cidades? Do trabalho excessivo dos trabalhadores que estavam irremediavelmente divorciados dos meios de produção, e eram obrigados a vender sua força de trabalho ao capitalista pelos salários mais baixos de subsistência. A lei econômica de tal competição entre os trabalhadores, como a que tem acontecido na Inglaterra desde o final do século XVIII, é admitida pelos capitalistas, e seus lacaios, os economistas políticos, eles mesmos. O único objetivo da produção é a produção para o lucro, o capitalista, é claro, compra a força de trabalho que o trabalhador necessitado é levado a vender ao menor preço possível em salários. Esse preço, agora acordado, corresponde, em média, às necessidades sociais representadas pelo padrão de vida na classe a que pertence o vendedor da força de trabalho.⁵¹

Como pode ser visto, há aqui uma crítica dos fundamentos do capitalismo e uma demonstração de que as condições dos trabalhadores foram condicionadas pelos meios de produção que eram alheios a eles. Dessa forma, mesmo tendo desenvolvido muitas técnicas que permitiam acelerar o trabalho e aumentar a produção, o sistema econômico sobre o qual a Inglaterra do final do século XIX estava fundada não conseguia oferecer nada além do que o preço médio para as necessidades dos trabalhadores. Diante desse cenário, a proposta que pode ser visualizada na última parte do texto é a substituição do sistema econômico. Nas palavras do texto: “Portanto, dizemos mais uma vez que esta é uma guerra de classes; nós a conhecemos; estamos nos preparando para ela; nos alegramos com

⁵¹Ibid., pp. 33-34. Texto original: “But whence came the wealth thus accumulated by the few out of the labour of others - by the capitalist farmers in the country, by the capitalist factory owners and loiterers in the towns? Out of the excessive labour of the workers who were hopelessly divorced from the means of production, and were compelled to sell their labour-force to the capitalist for the lowest subsistence wages. The economical law of such competition among the workers as that which has gone on in England since the end of the eighteenth-century, is admitted by the capitalists, and their feglemen, the political economists, themselves. The one object of production being production for profit, the capitalist of course buys the labour-force which the needy worker is driven to sell at the lowest possible price in wages. This price, it is now agreed, corresponds on the average to the social needs represented by the standard of life in the class to which the seller of labour-force belongs.”

sua aproximação. Queremos quebrar a concorrência e substituir a organização e a cooperação universais.”⁵²

Não há na citação acima nenhuma diferença com a proposta esboçada no panfleto *Arte sob a plutocracia*. Em ambos os casos a cooperação entre os trabalhadores é entendida como a mudança necessária na substituição do sistema capitalista competitivo. O elemento novo do panfleto *Sumário dos princípios do socialismo* está em outro lugar. Eles, esperançosos na mudança do sistema inglês a despeito da dificuldade de levar a cabo a cooperação, concluem nesses termos: “A revolução está preparada no seio da sociedade, precisa apenas de um esforço extenuante e organizado para manifestar o novo período em forma legal e reconhecida para o mundo.”⁵³

A revolução surge aqui explicitamente como o evento político capaz de trazer um novo período à Inglaterra. Vê-se com essa *nuance* introduzida no panfleto que Morris complexifica a sua análise da mudança social na passagem do ano 1883 ao ano de 1884 trazendo para o centro do seu pensamento o termo revolução.

Mas essa inovação do texto não retira de Morris e Hyndman a importância que eles conferem à arte. No entendimento do panfleto, o capitalismo que deve ser abatido por uma revolução reduz o poder da arte de expressar a beleza da vida e a aprisiona nas operações do comércio. É por causa disso que as últimas frases do panfleto mobilizam esse tema para fazer um chamado à revolução:

Assim, baseados na ciência e na economia política, regozijando-nos com a beleza de uma arte emancipada, com nosso credo social como nossa única religião - a organização científica do trabalho e a fraternidade universal do homem - apelamos para homens e mulheres de todas as classes, todos os credos e todas as nacionalidades para se juntar a nós na luta em que ninguém pode falhar, para preparar para si e para seus filhos um lugar mais nobre, mais elevado do que tem sido até agora o lugar deles e para passar a inúmeras gerações essa alegria, essa beleza e esse contentamento

⁵² Ibid., p. 60. Texto original: “Therefore, we say once more this is a class war; we know it; we are preparing for it; we rejoice at its near approach. We mean to break down competition, and to substitute universal organisation and co-operation.”

⁵³ Ibid., p.61. Texto original: “The revolution is prepared in the womb of society, it needs but one strenuous and organised effort to manifest the new period in legal and acknowledged shape to the world.”.

perfeito que podem surgir somente do verdadeiro socialismo.⁵⁴

O autor que Morris e Hyndman estão lendo para fundamentar a sua proposta de revolucionar a Inglaterra e emancipar a arte do século XIX é Karl Marx. Termos como “guerra de classes” e “meios de produção” foram retirados diretamente dele. A influência do escritor alemão no panfleto é esclarecida pelos próprios revolucionários como se pode ver na citação a seguir: “Karl Marx foi o cérebro do movimento que mais cedo se espalhou para todos os países civilizados e causou grave desconforto para os tribunais e gabinetes da Europa”⁵⁵

No entanto, a leitura que Morris e Hyndman fazem de Marx é específica e não segue a tradição marxista que foi cunhada logo após a morte do filósofo alemão. Uma das figuras centrais na constituição dessa tradição foi Friedrich Engels porque, a despeito de não ter planejado, foi o autor que publicou obras que elaboraram o que ficou conhecido como socialismo científico. Visto como herdeiro imediato de Marx, Engels foi responsável também pela criação do marxismo e as suas análises sobre grupos e personalidades socialistas foram aceitas por todo o período. De sorte que aqueles que eram combatidos por Engels passaram a ser extirpados do movimento socialista ou vistos como ingênuos. Morris foi um desses ingênuos na análise de Engels.

1.2. Morris: adversário de Engels.

Depois da morte de Marx, em 1883, Engels continuou se correspondendo com revolucionários ingleses e publicando textos acerca do “socialismo científico”⁵⁶ nos seus jornais. Dessa forma, algumas leituras que Engels

⁵⁴ Ibid., p. 62. Texto original: “Thus then, based upon science and political economy, rejoicing in the beauty of an enfranchised art, with our social creed as our only religion - the science organisation of labour, and the universal brotherhood of man - we appeal to men and women of all classes, all creeds and all nationalities to join us in the struggle wherein none can fail, to prepare for themselves, and for their children a nobler, higher lot than has hitherto been theirs and to pass on to countless generations that joy, that beauty and that perfect contentment which can arise from true socialism alone.”

⁵⁵ Ibid., p.48. Texto original: “Karl Marx was the brain of the movement which sooner spread to every civilised country and occasioned grave uneasiness to the courts and cabinets of Europe”.

⁵⁶ Em 1848, Marx e Engels publicaram *O manifesto do partido comunista* e apresentaram uma crítica sistemática do socialismo utópico. Para esses autores, o socialismo utópico idealiza uma sociedade e em seguida busca criá-la efetivamente. O socialismo científico, em contrapartida, busca compreender as tendências da realidade e construir o socialismo de acordo com as circunstâncias históricas específicas. Friedrich Engels, depois da morte de Marx, elaborou o desenvolvimento final do socialismo científico no

empreendeu circularam nos grupos revolucionários, sobretudo os que se encontravam na Inglaterra. Seamus Flaherty buscou analisar a relação de alguns autores (Ernest Belfort Bax, Henry Hyndman e Morris) com o marxismo e a sua análise o forçou a esquadriñar o cenário ideológico do movimento socialista inglês do século XIX⁵⁷. Seus objetivos ficam claros na introdução da obra:

Este livro tem duas preocupações principais. Em primeiro lugar, é um estudo de recepção (em sentido estreito) das ideias de Marx (e Engels) na Grã-Bretanha. O livro reconstrói como H. M. Hyndman, E. B. Bax e William Morris interagiram com Marx e o “Marxismo”. E, em segundo lugar, o livro reavalia, mais amplamente, as origens do socialismo moderno na Grã-Bretanha.⁵⁸

É possível observar ao longo de suas leituras que o historiador compreende o movimento revolucionário inglês oitocentista como profundamente influenciado por Friedrich Engels. Com a finalidade de demonstrar a sua hipótese, ele apresenta um texto publicado pelo filósofo alemão em 1885, no jornal da recém-fundada *Liga socialista (Socialist League)*, que tinha William Morris como um de seus líderes.⁵⁹ Nesse texto, Engels afirma que o socialismo morreu na Inglaterra junto com o desaparecimento do owenismo.

Além disso, o historiador inglês também afirma que o livro *A condição da classe trabalhadora na Inglaterra* revela que Engels compreendia o renascimento do socialismo no país com a emergência do novo sindicalismo e, arrematando o seu argumento, sustenta que o amigo de Marx formulou um esquema histórico do socialismo inglês que foi seguido pelos historiadores subsequentes. Esse esquema

livro *Anti-Duhring*. Um dos capítulos do livro (*Do socialismo utópico ao socialismo científico*) traça as fronteiras entre as duas formas dessa ideologia. Cf: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998; ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 6º Ed. São Paulo, Global editora, 1984.

⁵⁷ FLAHERTY, Seamus. **Marx, Engels and modern British socialism: the social and political thought of H.M Hyndman, E. B. Bax and William Morris**. Londres: Palgrave Macmillan, 2020.

⁵⁸ Ibid., p.12. Texto original: “This book has two main concerns. In the first instance, it is a reception study (narrowly conceived) of Marx’s (and Engels’s) ideas in Britain. The book reconstructs how H. M. Hyndman, E. B. Bax, and William Morris interacted with Marx and ‘Marxism’. And second, the book re-appraises, more broadly, the origins of modern socialism in Britain.”

⁵⁹ O texto de Engels que serviu de fonte a Flaherty é *Socialismo desde o desaparecimento do owenismo (Socialism Since the Dying-out of Owenism)*. Também vale a ressalva de que Morris rompeu com a SDF depois que Hyndman aprovou uma resolução no interior do partido que aceitava as eleições parlamentares. Essa resolução foi compreendida como capitulação por uma ala da organização que decidiu romper com ela, o que de fato ocorreu em 1884. Na última parte deste capítulo, intitulada “A tática revolucionária e a construção da revolta”, esse cenário é mais bem delimitado. Cf: Capítulo 1:9.

tinha 4 pontos: O entendimento de que a Revolução industrial criou o proletariado; o entendimento de que, entre a queda do cartismo e o renascer do socialismo com o novo sindicalismo houve um vácuo na história do socialismo inglês; uma distinção entre socialismo utópico e científico e o entendimento de que a teoria do socialismo não-marxista era fraca.

Flaherty defende a persistência desse esquema depois da morte de Engels de duas formas: em primeiro lugar, os historiadores utilizaram a periodização estabelecida e destacaram personalidades e grupos importantes para o movimento socialista; em segundo lugar, eles endossaram a pecha de “não-marxistas” e mesmo “não-socialistas” aos mesmos autores rejeitados por Engels cujos casos principais foram Bax e Hyndman. Morris também foi avaliado e, a despeito de não receber uma acusação tão forte quanto a de Bax e Hyndman, foi visto como apenas um sonhador. O filósofo alemão via no Morris alguém sem fundamentação teórica cujas ideias eram pouco realistas, o que se pode ver na citação a seguir: “Com exceção de Morris, que Engels denominou 'um sonhador sentimental puro e simples', as reputações dos presentes na fundação do 'marxismo' durante a década de 1880 não se saíram bem”⁶⁰

Para além da esquematização de Engels, que tem como uma de suas características extirpar autores e grupos do movimento socialista, ele elaborou a substância do que ficou entendido pelo nome de “marxismo”. Segundo Flaherty, os livros *Anti-duhring*; *O discurso no enterro de Marx*; *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*; e *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* formaram o conteúdo do marxismo. Com isso em mente, o historiador inglês busca recuperar, nos quadros do movimento socialista, os autores que não se enquadraram perfeitamente na elaboração de Engels. Morris é um deles.

Ao longo das suas explanações sobre Morris, o historiador inglês busca mapear as influências que o autor sofreu e os oponentes contra quem se insurgiu. O seu objetivo é demonstrar que as disputas feitas por Morris foram em nome do socialismo e, portanto, ele não deveria ser visto como um ingênuo, como Engels preconizou.

⁶⁰ FLAHERTY, Seamus, op. cit., p.6. Texto original: “With the exception of Morris, who Engels termed ‘a sentimental dreamer pure and simple’, the reputations of those present at the foundation of ‘Marxism’ during the 1880s have not fared well”.

Nesse contexto, há o entendimento de que Morris foi influenciado por John Stuart Mill, Ernest Belford Bax, Henry Hyndman, Karl Marx e John Ruskin e teve como oponentes os socialistas fabianos⁶¹. Para demonstrar a sua hipótese, Flaherty apresenta os autores Annie Besant, que publicou o texto *Indústria sob o socialismo* (*Industry under socialism*) e George Bernard Shaw, que publicou *A transição para a social democracia* (*Transition to social democracy*) como expoentes do socialismo fabiano que se opuseram a Morris e contra quem Morris também se opôs.

Quanto a Besant, Morris criticou o que ela imagina ser o modo de vida associativo que as pessoas teriam sob o socialismo e, o que é mais importante, criticou também a concepção da autora fabiana de que o trabalhador seria apenas uma extensão das máquinas no modo de produção socialista. Quanto a Shaw, Flaherty afirma que as críticas de Morris são três. Em primeiro lugar, Morris o identifica com um fatalismo econômico. Ou seja, Bernard Shaw compreenderia que apenas uma mudança econômica acarretaria em uma transformação social completa. Em segundo lugar, criticou a concepção de intervenção estatal presente no revolucionário fabiano, para quem a intervenção é, em si mesma, uma política socialista. E, em último lugar, criticou a falta de elementos históricos nas análises propostas por ele.

Curiosamente, a caracterização que Flaherty tem de Morris foi fornecida pelo mesmo Bernard Shaw. Segundo a sua leitura, o autor fabiano compreendia Morris como um autêntico marxista, ainda que não nutrisse muito interesse pela teoria econômica ou mesmo por filosofia dialética. Em suas palavras:

George Bernard Shaw descreveu Morris como sendo “do lado de Karl Marx contra o *Mundum*”. Mas, ao mesmo tempo, Shaw admitiu que Morris sentia pouca necessidade de “uma patente dialética filosófica” ou uma “teoria econômica da exploração burguesa e mais-valia”. O comunismo de Morris era humanista; o positivismo e a teorização abstrata e não-normativa eram inteiramente estranhos à mentalidade de Morris.⁶²

⁶¹Os fabianos não se colocam contra o capitalismo por achá-lo injusto, mas por achá-lo ineficiente. Assim, sua proposta consiste em planificá-lo de uma maneira mais eficaz. Suas ideias consistem em uma economia de mercado centralizada em um órgão conduzido por profissionais capacitados. Para uma discussão sobre a teoria do socialismo fabiano e a sua concepção econômica, cf: STIGLER, George J. Bernard Shaw, Sidney Webb, and the theory of fabian socialism. IN: **Proceedings of the American Philosophical Society**, Vol. 103, No. 3, pp. 469-475, 1959.

⁶² FLAHERTY, Seamus, op. cit., p 228. Texto original: “George Bernard Shaw described Morris as being ‘on the side of Karl Marx contra mundum’. But, at the same time, Shaw

Com esse empréstimo feito de Shaw e depois de mais uma vez posicionar a distância entre Morris e Engels, o historiador inglês conclui atestando a influência que Morris recebeu de Marx. Em suas palavras:

O tempo, no entanto, para o pontificado sobre a relação Morris/ “Marxismo” já passou há muito tempo. Basta dizer que Morris era um pluralista que emprestava a noção de luta de classes de Marx e admirava muito o *Capital* de Marx. O Marx do *Capital* e o *Manifesto Comunista* foram apenas uma influência entre muitas, incluindo Bax, Ruskin e, como vimos aqui, Mill.⁶³

A estratégia que Flaherty utiliza para repensar Morris nos quadros do marxismo e do socialismo inglês é interessante, mas ela deixa escapar uma questão crucial: Morris estava buscando uma teoria própria da revolução inglesa e, portanto, ele leu Marx de uma maneira específica. Em outras palavras, ele retirou de Marx o que foi importante para a constituição da sua teoria da revolução. Faz-se fundamental mapear, não as influências que Marx exerceu sobre Morris, mas o Marx que Morris construiu para si mesmo.

1.3. Morris leitor de Marx: o filósofo do desenvolvimento histórico.

Em 1890, Morris deixou clara a influência que teve de Karl Marx⁶⁴. No entanto, a sua apropriação do autor foi bem específica. A primeira apropriação feita por Morris diz respeito à centralidade da revolução. Como o sociólogo brasileiro Francisco Weffort demonstrou, o tema da revolução foi central na obra de Marx e o acompanhou até a sua morte.⁶⁵

Em sua apreciação, a revolução é mais do que um elemento na teoria de Marx. É, na verdade, o coração da sua teoria. Assim, as contribuições que o

admitted that Morris felt little need for ‘a patent philosophic dialectic’ or an ‘economic theory of bourgeois exploitation and surplus value’. Morris’s communism was humanist; positivism and abstract, non-normative theorising was entirely alien to Morris’s cast of mind.”

⁶³ Ibid., p. 229. Texto original: “The time, however, for pontification on the Morris/‘Marxism’ relation has long since passed. It is enough to say that Morris was a pluralist who borrowed the notion of class struggle from Marx and admired Marx’s *Capital* greatly. The Marx of *Capital* and the *Communist Manifesto* was merely one influence among many, including Bax, Ruskin, and, as we have seen here, Mill.”

⁶⁴ MORRIS, William. How I became a socialist. In: **Marxists.org**. 1890. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/morris/works/1894/hibs/hibs.htm>>. Último acesso em: 25. Março. 2021.

⁶⁵ WEFFORT, Francisco. Marx: política e revolução. IN: **Os clássicos da política**. Vol 2. São Paulo: Editora ática, 2011.

filósofo alemão fez a áreas específicas como, por exemplo, à economia política estão ligadas à concepção de revolução que ele abraçava. Nas palavras de Weffort:

O compromisso de Marx com a revolução é, porém, algo mais do que a atitude de um militante revolucionário. Este compromisso está no miolo de sua teoria. Que outro significado poderia ter a sua afirmação sobre o caráter crítico e revolucionário da dialética? Assim, se é verdade que a teoria política de Marx não se entende sem sua “crítica da economia política”, também é verdade que não se entende a sua teoria sobre as contradições econômicas do sistema capitalista sem uma noção a respeito da revolução que estas contradições estariam preparando.⁶⁶

Morris, na leitura que fez de Marx, apropriou-se desse elemento revolucionário. O chamado feito a todos os trabalhadores no *Manifesto do partido comunista*⁶⁷ surtiu efeito no teórico inglês. E foi dessa forma que ele leu os autores do texto: como autores revolucionários. Entretanto, embora tenha lido e se apropriado de Marx, a leitura da teoria da revolução de Morris não pode ser reduzida aos textos do revolucionário alemão. O filósofo inglês Terry Eagleton buscou compreender o que significa revolução à luz do romance utópico de Morris *Notícias de Lugar Nenhum*⁶⁸. Ao longo das suas explanações, é possível observar que Morris tem uma concepção do processo revolucionário diferente do processo apresentado por Marx. Essa diferença mostra que, mesmo sendo um marxista, Morris não pode ser reduzido ao seu contemporâneo alemão. Nas palavras de Eagleton:

[...] O retrato incomparável da revolução britânica de Morris é mais sangrento do que a concepção de Marx sobre ela. Em sua própria noção adotada, Marx considerou, como em um punhado de outros países como a Holanda e os Estados Unidos, que havia uma chance razoável de uma transição relativamente pacífica para o socialismo.⁶⁹

É importante salientar, inclusive, que Morris sequer está preocupado em ser um intérprete da obra do filósofo em questão. Por causa disso, pode-se passar pelo todo de seu trabalho e não será encontrado mais do que alguns pequenos

⁶⁶ Ibid., p. 232.

⁶⁷ “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos”. IN: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998, p. 69.

⁶⁸ EAGLETON, Terry. William Morris and the idea of revolution. IN: **Contents**. v. 22, n. 2, 2017, pp. 10-17.

⁶⁹ Ibid., p.16. Texto original: “Morris’s matchless portrait of the British revolution is bloodier than Marx’s conception of it. In his own adopted notion, Marx considered, as in a handful of other countries such as Holland and the United States, there was a reasonable chance of a relatively peaceful transition to socialism.”

comentários sobre Marx. No entanto, há uma arma que Morris retirou da leitura revolucionária que fez do autor: a do desenvolvimento histórico do capitalismo e a possibilidade de interpretar a revolução inglesa nos marcos desse desenvolvimento. Com isso em mente, Morris posiciona Marx como um teórico da História. Esse instrumento encontrado na teoria marxista permite que o cidadão vitoriano justifique uma revolução na Inglaterra do século XIX.

Além disso, a leitura que Morris faz é mediada pelas conclusões que outros autores tiraram acerca da obra do filósofo alemão. Inicialmente com Hyndman (que vimos acima no panfleto *Sumário dos princípios do socialismo*) e depois com Belfort Bax, ele vai tomando conhecimento do marxismo e das análises que centralizavam a social democracia. A biografia de Morris produzida por Fiona McCarthy chama a atenção para a leitura mediada da filosofia de Marx feita pela sua personagem⁷⁰.

Segundo McCarthy:

Ao longo desses primeiros anos da *liga socialista*, Morris ainda estava aprendendo meticulosamente seu marxismo com Bax. Em 1887, ele registrou em seu curto diário socialista uma visita a Bax em Corydon, onde escreveram seu primeiro artigo sobre Marx [...].⁷¹

Pode-se ver a influência de Bax em Morris também nas referências que o último faz ao primeiro. Uma das primeiras frases de seu romance utópico *Notícias de lugar nenhum* encarna o título de um panfleto publicado por Bax em 1887: *The morrow of the revolution*.

As primeiras palavras do romance são:

“Certa noite lá na Liga [referência à Liga Socialista criada em 1885], diz um amigo, houve uma animada discussão informal sobre o que aconteceria no dia seguinte ao da revolução [*The morrow of the revolution*], que terminou finalmente numa declaração vigorosa das diferentes visões entretidas por vários amigos do futuro da nova sociedade completamente desenvolvida.”⁷²

No panfleto que cede o seu título à obra de Morris, Belfort Bax busca descrever em linhas gerais o que os socialistas fariam quando desencadeasse o

⁷⁰ MCCARTHY, Fiona. **William Morris: a life for our time**. Londre: Faber And Faber Ltd, 1995

⁷¹ Ibid., pp.665-666. Texto original: “Through these early years of the socialist league, Morris was still painstakingly learning his marxism from Bax. In 1887 he recorded in his short-lived socialist diary a visit to Bax in Corydon where they wrote their first article on Marx [...]”.

⁷² MORRIS, William. **Notícias de lugar nenhum**, op. cit., p. 25.

processo revolucionário na Inglaterra⁷³. Ele descreve três ações que seriam tomadas imediatamente pelos dirigentes da revolução: a redução da jornada de trabalho para oito horas ou menos, o fim da lei do máximo e do mínimo (que garantia o preço máximo de artigos necessários e o mínimo salário para um dia de trabalho na fábrica) e a revogação da lei civil. Esta entendida como um código que garante, entre outros direitos, a igualdade perante a lei. Para Bax, a lei civil é moderna e deve ser implementada nos países que não a tem, mas deve ser expurgada paulatinamente em direção às concepções socialistas. Em suas palavras:

Minha resposta, então, para aqueles que perguntam sobre o curso adequado para um governo revolucionário em matéria de jurisprudência é que, na minha opinião, tal governo deveria, em países onde o “Código Napoleão” [antes, Bax define o código napoleônico como a última expressão da lei civil] não vigora, suspender imediatamente o direito penal existente e o substituir por esse código, ao mesmo tempo em que nomeia uma comissão de urgência para expurgá-lo e alterá-lo de acordo com as novas concepções socialistas⁷⁴

Esse contexto ajuda a esclarecer por que Morris, em 1887, publica ao lado de Belfort Bax uma obra cujo principal tema consiste na descrição dos fundamentos do socialismo e que traz consigo uma apreciação da obra de Marx.⁷⁵ Ao longo desse trabalho, os revolucionários ingleses discutem uma série de temas que demonstram os conceitos que informaram esses autores aquando da publicação. Alguns temas tratados foram: a preparação para a revolução na Inglaterra e na França (Capítulos 5 e 6 respectivamente); a sociedade antiga (capítulo 1); a sociedade medieval (capítulo 2); a sociedade moderna (Capítulo 4); a comuna de Paris (Capítulo 12); os utopistas (Capítulo 13); o socialismo científico (Capítulos 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21) e o socialismo triunfante (Capítulo 23).

⁷³ BAX, Ernest Belford.. The morrow of the revolution. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/bax/1887/07/morrow.htm>> Acesso em: 29. Abril. 2023.

⁷⁴ Ibid., n.p. Texto original: “My answer, then, to those who would ask the proper course for a revolutionary government to take in the matter of jurisprudence, is that in my view such a government should, in countries where the “Code Napoleon” does not obtain, immediately suspend the existing criminal law and replace it by this code, at the same time appointing a committee of urgency to expurgate and amend it in accordance with the new Socialist conceptions”.

⁷⁵ BAX, Belford; MORRIS, William. **Socialism from the root up or socialism its growth and outcome**. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/morris/works/1887/commonweal/07-sru-ch20.htm>>. Acesso em: 17. Julho. 2023.

O nome de Karl Marx aparece três vezes no sumário: no subtítulo dos capítulos 15 e 16 e no título do capítulo 20. A presença do filósofo alemão ao longo da obra mostra uma filiação dos autores àquilo que eles chamam de “socialismo científico”. Os capítulos que tratam dessa forma específica de socialismo (capítulos 15-21) fazem parecer que os autores compreendem-no como a explicação lógica para a forma que o sistema capitalista assume. O capítulo 16, por exemplo, trata do dinheiro segundo Marx. Ao longo do capítulo há uma descrição de como o dinheiro funciona na sociedade capitalista.

Pode-se ver nas explicações contidas no livro que Morris e Bax entendem o socialismo científico como aquele munido de uma compreensão da evolução histórica das sociedades. No capítulo que trata da transição entre os utopistas e o socialismo aqui discutido há uma citação nesse sentido:

A transição dos utopistas para o socialismo moderno, dos pensadores socialistas que servem como uma espécie de ligação entre os utopistas e a escola do socialismo da evolução histórica, ou socialistas científicos, de longe, a figura mais notável é Proudhon, que nasceu em Besançon em 1809. Por nascimento, ele pertencia à classe trabalhadora, seu pai foi um fabricante de cerveja, e ele mesmo como um jovem seguiu a ocupação de pastoreio⁷⁶.

Assim, os autores buscam apresentar quais são os pensamentos que historicamente se colocam no período intermediário entre os utopistas e os socialistas científicos. A definição destes últimos repousa no entendimento de uma tradição do socialismo com uma compreensão sobre a História.

O fundamento dessa tradição são os trabalhos de Marx, que pode ser visto no capítulo 20, o qual aparece sob o título *A dedução de Marx da evolução histórica da indústria moderna*. Nesse capítulo, os autores apresentam uma descrição do desenvolvimento do capitalismo através da história. No seu entendimento, o capitalismo é o ponto culminante de um processo que autonomizou cada vez mais o trabalho.

É possível observar que há um entendimento de que a autonomização do trabalho está diretamente ligada à sua divisão e que isso gera algumas

⁷⁶ BAX; B; MORRIS, W., op. cit., n.p. Texto original: “The transition from utopists to modern socialism of the Socialist thinkers who serve as a kind of link between the Utopists and the school of the Socialism of historical evolution, or scientific Socialists, by far the most noteworthy figure is Proudhon who was born at Besançon in 1809. By birth he belonged to the working-class, his father being a brewer's cooper, and he himself as a youth followed the occupation of cowherding”.

consequências, como, por exemplo, a pouca criatividade. Uma outra consequência que a autonomização gera é a supervisão por não especialistas. Os autores afirmam que as guildas eram lideradas pelos melhores trabalhadores e que, se eles adoecessem, os segundo melhores ocupariam o seu lugar. Com o culminar do desenvolvimento do capitalismo, os supervisores do trabalho não são os melhores trabalhadores, mas os diretores que não compreendem o conjunto das técnicas necessárias para a produção dos artigos.

Quanto à mudança introduzida pela presença das máquinas no desenvolvimento do capitalismo, os autores afirmam que elas têm deixado os trabalhadores em segundo lugar no processo de produção:

O operário não é mais o principal fator da obra, as ferramentas que ele manipulou agora são trabalhadas por um mecanismo conectado por outro mecanismo com o poder, seja ele qual for, que coloca o todo em movimento. Esta é a verdadeira máquina dos tempos modernos, em contraste com a máquina utilizada como ferramenta do período anterior, que era uma ajuda ao trabalhador e não um substituto para ele⁷⁷

Esse pensamento é uma incorporação, em seu texto, da teoria da alienação marxista. Entendida como uma forma ilusória de entender a realidade, a alienação é o produto de um descolamento do indivíduo em relação ao processo de trabalho. A indústria, nesse processo de constituição da alienação, desempenha um papel crucial porque isola os indivíduos, especializando-os em uma tarefa específica e colocando-os em sujeição às máquinas.⁷⁸

A conclusão dos autores é a de que o nascimento histórico do capitalismo foi produzido pela transformação introduzida pelas máquinas. Em suas palavras:

Esta é a máquina que produziu a grande revolução na produção de nossa época. O operário, outrora um artesão, tendo todo o controle sobre o artigo que ele produziu, em seguida tornou-se parte de uma máquina humana e, finalmente, tornou-se o servo e o contratado

⁷⁷ Ibid., n.p. Texto original: "The workman is no longer the principal factor in the work, the tools which he handled are now worked by a mechanism connected by another mechanism with the power, whatever it may be, which puts the whole in motion. This is the true machine of modern times, as contrasted with the mere tool-machine of the earlier period, which was an aid to the workman and not a substitute for him."

⁷⁸ Para mais informações, cf. MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo, Boitempo, 2006. Não se pode perder de vista que a teoria marxista foi construída ao longo da obra de Marx e que, portanto, ela tem um desenvolvimento. Para um entendimento de como Marx formulava a alienação na sua juventude, cf. BARROS, José D'Assunção. O conceito de alienação no jovem Marx. IN: **Tempo social**, v. 23. n.1, pp. 223-245, 2010. Para uma aproximação panorâmica do conceito de alienação em Marx, cf. BOTTOMORE, Tom. Verbete Alienação. IN: _____ **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

de uma máquina; e por meio de tudo isso o capitalista moderno totalmente desenvolvido veio à existência⁷⁹.

Essa é a leitura que Morris faz de Marx: um filósofo do desenvolvimento da História. Sobre essa leitura assenta-se a discussão que ele desenvolveu sobre a sua própria época histórica e sobre a História de uma maneira geral (entendida como a história do desenvolvimento do capitalismo). Sua teoria da revolução que abarca os sistemas político e econômico da Inglaterra de sua época e a competição que vigorava no sistema capitalista derivam desse fundamento. Com essa apropriação específica feita da filosofia marxista, o teórico inglês consegue justificar uma revolução no período e na sociedade nos quais escreveu.

No entanto, a história para Morris tem duas acepções: de um lado, ele escreve sobre a história da civilização. Essa acepção nada mais é do que a história do desenvolvimento do capitalismo e na qual repousa a maior influência que o autor retirou de Marx. Por outro lado, Morris compreende a história como circunstâncias específicas de uma dada sociedade. Nesse ponto, a acepção de história do autor em muito se parece com o que modernamente chamamos de “análise de conjuntura”.

A primeira acepção do conceito de história em Morris pode ser vista no panfleto *Como nós vivemos e como poderíamos viver*. O texto apresenta a influência da leitura que Morris retirou de Marx e aponta o socialismo como a solução possível para os problemas dos trabalhadores.

1.4. A apropriação do fundamento histórico para a justificação da revolução inglesa.

Em *Como nós vivemos e como nós poderíamos viver*⁸⁰ há um entendimento sobre a história. Morris busca compreender, ao longo das 28 páginas do panfleto, como se deu todo o desenvolvimento do domínio exercido pelo ser humano sobre a natureza e como esse domínio não escapou ao sistema de exploração vigente na Inglaterra de sua época. Em certo sentido, o teórico da

⁷⁹ BAX, B; MORRIS, W., op. cit., n.p. Texto original: “This is the machine which has produced the great revolution in production of our epoch. The workman once a handicraftsman, having all control over the article he produced, next became a part of a human machine, and finally has become the servant and tender of a machine; and by means of all this the fully developed modern capitalist has come into existence”.

⁸⁰ MORRIS, William. **How we live and how we might live**. Nottingham: Five Leaves Bookshop, 2015.

revolução socialista na Inglaterra recupera um entendimento parecido com o que foi apresentado no panfleto *Arte sob a plutocracia*, mas há uma diferença entre os dois textos: Morris, em *Como nós vivemos e como poderíamos viver*, embora faça uma consideração sobre a história do desenvolvimento capitalista, não coloca a sua esperança na História, entendida enquanto sucessão mecânica dos acontecimentos, e sim na capacidade dos trabalhadores de construir o socialismo.

O argumento do autor consiste no entendimento de que, desde os primórdios da História, os seres humanos guerrearam contra a natureza para extrair dela o que necessitavam para viver. Quando finalmente venceram essa guerra, eles se viram diante de um novo problema: mesmo possuindo pleno domínio sobre a natureza, ainda precisavam buscar formas de usar os recursos adquiridos. Para Morris, a guerra foi transferida para outro campo, o da organização da sociedade. Nesse estágio em que os indivíduos se encontram é necessário destruir a competição e construir a cooperação. A primeira, portanto, é vista como a causa de ainda não se ter paz entre os indivíduos.

Diante do cenário exposto, o panfleto busca especificar o que poderia ser levado a cabo pelos socialistas. A revolução, nesse sentido, é entendida como o instrumento para superar a competição.

A revolução é definida no panfleto como a mudança completa das bases da sociedade capitalista. Além disso, tenta-se sustentar que o sistema baseado no capital está alicerçado em uma guerra que se estabelece de três formas: entre os Estados pelo controle do mercado, entre as empresas pelo lucro e entre as pessoas pela sobrevivência.

Nas palavras do autor:

Como as nações sob o sistema atual são levadas a competir umas com as outras pelos mercados do mundo, como as empresas ou os capitães da indústria têm que lutar por sua participação nos lucros dos mercados, assim também os trabalhadores têm que competir uns com os outros para a subsistência; e é essa competição constante ou guerra entre eles que permite aos perseguidores de lucro conseguir seus objetivos, e por meio da riqueza assim adquirida tomar todo o poder executivo do país em suas mãos. Mas aqui está a diferença entre a posição dos trabalhadores e dos fazedores de lucro: para estes, os fazedores de lucro, a guerra é necessária; você não pode ter lucro sem competição, individual, corporativa e nacional; mas você pode trabalhar por um meio de

subsistência sem competir; você pode combinar em vez de competir⁸¹.

Depois de discorrer mais sobre a guerra que imagina ser a base da sociedade capitalista e sobre o desperdício que entende ser uma máxima do sistema, Morris discute também a fome mesmo em um cenário de superprodução. O panfleto entende que a má distribuição dos recursos no sistema capitalista cria famélicos. Estes são, portanto, artificiais tendo em vista que a fome deixaria de existir sob uma boa administração dos recursos produzidos.

Diante desse cenário, o texto apresenta o controle do sistema pelos trabalhadores como sendo uma alternativa a essa situação que foi descrita acima. Esse controle é entendido ao longo do texto sob o prisma do conceito de socialismo. O socialismo, portanto, é a saída para a situação da Inglaterra.

Na sua descrição do socialismo:

Bem, agora, o que o socialismo lhe oferece no lugar dessas fomes artificiais, com a chamada superprodução, é, mais uma vez, a regulação dos mercados; oferta e demanda proporcionais; sem jogo, e conseqüentemente (uma vez mais), sem desperdício. Sem excesso de trabalho e cansaço para o trabalhador em um mês, e no próximo mês faltando trabalho e vivendo o terror da fome, mas trabalho constante e abundância de lazer em todos os meses. Sem mercadorias de mercado barato, isto é, mercadorias adulteradas, com quase nenhuma utilidade, meros andaimes para a construção de lucros; nenhum trabalho seria gasto em coisas como estas, que as pessoas deixariam de querer tão logo deixassem de ser escravas. Não essas, mas as mercadorias que melhor correspondem aos usos reais dos consumidores seriam aquelas feitas pelo trabalho; pois, sendo abolido o lucro, as pessoas poderiam ter o que quereriam em vez do que os perseguidores de lucro no país e no exterior os forçaram a ter.⁸²

⁸¹ Ibid., p.13. Texto original: "As nations under the present system are driven to compete with one another for the markets of the world, as as firms or the captains of industry have to scramble for their share of profits of the markets, so also have the workers to compete with each other - for livelihood; and it is this constant competition or war amongst them which enables the profit-grinders to make their profits, and by means of wealth so acquired to take all the executive power of the country into their hands. But here is the difference between the position of the workers and the profit-makers: to the latter, the profit-grinders, war is necessary; you cannot have profit-making without competition, individual, corporate, and national; but you may work for a livelihood without competing; you may combine instead of competing."

⁸² Ibid., pp. 15-16. Texto original: "Well, now, what socialism offers you in place of these artificial famines, with their so-called over-production, is, once more, regulation of the markets; supply and demand commensurate; no gambling, and consequently (once more) no wast; not overwork and weariness for the worker one month, and the next no work and terror of starvation, but steady work and plenty of leisure every month ; not cheap market wares, that is to say, adulterated wares, with scarcely any good in them, mere scaffold-poles for building up profits; no labour would be spent on such thing as

Ou seja, o socialismo é a alternativa capaz de administrar os recursos que foram adquiridos pelos seres humanos graças ao desenvolvimento da História. É em meio a essa administração que poderia surgir uma nova situação para a arte. Ela se mesclaria às atividades dos seres humanos em tempo de lazer e seria benéfica a toda a comunidade. Em suas palavras:

E posso dizer que, quanto a esse lazer, como em caso algum deveria fazer mal a qualquer um deve muitas vezes fazer algum bem à comunidade que o tem, ao praticar artes ou ocupações para mãos ou cérebro que dariam prazer a muitos cidadãos; em outras palavras, uma grande parte do melhor trabalho feito seria feito no tempo de lazer dos homens aliviados de qualquer ansiedade quanto à sua subsistência, e ansiosos para exercer seu talento especial, como todos os homens, não, como todos os animais são.⁸³

Essa acepção da História como desenvolvimento do capitalismo é uma caracterização importante da sua teoria da revolução. Apenas quando se debate com ela, Morris posiciona o tema da arte porque é somente com o auxílio da especulação do fim desse sistema que se pode pensar uma nova situação para a arte e para os artistas. Porém, o teórico inglês também trabalha com um outro sentido sobre a história.

Dois panfletos publicados em 1886 guardam a segunda acepção que Morris lançou mão para construir a sua teoria: eles particularizam a análise de Morris sobre a revolução e buscam compreender como se estabelece o sistema social inglês e por que ele deve ser destruído em um processo revolucionário. Os nomes dos panfletos são *Nossa política e whigs, democratas e socialistas*. Nesse segundo sentido, Morris compreende a história como a análise das circunstâncias específicas de uma sociedade: a Inglaterra oitocentista. Salta aos olhos, ao longo dos textos, um componente historicista que antes estava ausente.

these, which people would cease to want when they ceased to be slaves. Not these, but such goods as best fulfilled the real uses of the consumers would labour be set to make; for, profit being abolished, people could have what they wanted instead of what the profit-grinders at home and abroad forced them to take."

⁸³ MORRIS, W., op. cit., p. 21. Texto original: "And I may say that as to that leisure, as I should in no case do any harm to any one with it, so I should often do some direct good to the community with it, by practising arts or occupations for my hands or brain which would give pleasure to many of the citizens; in other words, a great deal of the best work done would be done in the leisure time of men relieved from any anxiety as to their livelihood, and eager to exercise their special talent, as all men, nay, all animals are."

1.5. O caráter histórico dos termos na construção da revolta.

Além da história compreendida como todo o processo de constituição da sociedade capitalista, Morris incorporou na sua teoria da revolução uma dimensão historicista que busca compreender as circunstâncias históricas dadas. Ou seja, ele buscou dar atenção às especificidades históricas concretas em meio às quais seria possível desencadear um processo revolucionário. Para tanto, foi necessário a Morris esquadrihar a forma como a realidade capitalista se apresentava na Inglaterra do século XIX. Um exemplo importante da caracterização historicista que se está desenhando pode ser visto no panfleto de aproximadamente 5 páginas intitulado *Nossa política (Our Policy)*⁸⁴, publicado em 1886. Nesse texto, o cidadão vitoriano discute um acontecimento que ocorreu na Inglaterra, mais especificamente em Londres.

Londres, em 1886, viveu intensos debates e manifestações por causa do desemprego que crescia e das condições de vida que pioravam. No dia 8 de fevereiro, *A liga do comércio justo (The fair trade league)*, uma organização ligada ao partido Tory, anunciou uma reunião pública na Trafalgar Square⁸⁵. Sabendo da reunião Tory, Hyndman convocou uma contra-manifestação da SDF. De certa forma, os dois grupos queriam atacar o problema crescente do desemprego na Inglaterra, mas seus meios para isso eram muito diferentes. *A liga do comércio justo* pediu medidas protetivas para garantir o trabalho no país, enquanto a SDF clamava pelo direito ao trabalho.⁸⁶

⁸⁴ MORRIS, William. Our policy. IN: **marxists.org**. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/morris/works/1886/commonweal/03-our-policy.htm>. Último acesso em: 13. Março. 2023.

⁸⁵ O historiador Ewen Henry Harvey Green buscou analisar a crise do conservadorismo no final do século XIX e, ao longo das suas análises acerca do declínio da economia política conservadora, ele apresenta como a liga em questão se colocou no debate público britânico em defesa da taxa de manufaturados e produtos agrícolas importantes. Para mais informações sobre as concepções da liga do comércio justo, cf: GREEN, E.H.H. The political economy of decline. IN: **_____The crisis of conservatism: the politics, economics and ideology of the British conservatism party, 1880-1914**. Nova York: Routledge, 2005.

⁸⁶ Para uma discussão sobre a importância desse evento tanto no desenvolvimento de uma consciência revolucionária na Inglaterra quanto para a origem do uso da “luta de classes” como um conceito analítico, cf: LUBENOW, W.C. The Class Struggle and The House of Commons: The Parliamentary Response to the London Riots of 1886. IN: **Social History**, Vol. 13.. n° 35, pp. 45-57, 1985.

O panfleto *Nossa Política*, diante desses acontecimentos que se desenrolaram em Londres, sustentou que eles foram o “início de um processo revolucionário”. Em suas palavras: *the first skirmish of the revolution* (a primeira escaramuça da revolução). Esse texto guarda três elementos que foram vistos na análise dos textos acima: Morris compreende que a revolução é criada pelas condições em que vivem as classes mais pobres, apresenta a revolução como uma saída possível aos problemas ingleses e demonstra no final da exposição uma esperança quanto à mudança da sua sociedade. No entanto, há uma novidade nesse panfleto: Morris, por causa da situação em que o texto é publicado, particulariza a sua análise na Inglaterra. Essa particularização historiciza os termos com os quais o autor trabalha.

Discutindo os acontecimentos que se desenrolaram em fevereiro de 1886 e depositando a esperança de alteração do estado de coisas na classe trabalhadora, o autor apresentou os trabalhadores ingleses para além da letargia que se aplicava a eles. Em outras palavras, os eventos arrolados às manifestações mostraram que os trabalhadores têm reivindicações a fazer. Nos termos do panfleto:

O tumulto, ou o que quer que seja chamado, de 8 de fevereiro, embora um pequeno assunto em si, tornou-se importante porque tem se fixado uma ideia nas cabeças da - então - maioria dos homens, homens de todas as classes, que o operário inglês tinha sido finalmente levado ao ponto de incapacidade de expressar suas queixas por qualquer coisa mais ameaçadora do que um motim eleitoral; que não expressava nada, exceto um certo prazer em uma dureza selvagem, integrada à irritação que vem da indigestão das “classes mais baixas”, uma indigestão criada de comer lixo, e desejosa de ar fresco e lazer.⁸⁷

Se os trabalhadores têm reivindicações e se é um erro admitir que eles a tudo suportariam sem se manifestar, infere-se que o motivo que levou a multidão às manifestações eram as condições de vida que se apresentavam na Inglaterra. Na sua primeira aparição no texto, a palavra “socialismo” representa uma esperança para os manifestantes envolvidos nesses acontecimentos. Em suas

⁸⁷ MORRIS, W., op. cit., n.p. Texto original: “The riot, or whatever it may be called, of February 8th, though a small matter in itself, became of importance because it has got to be a fixed idea in the heads of — well — most men, men of all classes, that the English workman had at last been brought to the point of incapacity of expressing his grievances by anything more threatening than an election riot; which expressed nothing at all except a certain pleasure in a ‘rough and tumble’, joined perhaps to the irritation which comes of the indigestion of the ‘lower classes’, an indigestion bred of garbage-eating, and want of fresh air and leisure.”

palavras: “Qual era o significado disso? No fundo a miséria, iluminada por um leve lampejo de esperança, erguido pela palavra mágica Socialismo, a única esperança destes dias de confusão. Isso era o que a multidão representava, não importa quais outros elementos estavam misturados com ele.”⁸⁸

A manifestação que emergiu das condições da população inglesa em 1886 teve algumas implicações consideradas no texto. Em primeiro lugar, Morris afirma que ela aterrorizou as classes mais ricas da Inglaterra, porque essas classes ficaram com medo da “sua posição” que foi revelada pelo processo. Uma das consequências desse medo foi o aceleração do dinheiro destinado à *Mansion House Fund*.⁸⁹

Tal como nos panfletos discutidos anteriormente, Morris encerra a sua exposição com uma esperança de transformação da realidade. Assim como no panfleto *Sumário dos princípios do socialismo*, a esperança do autor está na política que pode ser feita pelos socialistas em meio aos debates e conflitos na Inglaterra. A discussão de Morris nesse caso é tipicamente inglesa, o que o força a pensar em saídas para a realidade particular do seu próprio país. O pensamento circunscrito a esses termos não está apenas circunscrito à geografia da Inglaterra, ele é também temporal: é uma discussão sobre a Inglaterra de 1886. A proposta que ele lança aquando das manifestações é a união das organizações socialistas inglesas sem divergência de princípios com vistas à implantação de uma educação voltada ao surgimento da nova sociedade. A criação de uma sociedade inteiramente nova implica dizer que, mesmo particularizando o seu pensamento na Inglaterra, Morris entende a necessidade da revolução.

Além disso, não há em *Nossa política* uma só argumentação acerca da arte na sociedade inglesa, como ocorreu, a título de exemplo, no panfleto *Como vivemos e como poderíamos viver*. Isso se deve ao fato de que o teórico lidou aqui com a realidade imediata da Inglaterra do século XIX, dentro da qual a arte ocupa o mesmo lugar desde o estabelecimento do capitalismo. Não havendo uma característica singular à arte em seus dias, não havia também a necessidade de

⁸⁸ Ibid., n.p. Texto original: “What was the meaning of it? At bottom misery, illuminated by a faint glimmer of hope, raised by the magic word *Socialism*, the only hope of these days of confusion. That was what the crowd represented, whatever other elements were mingled with it”.

⁸⁹ Um fundo que foi criado em 1880 para coletar recursos de irlandeses emigrados em países como Inglaterra, EUA e Canadá e distribuir esses recursos para os condados da Irlanda.

enfrentá-la em uma apreciação particularizada da história. O mesmo se passa com outros panfletos que incorporaram a segunda acepção do conceito.

Ainda em 1886 e nos marcos do componente historicista da sua teoria da revolução, Morris avança as suas análises acerca do sistema político inglês. No texto *whigs, democratas e socialistas*⁹⁰, o autor apresenta três pontos principais em 12 páginas: todo o sistema político parlamentar da Inglaterra pode ser considerado whig; os partidos que compõem esse sistema buscam defendê-lo; e, assim como no texto *Nossa política*, a tarefa dos socialistas consiste na educação do povo.

Tendo isso em mente, o texto inicia de uma forma didática, definindo o que são os partidos tory e whig: os whigs são aqueles que eram vistos como o antigo partido que continha tendências democráticas e que hoje representa a esperança de todos e os tories são os descendentes dos defensores da Igreja, do Estado e do direito divino dos reis.

Morris, ao longo do texto, sinaliza para um entendimento de que todo o sistema político inglês pode ser considerado whig. Em linhas gerais, ele está apontando para algo que, a partir de outros caminhos e investigando outros objetos, E. P. Thompson chamou de “cultura de classe média” do século XIX⁹¹.

O teórico da revolução inglesa reconhece uma massa de sentimento conservador genuíno por trás do nome “Tory”, mas que esse *feeling* é, no presente momento, apenas um *sentiment* porque toda a esperança prática morreu e as pessoas com o *feeling* conservador não podem ter seu próprio caminho. O autor encerra a sua apreciação sobre os tories afirmando que eles mandam representantes para o parlamento, que, ao chegarem lá, são forçados a tomar medidas bem abaixo do ideal tory. O máximo que o partido é capaz de fazer é iludir os eleitores para mandar os tories para o parlamento novamente. Dessa forma, embora haja tories, não há um partido tory na Inglaterra.

Nas palavras do texto:

⁹⁰ MORRIS, William. Whigs, democrats, and socialists. IN: _____ **The collected works of William Morris**. New York: Cambridge University Press, 2012

⁹¹ Thompson chama a atenção para esses termos em um contexto de análise das seitas dissidentes na Inglaterra e, mais especificamente, quando busca compreender as diferenças entre essas seitas em Londres (onde imagina ser um lugar mais fecundo para o estabelecimento de uma consciência operária) e nos centros industriais (como Manchester), onde as seitas foram estabelecidas com a ajuda de industriais. Para mais informações, cf: THOMPSON, E. P. O cristão e o demônio. IN: _____ **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: paz e terra, 1987.

Agora, eu não quero dizer que, por trás do antigo nome de Tory, não há uma grande massa de sentimento conservador genuíno, realizada por pessoas que, se tivessem o seu próprio caminho, desempenhariam manobras fantásticas. [...] Mas esse sentimento, afinal, é apenas um sentimento agora; toda a esperança prática morreu, e essas pessoas dignas não podem ter seu próprio caminho. É verdade que eles elegem membros do Parlamento, que falam muito para agradá-los, e às vezes até conseguem colocar um Governo no poder que nominalmente representa seu sentimento, mas quando isso acontece o dito Governo é forçado, mesmo quando seu partido tem uma maioria na Câmara dos Comuns, a tomar um ponto de vista muito menor do que o alto ideal conservador; o máximo que o verdadeiro partido conservador pode fazer, mesmo quando apoiado pela *Primrose League* [uma liga conservadora criada em 1883 com o intuito de difundir ideais conservadores pela Grã-Bretanha] e sua hierarquia falsa é iludir os eleitores a devolver os conservadores ao Parlamento para passar medidas mais semelhantes ao radicalismo do que os whigs tentam, de modo que, embora existam tories, não há partido Tory na Inglaterra.⁹²

Falando sobre os whigs, Morris inicia afirmando que há um partido na Inglaterra (diferentemente do que ele havia preconizado no caso tory) que pode receber o nome de whig. Esse partido, muito numeroso e poderoso, de fato governa a Inglaterra. Ele abarca gente de todas as opiniões e, por mais que não exista uma consciência de unidade sob essa sigla, eles devem ser considerados pelo poder que ocupam e uma característica que une as suas diferentes variações é que são protetores do sistema constitucional. Em suas palavras:

Por outro lado, há um partido, que eu não posso chamar no presente por outro nome que não seja Whig, que é numeroso e muito poderoso, e que, de fato, governa a Inglaterra, e para mim sempre o fará enquanto durar o presente Parlamento constitucional. É claro que, como em todos os partidos, ele inclui homens de vários tons de opinião, desde o tory de coloração whig do Lord Salisbury ao radical de coloração whig do Sr.

⁹² MORRIS, W., op. cit., pp.27-28. Texto original: "Now, I don't mean to say but that at the back of this ancient name of Tory there lies a great mass of genuine Conservative feeling, held by people who, if they had their own way, would play some rather fantastic tricks, [...] But this feeling, after all, is only a sentiment now; all practical hope has died out of it, and these worthy people cannot have their own way. It is true that they elect members of Parliament, who talk very big to please them, and sometimes even they manage to get a Government into power that nominally represents their sentiment, but when that happens the said Government is forced, even when its party has a majority in Change the House of Commons, to take a much lower standpoint than the high Tory ideal; the utmost that the real Tory party can do, even when backed by the Primrose League and its sham hierarchy, is to delude the electors to return Tories to Parliament to pass measures more akin to Radicalism than the Whigs durst attempt, so that, though there are Tories, there is no Tory party in England."

Chamberlain. Nem quero dizer que eles estão conscientes de ser um partido unido; pelo contrário, seus grupos internos às vezes se opõem furiosamente nas eleições, e talvez o mais simples entre eles realmente pensa que é uma questão importante para a nação que uma de suas seções esteja no poder; mas podem sempre ser reconhecidos pelo lugar que ocupam e votam contra qualquer medida que acarrete um verdadeiro ataque ao nosso sistema constitucional.⁹³

Morris avança essa análise para afirmar que todos os partidos buscam defender o sistema político-econômico. Assim, ele se afasta um pouco da consideração sobre os whigs e faz uma observação em geral sobre todos os partidos: eles são defensores conscientes do sistema parlamentar. Eles, por exemplo, não permitiriam qualquer alteração desse sistema se ela ameaçasse destruí-lo. Ou seja, ainda que os partidos tenham leituras diferenciadas da Inglaterra e propostas distantes para os problemas que observam, eles têm algo em comum, a defesa do sistema. Em suas palavras:

Eles são, e sempre devem ser, defensores conscientes do sistema atual, político e econômico, tão logo eles tenham alguma coesão como tories, whigs, liberais ou mesmo radicais. Nenhum deles provavelmente faria uma concessão tão curta para a revolução como a abolição da Câmara dos Lordes. Um parlamento de uma câmara lhes pareceria um horror ímpio, e a abolição da monarquia seria considerada um grave inconveniente para o comerciante de Londres.⁹⁴

O autor continua pintando o quadro da Inglaterra oitocentista afirmando que não há elementos revolucionários em meio ao parlamento, mas que existem alguns democratas genuínos. Esses democratas desejam transformar o parlamento constitucional em uma assembleia popular de verdade, a qual, com o povo na retaguarda, conduziria a uma pacífica e constitucional revolução. Morris faz duas

⁹³ Ibid., p.28. Texto original: "On the other hand, there is a party, which I can call for the present by no other name than Whig, which is both numerous and very powerful, and which does, in fact, govern England, and to my mind will always do so as long as the present constitutional Parliament lasts. Of course, like all parties it includes men of various shades of opinion, from the Torytinted Whiggery of Lord Salisbury to the Radical-tinted Whiggery of Mr. Chamberlain's present tail. Neither do I mean to say that they are conscious of being a united party; on the contrary, the groups will sometimes oppose each other furiously at elections, and perhaps the more simple-minded of them really think that it is a matter of importance to the nation which section of them maybe in power; but they may always be reckoned upon to be in their places and vote against any measure which carries with it a real attack on our constitutional system."

⁹⁴ Ibid., p.28. Texto original: "They are, and always must be, conscious defenders of the present system, political and economical, as long as they have any cohesion as Tories, Whigs, Liberals, or even Radicals. Not one of them probably would go such a very short journey towards revolution as the abolition of the House of Lords. A one-chamber Parliament would seem to them an impious horror, and the abolition of the monarchy they would consider a serious inconvenience to the London tradesman".

perguntas para facilitar a sua exposição: qual o propósito dessa transformação? Ela é possível? Para a primeira, afirma que há uma série de respostas que podem ser dadas por diferentes democratas, como, por exemplo, sufrágio universal, pagamento dos membros, e abolição da monarquia. Em sua apreciação, essas propostas não são o fim, mas os meios para o fim. Como a abolição da monarquia e a abolição da Casa dos Lordes são propostas inconstitucionais, elas só poderiam acontecer se houvesse uma ruptura. Estabelecidos como governantes, os democratas seriam os whigs sob outro nome. Monarquia, Casa dos Lordes, exército e outros elementos são auxílios do sistema (privilégios baseados no salário e na produção capitalista). A política dos democratas não interfere na vida dos reais tiranos do povo: os senhores de terra e os capitalistas.

A apreciação dos democratas no texto surge para demonstrar que o autor não entende todos os partidos como um só. A sua crítica está em outro lugar. Entende-se que os partidos agem dentro de uma lógica whig, ou seja, os whigs controlavam o sistema parlamentar, não os partidos adversários.

Nesse sentido, os democratas diferenciam-se dos whigs porque preconizam uma alteração das relações das classes e, segundo Morris, defendem uma espécie de estado socialista limitado e têm a esperança de trazer uma revolução pacífica que, se não gerar uma condição de igualdade, pelo menos deixará os trabalhadores em uma situação melhor. No entanto, como vinculam a sua política ao sistema parlamentar (que, em sua apreciação, é controlado por uma lógica whig), os democratas postulam uma mudança impraticável.

Seu objetivo é levar a cabo uma revolução de forma pacífica, mas o seu *modus operandi* torna isso impossível. Além disso, o autor sequer reconhece nos democratas um partido. Eles estão para o parlamento da mesma forma como os tories: participando de um sistema político controlado por um adversário:

Nos termos do texto:

Eu disse que há conservadores e, no entanto, não há um partido conservador; por isso também me parece que há democratas, mas nenhum partido democrata; atualmente, eles são utilizados pelos líderes das facções parlamentares, e também mantidos à distância por eles de qualquer poder real. Se eles, não importa como, conseguirem obter um número de membros no Parlamento, eles iriam descobrir suas diferenças muito rapidamente sob a influência do governo do partido; na verdade, os democratas não são um partido, porque eles não têm outros princípios além daqueles dos velhos

radicais Whig, estendidos em alguns casos, de modo a tomar um pouco de semi-Socialismo que a marcha dos acontecimentos os forçou, isto é, eles gravitam de um lado entre os whigs e do outro entre os socialistas.⁹⁵

Morris, caminhando para a sua conclusão, chama a atenção para o fato de que ele e seus companheiros socialistas não podem abrir mão da força física nas suas reivindicações. Além disso, o teórico inglês faz um alerta aos seus leitores de que há apenas duas alternativas reais: ou se alinhar aos whigs ou aos socialistas. Isso porque o autor entende que os opositores dos whigs vão, afinal, se juntar ao *whiggery* pela defesa do constitucionalismo e o socialismo vai agregar todo o radicalismo não-whig.

Tendo isso em mente, ele compreende que os socialistas são os únicos capazes de identificar a luta de classes e o papel deles é tornar as pessoas conscientes do antagonismo entre o povo e o constitucionalismo. A esperança, portanto, repousa na capacidade dos socialistas de deixar claros os antagonismos entre os ingleses e o sistema no qual eles estão inseridos:

O que devemos fazer, então? Aguardar e olhar? Não exatamente. Bom, nós [...] somos pelo menos o único grupo de pessoas que tem sido capaz de ver que há e tem havido uma grande luta de classes acontecendo. Além disso, podemos ver que essa luta de classes não pode chegar ao fim até que as próprias classes o façam: uma classe deve absorver a outra. Qual classe então seria essa? Certamente a classe útil, a que o mundo depende para viver. O negócio das pessoas no presente é tornar a vida impossível para as classes inúteis e não produtora; enquanto o negócio do Constitucionalismo é, ao contrário, tornar possível para elas viverem. E o nosso negócio é ajudar a tornar o povo consciente desse grande antagonismo entre o povo e o Constitucionalismo.⁹⁶

⁹⁵Ibid., p.34. Texto original: "I have said there are Tories and yet no real Tory party; so also it seems to me that there are Democrats but no Democratic party; at present they are used by the leaders of the parliamentary factions, and also kept at a distance by them from any real power. If they by hook or crook managed to get a number of members into Parliament, they would find out their differences very speedily under the influence of party rule; in point of fact, the Democrats are not a party; because they have no principles other than the old Whig-Radical ones, extended in some cases so as to take in a little semi-Socialism which the march of events has forced on them—that is, they gravitate on one side to the Whigs and on the other to the Socialists."

⁹⁶ Ibid., p.82. Texto original: "What are we to do, then ? Stand by and look on ? Not exactly. [...] Well, we [...] are at least the only set of people who have been able to see that there is and has been a great class-struggle going on. Further, we can see that this class-struggle cannot come to an end till the classes themselves do: one class must absorb the other. Which, then? Surely the useful one, the one that the world lives by, and on. The business of the people at present is to make it impossible for the useless, non-producing class to live; while the business of Constitutionalism is, on the contrary, to make it possible for them to live. And our business is to help to make the people conscious of this great antagonism between the people and Constitutionalism."

A proposta apresentada no texto gira em torno da educação. Os socialistas devem trabalhar fora do parlamento para educar a classe trabalhadora por meios efetivos em três pautas: “Conhecer a si mesma”, “conhecer como tomar-se a si mesma”, “conhecer como usar a si mesma”.

Eu digo que o nosso trabalho está fora do Parlamento, e consiste em ajudar a educar as pessoas por todos e quaisquer meios que possam ser eficazes; e o conhecimento que temos para ajudá-las é tríplice: conhecer a si mesmas, saber tomar-se a si mesma, e saber como usar-se a si mesma.⁹⁷

Nossa política e whigs, democratas e socialistas guardam algumas semelhanças. Uma delas é a centralidade da educação enquanto uma proposta de intervenção na realidade inglesa com vistas à revolução. Em *Nossa política*, Morris propõe que os partidos sem divergências de princípios unam as suas organizações para promover uma educação que aponte para o nascimento da nova sociedade. Agora, em *whigs, democratas e socialistas*, Morris apresenta a educação como uma estratégia que se estabelece fora do parlamento e que tem como objetivo tornar o povo consciente de sua situação.

Além disso, os dois textos correm na direção de particularizar a análise e a proposta para intervir na realidade da Inglaterra de 1886. Particularizando a sua análise, o autor historiciza o seu entendimento. A acepção histórica com a qual Morris coloriu os seus panfletos discutidos aqui e que se expressa em uma singularização da revolução na Inglaterra do final do século XIX pode ser compreendida dentro do quadro geral do historicismo. A questão fundamental historicista que é utilizada pelo revolucionário consiste em uma singularização do evento que foi conseguida com a “conquista do mundo histórico”.

1.6 A conquista do mundo histórico e uma crítica a Bellamy

O argumento central de Ernest Cassirer acerca da “conquista do mundo histórico” está solidificado sobre o entendimento de que a filosofia do iluminismo construiu as bases da ciência histórica que, diferentemente da ciência natural, não estava pronta⁹⁸. Em sua apreciação, a filosofia do iluminismo via o quadro

⁹⁷ Ibid., p.38. Texto original: “I say that our work lies quite outside Parliament, and it is to help to educate the people by every and any means that may be effective; and the knowledge we have to help them to is threefold—to know their own, to know how to take their own, and to know how to use their own.”

⁹⁸ CASSIRER, Ernst. A conquista do mundo histórico. IN: _____ **A filosofia do iluminismo**. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

histórico da mesma forma como o quadro natural e, por causa disso, valia-se dos mesmos instrumentos teóricos, dos mesmos métodos e da mesma subordinação à razão universal para dar conta dos problemas suscitados nos dois domínios. Mas a ciência natural já havia se consolidado no século XVIII, diferentemente da ciência da história. Por causa disso: “Era preciso, pelo contrário, num só movimento de pensamento, conquistar o mundo histórico e fundamentá-lo, assegurar o seu domínio no decorrer da conquista.”⁹⁹

Para sustentar o seu argumento, Cassirer analisa uma série de autores que, com as suas teorizações, particularizaram a análise individual e favoreceram uma ciência para a história. Entre eles, Herder ganha uma posição de relevo com o seu historicismo. Nesse sentido, a metafísica da história de Herder rompe com o pensamento analítico, inclinando-se a uma postura material e desaprova generalizações abstratas, isto é, o entendimento de que a história não deveria ser lida nos eventos, mas a partir de algum princípio. Um exemplo dessa reprovação de generalizações é a renúncia ao princípio de identidade para ler a história tendo em vista que, na leitura que Cassirer faz da metafísica de Herder, este compreende que nada na história se repete e, portanto, não há eventos idênticos. Outro ponto importante para a metafísica em tela é a compreensão de que cada forma histórica deve ser lida em seus próprios juízos. Em suas palavras:

Cada situação humana tem seu valor singular, cada fase da história possui seus próprios direitos e sua necessidade imanente. Fases e situações não isoladas umas das outras, elas só existem no todo e pelo todo. Cada uma delas é igualmente indispensável ao todo. É em sua heterogeneidade perfeita que se constitui a verdadeira unidade, a qual não se representará como unidade de um estado de coisas mas como a de um processo. O primeiro esforço do historiador deverá, portanto, ser, em vez de submeter o seu objeto a uma medida uniforme fixada definitivamente, o de adaptar a sua medida à individualidade do objeto¹⁰⁰.

Esse entendimento que particulariza a análise por parte dos historiadores pode ser visto em um importante nome do historicismo: Leopold Von Ranke. Em uma exposição longa acerca de vários temas envolvidos com o historicismo e a sua herança, Sérgio Buarque de Holanda apresenta um quadro no qual o

⁹⁹ Ibid., p. 271.

¹⁰⁰ Ibid., pp. 307-308.

historicismo (ou “historismo”, como ele prefere) é confrontado com uma pergunta: seria o historicismo rankeano atual?¹⁰¹

Ao responder o questionamento, o historiador brasileiro apresenta críticas positivas e negativas a seu colega alemão. Afirma, a título de exemplo, que Ranke não compreendia como povos dotados de História aqueles que estavam para além dos que selecionou (como Polônia e Hungria). Porém, também postula que o historiador alemão, por causa da solidez do método que construiu, está na origem de um pensamento histórico com reverberações atuais. As últimas páginas de seu texto apresentam o *Léxico dos Conceitos Fundamentais da História*¹⁰² como uma importante tendência da historiografia alemã e, ao fim da apresentação, é possível ler que: “Nada destoava vivamente, nessa concepção, da tradição espiritual que Leopold von Ranke representou em grau eminente, renovada, embora, e enriquecida, para atender às mais recentes exigências do trabalho histórico.”¹⁰³

Mas quais são as principais características do método preconizado por Ranke? Ao longo do texto, é possível ver que são dois os seus aspectos principais. O primeiro deles é a singularização: “[Ranke] entendia, ainda assim, que a história é uma ciência do único, separando-se por esse lado da filosofia que, para ele, se ocupa de abstrações e generalizações.”¹⁰⁴

No entanto, Buarque de Holanda é consciente de que há, em alguma medida, uma generalização na forma como Ranke produz história. O que se pode notar nas seguintes palavras do autor:

É fora de dúvida que Ranke sentiu desde muito cedo a dificuldade de estudar, pesquisar e verificar os fenômenos singulares sem o socorro de seleções, avaliações, comparações ou generalizações, e que apelou conscientemente para tais recursos. O que combatia, e expressamente, por exemplo na *Conversa Política*, era a crença na possibilidade de partir o historiador de teorias gerais para o conhecimento do particular. O caminho inverso, este sim, parecia-lhe possível e necessário, se trilhado com arrojo e, ao mesmo tempo com cautela.¹⁰⁵

¹⁰¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. O atual e o inatual na obra de Leopold Von Ranke. IN: **Revista de História da USP**, v. 50, n. 100, pp. 431-482, 1974.

¹⁰² Os intelectuais Otto Brunner, Werner Conze, Reinhart Koselleck levaram a cabo empreendimento sob o título original de *Geschichtliche Grundbegriffe* que consiste em um dicionário dos principais conceitos políticos alemães mobilizados entre 1750 e 1850, quando se cristalizou a modernidade na Alemanha, período chamado de *sattelzeit* (tempo de sela) por Koselleck. Cf: BRUNNER, Otto; CONZE, Werner; KOSELLECK, Reinhart. **Geschichtliche Grundbegriffe Bände 1 - 8**. Stuttgart: Ernst Klett Verlag, 2004.

¹⁰³ HOLANDA, S., op. cit., p. 480.

¹⁰⁴ Ibid., p. 444.

¹⁰⁵ Ibid., p. 444

Sérgio da Mata também deixou clara a singularidade enquanto um pressuposto para a ciência da História na constituição do historicismo.¹⁰⁶ Sua leitura consiste em percorrer a vida e algumas produções de Ranke, a fim de apresentá-lo como uma peça importante para a prática historiográfica que surgiu no século XIX. Da Mata afirma que o historiador alemão trabalhou ao longo da sua empreitada na ciência da História em uma tríade composta por três temas: religião, filosofia e política. O seu argumento compreende que essa tríade teve o seu peso variado ao longo da vida do autor.

Pode-se atestar a singularidade como pressuposto da análise histórica já quando o peso do tema da religião se fez maior: “A sua profunda religiosidade (poderíamos caracterizá-la como um pietismo quietista) em primeiro lugar. Foi ela, mais que qualquer outro fator, que o levou a reconhecer o valor próprio de cada época”.¹⁰⁷

O relevo dado ao evento singular pelo historicista fica ainda mais evidente quando Da Mata apresenta uma fonte primária contendo uma réplica de Ranke a Heinrich Leo, que havia criticado o seu livro *Histórias dos povos latinos e germânicos*, publicado originalmente em 1824:

O que eu tentei aqui foi me aproximar não de Johannes Müller ou dos antigos, mas do fenômeno em si mesmo, tal como ele se manifesta – do ponto de vista externo uma singularidade, mas do ponto de vista interno [...] algo de geral, um significado, um espírito. [...] Contudo não deve se irritar comigo aquele que só é capaz de pensar a partir das fórmulas gerais da Escola [hegeliana]. Eu também não o critico por isso; nós trilhamos caminhos inteiramente distintos.¹⁰⁸

Da Mata não deixa de pontuar o caráter político do pensamento de Ranke, caracterizando-o como conservador. Diante da efervescência das ideias liberais que percorriam a Europa, o historiador alemão buscou desenvolver um pensamento que valorizava os ideais da aristocracia alemã:

Naqueles mesmos anos, o homem político Ranke faz sua primeira aparição com a criação da Revista *Histórico-Política* em 1832, e por cuja edição tornou-se o principal responsável [...] Iniciativa paraoficial e de perfil conservador (mas não reacionário), ela foi concebida como uma forma de atingir as classes

¹⁰⁶ MATA, Da Mata. Leopold Von Ranke (1795-1886). IN: MARTINS, Estevão de Rezende. (ORG). **História pensada**: Teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

¹⁰⁷ Ibid., p. 232.

¹⁰⁸ Ibid., p. 233

ilustradas e fazer frente ao fascínio crescente que as ideias liberais e republicanas exerciam na Confederação alemã.¹⁰⁹

No entanto, ainda que haja esse fator na origem do historicismo, os seus pressupostos foram mobilizados por Morris para a construção de uma teoria da revolução socialista. Os panfletos *Nossa política e whigs, democratas e socialistas* demonstraram o papel atribuído à singularidade pelo autor, mas a historicidade do evento é de tal maneira importante ao cidadão inglês que ele critica a ausência desse elemento nas propostas que visam uma mudança social. É o caso da sua recensão crítica a Bellamy, texto de aproximadamente 6 páginas¹¹⁰. A sua leitura do romance *Looking Backward*, publicado em 1887, é crítica em muitos sentidos¹¹¹

Morris pontua, por exemplo, a falta de um elemento artístico na obra. Ou seja, o escritor estadunidense não conseguiu incorporar estilos narrativos de forma adequada ao seu enredo. Acusa, inclusive, o seu contemporâneo de cumplicidade com a sociedade capitalista porque a sua proposta não é destruir imediatamente a sociedade capitalista, mas aprofundá-la.

Essa postura de cumplicidade está compreendida dentro dos marcos do que a linguista Fátima Vieira chamou de “socialismo americano”¹¹². Segundo a autora, esse socialismo é o entendimento de parte do movimento revolucionário dos EUA no século XIX que compreende a mudança social no país por meio de um aprofundamento das relações já existentes. Alimentados pela “doutrina do destino manifesto”¹¹³, os socialistas que compõem esse grupo compreendem que o

¹⁰⁹ Ibid., p. 235.

¹¹⁰ MORRIS, William. *Looking Backward*. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/morris/works/1889/commonweal/06-bellamy.htm>. Último acesso em: 17. Março. 2023.

¹¹¹ Edward Bellamy (1850 - 1898) foi um jornalista e escritor estadunidense. Em 1888, ele publicou sua obra mais famosa: *Looking Backward*. Como o título da obra sugere, Bellamy busca “olhar para trás” e narrar acontecimentos que se desenrolaram nos EUA. Seu texto é considerado utópico porque ele imaginou um futuro e preencheu esse futuro com as experiências de Julian West. A personagem bellaminiana, em 1887, foi submetida a um transe hipnótico e despertou 113 anos depois. Com a perspectiva privilegiada de quem participou de “dois mundos” (os EUA do século XIX e os próprios EUA no raiar do século XXI), West reveste-se da responsabilidade de narrar as mudanças ocorridas no país. Outra personagem fundamental da trama é o Dr. Leet, que acompanha West desde o seu despertar e serve a ele como um guia turístico, apresentando-lhe o que há de novo no seu próprio país. Cf: BELLAMY, Edward. **Looking backward**: 2000-1887. New York: Oxford university press, 2007.

¹¹² VIEIRA, Fátima. *Looking Backward and News From Nowhere: eucronia e identidade nacional*. IN: **Cadernos de literatura comparada: utopias**, (ORG). ____; Silva, José Miguel Bastos. Porto: Granito, 2002.

¹¹³ Essa doutrina compreende que os EUA foram escolhidos por Deus para o progresso. Já ao longo do século XIX, a doutrina serviu para que os EUA buscassem ampliar os

contínuo avanço tecnológico permitirá que o mercado seja absorvido pelo Estado e, a partir de então, a sociedade será administrada sem o peso da busca pelo lucro. Assim, o socialismo seria a evolução do capitalismo e não a sua destruição.

Nesse sentido, a transformação preconizada por Bellamy vem à tona em um processo de centralização dos monopólios e *trustes* comerciais existentes no capitalismo do século XIX. Mas, para Morris, há um problema nessa leitura: ela não lida com o desenvolvimento histórico. Em suas palavras:

[...] Essa esperança do desenvolvimento dos *trustes* e cartéis para os quais a competição por privilégios tem impulsionado o comércio, especialmente na América, é a parte distintiva do livro de Bellamy. Parece-me ser uma esperança um tanto perigosa para descansar, muito incerta para ser feita uma âncora do que pode ser realmente o resultado lógico do lado mais moderno do comercialismo - ou seja, o resultado que deveria ser; mas então há o seu resultado histórico a ser tratado - ou seja, o que será [...].¹¹⁴

Ao rejeitar a proposta de seu contemporâneo estadunidense, Morris assume um compromisso com as circunstâncias históricas sobre as quais se desenrola o processo de transformação social. Além disso, por compreender que o socialismo não vai emergir do aprofundamento da sociedade capitalista, o cidadão inglês assume uma atitude de completa oposição a ela. Essa postura é um elemento importante na sua teoria da revolução e evidencia a utilização moderna que o autor faz do conceito.

1.7. O conceito de revolução no quadro da teoria de Morris.

Morris, assim que assumiu um compromisso com a revolução, passou a entendê-la no seu sentido moderno. Torna-se, portanto, indispensável analisar seus aspectos.

seus poderes sobre outros países. Para mais informações sobre essa expansão estadunidense baseada no destino manifesto, cf: SAMPAIO, Jorge Henrique Mais; OLÍMPIO, Marise Magalhães. Estados Unidos e o destino manifesto. IN: **Ameríndia**, v. 2, n. 2, pp. 1-12, 2006.

¹¹⁴ MORRIS, W., op. cit., n.p. Texto original: “[...] This hope of the development of the trusts and rings to which the competition for privilege has driven commerce, especially in America, is the distinctive part of Mr Bellamy’s book; and it seems to me to be a somewhat dangerous hope to rest upon, too uncertain to be made a sheet-anchor of. It may be indeed the logical outcome of the most modern side of commercialism — *ie.*, the outcome that *ought* to be; but then there is its historical outcome to be dealt with — *ie.*, what *will* be”

Um dos autores que investigaram o conceito moderno de revolução foi o historiador alemão Reinhart Koselleck¹¹⁵. Uma de suas preocupações é demonstrar que o conceito moderno rompeu com um sentido que estava incrustado nele desde a Antiguidade: a ideia de eterno retorno. Koselleck apresenta essa faceta do seu argumento utilizando como exemplo o título da obra de Copérnico. Com o texto *De revolutionibus orbium coelestium* (sobre a revolução dos orbes celestes) publicado originalmente em 1543, Copérnico identifica o movimento dos astros em um círculo. Sendo assim, o término do movimento astral coincide com o seu início.

A imagem criada pelo movimento nos astros, sobre a qual estava o conceito de revolução tornou-se uma metáfora para a política. A fonte do historiador alemão para sustentar esse ponto é Thomas Hobbes que, no século XVII, observou um movimento circular na política inglesa. Nas palavras de Koselleck:

Ele [Hobbes] viu um movimento circular, cuja trajetória iniciava-se na monarquia absoluta, passando pelo *Long Parliament* em direção ao *Rump Parliament*, a partir daí em direção à ditadura de Cromwell, retrocedendo finalmente, passando por formas oligárquicas intermediárias, à monarquia renovada de Charles II.¹¹⁶

O conceito moderno de revolução, no entanto, rompe com essa imagem circular à qual estavam presos os governos e abarca em si uma concepção de ruptura com o estado de coisas presente e a abertura para a novidade. A filósofa alemã Hannah Arendt também buscou analisar o conceito moderno de revolução em sua obra¹¹⁷. Na sua discussão acerca do sentido da revolução, ela identificou cinco aspectos principais no conceito: o papel desempenhado pela “questão social”¹¹⁸; a convergência entre liberdade e a experiência de algo novo¹¹⁹; o uso da

¹¹⁵ KOSELLECK, Reinhart. Critérios históricos do conceito moderno de revolução. IN: _____ **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

¹¹⁶ Ibid., p.65.

¹¹⁷ ARENDT, Hannah. O significado de Revolução. In: _____ **Sobre a revolução**. São Paulo: companhia das letras, 2011.

¹¹⁸ O objetivo de romper a penúria e construir um estado de coisas que seja benéfico economicamente para a população em geral e não para uma pequena minoria. Nas palavras da autora: “e somente depois que foi feita essa descoberta [de que a miséria poderia ser abolida] e ela chegou ao conhecimento da humanidade europeia é que a questão social e a revolta dos pobres vieram a desempenhar um papel genuinamente revolucionário.” Ibid., p. 50.

¹¹⁹ O entendimento de que a revolução livra os indivíduos da repressão e permite a criação de uma situação social diferente da anterior: “Assim, o fundamental para qualquer compreensão das revoluções na era moderna é a convergência entre a ideia de liberdade e a experiência de um novo início” Ibid., p. 57.

violência na produção da revolução; a possibilidade de instauração de um novo começo e a irresistibilidade com que é visto o processo revolucionário¹²⁰.

Assim como Koselleck, a autora enfatiza o sentido de ruptura presente no conceito moderno e que o difere do conceito antigo (ligado a uma concepção de retorno). No entanto, Arendt chama a atenção para um ponto importante que não estava presente nos apontamentos de Koselleck: a revolução pode criar a libertação sem com isso criar a liberdade. Enquanto a libertação é compreendida como livrar-se da opressão, a liberdade é entendida como a participação nos negócios do Estado.

Em suas palavras:

Todas essas liberdades [liberdades civis como o direito de ir e vir], às quais poderíamos acrescentar nossas exigências de estarmos livres do medo e da fome, são, é claro, essencialmente negativas; resultam da libertação, mas não constituem de maneira nenhuma o conteúdo concreto da liberdade, que, como veremos adiante, é a participação nos assuntos públicos ou a admissão na esfera pública. Se a revolução visasse apenas a garantia dos direitos civis, estaria visando não à liberdade, e sim à libertação de governos que haviam abusado de seus poderes e violado direitos sólidos e consagrados.¹²¹

O conceito moderno de revolução alimenta o caráter de ruptura com a sociedade capitalista que Morris expressa. Além disso, para Morris, apenas essa ruptura completa tornaria os cidadãos da Inglaterra oitocentista partícipes dos negócios do Estado britânico. Toda leitura da transformação social que foi feita por outros autores sem levar em conta a ruptura completa e imediata com a sociedade capitalista foi lida pelo teórico inglês como conformismo. Pode-se observar esse aspecto da sua teoria da revolução na resenha crítica que ele fez ao socialista fabiano Sidney Webb e no manifesto de inauguração da *Liga Socialista* que ele ajudou a escrever. Se a apreciação da História é um elemento importante para a teoria da revolução de Morris, o inconformismo absoluto é outro.

¹²⁰ Para a autora, esse é um aspecto que permaneceu do conceito antigo de revolução na sua acepção moderna. Em suas palavras: "Como vimos, a novidade, o início e a violência, elementos intimamente associados a nosso conceito de revolução, estão ausentes do significado original da palavra, bem como de seu emprego metafórico inicial na linguagem política, mas existe outra conotação do termo astronômico que mencionei de passagem, e que se manteve muito marcada em nosso uso do termo. Refiro-me à ideia de irresistibilidade, o fato de que o movimento cíclico dos astros segue um caminho predeterminado e está fora do alcance de qualquer influência humana." Ibid., p.78.

¹²¹ Ibid., p.61.

1.8. Revolução como ruptura: oposição ao conformismo.

Sidney Webb foi um dos líderes do socialismo fabiano na Inglaterra e em 1889 publicou um texto que abarcava algumas de suas propostas de intervenção social. O texto é intitulado “as bases do socialismo”.¹²² Nesse trabalho, Webb propõe-se a debater um conjunto de temas que estão, de certa forma, ligados ao socialismo. Alguns exemplos de temas debatidos pelo autor são: a revolta intelectual e moral; a desintegração do modo de produção antigo; e o desenvolvimento do ideal democrático. Enquanto discutia esse desenvolvimento, ele apresentou algumas características que são rejeitadas pela teoria da revolução de Morris.

A primeira delas é a de que o socialismo deveria ser criado dentro do constitucionalismo, de forma pacífica. O segundo levantamento que receberá a crítica de Morris diz respeito à raiz do problema que, para Webb, é econômica. Com isso em mente, o revolucionário fabiano afirma que o socialismo é a parte econômica do ideal democrático. Em suas palavras:

Todos os estudiosos da sociedade que estão a par do seu tempo, socialistas, bem como individualistas, percebem que as mudanças orgânicas importantes só podem ser democráticas [...] graduais [...] não consideradas imorais pela massa do povo [...] e neste país, em todo custo, constitucional e pacífica. Os socialistas podem, portanto, estar completamente de acordo com os radicais em seus métodos políticos. [...] ambos os partidos foram levados a reconhecer que a raiz da dificuldade é econômica. [...]¹²³

Morris, na sua recensão crítica, salienta as suas diferenças em relação a Webb e aos socialistas fabianos em geral apontando para o conformismo presente em meio a esse grupo¹²⁴. Esse conformismo pode ser expresso pelo sentimento fabiano de que o aprofundamento das relações existentes na sociedade levará ao socialismo. Assim, não se faz necessário, na leitura que o teórico inglês faz do

¹²² WEBB, Sidney. The basis of socialism. In: George Bernard Shaw. Fabian Essays in socialism. **The online library of liberty**, 2004. Disponível em: <*Bernard Shaw - Fabian essays in socialism-Nabu Press (2010).pdf>. Acesso em: 02. Julho. 2023.

¹²³ Ibid., p. 12. Texto original: “All students of society who are abreast of their time, socialists as well as individualistic, realize that important organic changes can only be democratic [...] gradual [...] not regarded as immoral by the mass of the people [...] in this country at any rate, constitutional and peaceful. Socialists may, therefore, be quite at one with radicals in their political methods. [...] Both sections have been driven to recognize that the root of the difficulty is economic. [...]”.

¹²⁴ MORRIS, William. Fabian Essays in Socialism. IN: **Commonweal**, Vol 6, No. 211, pp.28-29, 1890.

pensamento de seus adversários, um processo de rompimento brusco com a realidade em vigor, basta aprofundá-la até as suas últimas consequências. Em suas palavras:

Ele [Sidney Webb] está tão ansioso para provar o lugar-comum que nosso atual sistema industrial abraça algumas das máquinas por meio das quais um sistema socialista pode ser trabalhado [...] que seu texto tende a produzir a impressão de quem pensa que já estamos nos primeiros estágios da vida socialista. [...].¹²⁵

Realçando seu entendimento de que o socialismo é uma ruptura completa com o estado de coisas existente, Morris chega a afirmar que o que Webb está propondo como caminho para o socialismo não é, de fato, socialismo:

Sejamos claros sobre este ponto: se o socialismo municipal de Sydney Webb fosse realizado e posto em prática, embora devesse logicamente (talvez) levar à destruição do privilégio e da pobreza, no entanto, historicamente, não poderia fazer nada do tipo; e, de qualquer forma, não é socialismo, pois ainda admitiria a existência de classes concorrentes.¹²⁶

Ou seja, Webb deseja construir o socialismo a partir do desenvolvimento do capitalismo, de forma pacífica e dentro dos marcos constitucionais. Para Morris, esse entendimento reflete um conformismo com o presente estado de coisas e, por permitir a existência da competição entre as classes sociais, não pode sequer ser chamado de socialismo. Mas o que propõe, então, Morris? A ruptura imediata com a sociedade capitalista.

1.9. A tática revolucionária e a construção da revolta.

Os argumentos defendidos por Morris contra a proposta de Sidney Webb demonstram que ele via uma necessidade de alterar todo o sistema sócio-econômico britânico de sua época e, portanto, seria contraditório tentar fazer parte desse sistema. Por isso, a expressão dessa busca pela ruptura imediata

¹²⁵ Ibid., p.28. Texto original: "He [Sidney Webb] is so anxious to prove the commonplace that our present industrial system embraces some of the machinery by means of which a Socialist system might be worked [...] that his paper tends to produce the impression of one who thinks that we are already in the first stages of socialistic life [...]."

¹²⁶ Ibid., p.28. Texto original: "Let us be clear on this point, that if the municipal Socialism of Mr Sydney Webb were carried out and put in practice, though it should *logically* (perhaps) lead to the destruction of privilege and poverty, yet *historically* it may do nothing of the kind; and that at any rate it is *not* Socialism, as it would still admit of the existence of competing classes."

foi a tática anti-parlamentarista da qual Morris foi um dos maiores expoentes durante a década de 1880.

A fidelidade de Morris à tática anti-parlamentar o fez estar, inclusive, entre aqueles que romperam com a SDF e criaram a *Liga Socialista* em 1885. O pivô da divisão em meio à SDF foi a resolução de Hyndman que permitiu a participação nas eleições.

Em 4 de agosto de 1884, Hyndman aprovou em reunião uma aceitação das eleições parlamentares seguintes. Como havia um entendimento entre alguns membros da organização de que as instituições da democracia parlamentar eram parte do sistema comercial baseado na guerra perpétua entre os indivíduos, a resolução de Hyndman significou uma capitulação.¹²⁷ A ruptura dos membros descontentes com a nova orientação da SDF (Morris entre eles) ocorreu no dia 23 de dezembro de 1884.

Cria-se, portanto, duas táticas no interior do movimento revolucionário marxista na Inglaterra: a tática da utilização parlamentar para atividade dos revolucionários e a tática da oposição total à democracia parlamentar. Morris ficou ao lado da oposição total.

O manifesto de inauguração da *Liga Socialista*, em aproximadamente 7 páginas, mostra essa oposição porque apreende a revolução como única alternativa possível.¹²⁸ Como uma resposta à via parlamentar adotada pela SDF, o texto inicia com as seguintes palavras: “Concidadãos, Nós estamos diante de vocês como um grupo que defende os princípios do Socialismo Internacional Revolucionário; isto é, buscamos uma mudança na base da Sociedade - uma mudança que destruiria as distinções de classes e nacionalidades.”¹²⁹

¹²⁷Fátima Vieira, discutindo o caráter eminentemente inglês do trabalho de Morris, afirma o que propomos aqui: “na base da dissidência da *Social Democratic Federation* e da subsequente fundação da *Socialist League* encontra-se assim não a questionação do ideal socialista de Hyndman mas a oposição à sua proposta de uma linha de acção parlamentar. A argumentação que Morris avança em relação a este problema é a mesma que ele utiliza para criticar a política fabiana: não é possível liquidar-se o sistema capitalista jogando de acordo com as regras que esse mesmo sistema impõe.” VIEIRA; Fátima. **Em direção ao futuro: a visão de William Morris nos limites da tradição da literatura utópica inglesa**. Porto, 1997. 535p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Universidade do Porto, pp. 379-380.

¹²⁸MORRIS, William. The Manifesto of the Socialist League: by William Morris and the provisional council of the socialist league. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/morris/works/1885/manifst1.htm>. Último acesso em: 17. Março. 2023.

¹²⁹Ibid., n.p. Texto original: “Fellow Citizens, We come before you as a body advocating the principles of Revolutionary International Socialism; that is, we seek a change in the

E depois de apresentar os problemas da sociedade capitalista, como a divisão social entre a classe possuidora e a classe produtora, o manifesto afirma que o socialismo é a única esperança para os trabalhadores:

“A única mudança possível de tudo isso é o socialismo. À medida que a escravatura passa para a servidão, e a servidão para o chamado sistema de trabalho livre, certamente este último passará para a ordem social [essa ordem é a instalação do socialismo].”¹³⁰

O manifesto encerra-se com um chamado à realização da transformação completa da sociedade e apresenta o socialismo como a única religião da Liga. Nesse sentido, qualquer objetivo de ordem parlamentar estava fora das ambições da organização:

Esforcemo-nos, pois, todos para alcançar este fim de realizar a mudança para a ordem social, a única causa digna da atenção dos trabalhadores de todas as que lhes são oferecidas: trabalhemos pacientemente nessa causa, mas esperemos, e não nos abstenhamos de lhe fazer sacrifícios. Indústria em aprender seus princípios, indústria em ensiná-los, são mais necessários para o nosso progresso; mas a estes devemos acrescentar, se quisermos evitar o fracasso rápido, franqueza e confiança fraterna uns nos outros, e devoção sincera à religião do socialismo, a única religião que a *Liga Socialista* professa.¹³¹

Como pode ser visto nas análises que se expuseram acima, a teoria da revolução que Morris construiu em meio à década de 1880 guarda uma oposição imediata e absoluta em relação à estrutura capitalista da sociedade. A tática anti-parlamentar reflete essa concepção, que, ao lado da sua apreciação sobre a História (dentro da qual há um lugar reservado para a arte), formam a teoria que Morris elaborou para transformar a Inglaterra do século XIX.

basis of Society - a change which would destroy the distinctions of classes and nationalities”.

¹³⁰ Ibid., n.p. Texto original: “The one change possible out of all this is Socialism. As chattel-slavery passed into serfdom, and serfdom into the so-called free-labour system, so most surely will this latter pass into social order.”

¹³¹ Ibid., n.p. Texto original: “Let us all strive, then, towards this end of realising the change towards social order, the only cause worthy the attention of the workers of all that are proffered to them: let us work in that cause patiently, yet hopefully, and not shrink from making sacrifices to it. Industry in learning its principles, industry in teaching them, are most necessary to our progress; but to these we must add, if we wish to avoid speedy failure, frankness and fraternal trust in each other, and single-hearted devotion to the religion of Socialism, the only religion which the Socialist League professes.”

2. As *Notícias de Lugar Nenhum* e a revolução socialista inglesa

2.1 *Now-here* e *no-where*: *Notícias de Lugar Nenhum* como abertura e propaganda

Em 1890, Morris continuou um comunista-marxista e continuou presente na *Liga socialista* que ele ajudou a fundar em 1885. Os seus panfletos não pararam de ser publicados, mas, nesse ano específico, ele utilizou o jornal também como forma de publicação de um romance utópico. Entre janeiro e outubro de 1890, publicou todos os capítulos das *Notícias de Lugar Nenhum* no jornal *Commonweal*. Surge uma questão importante para o entendimento da sua prática política nesse ano: qual era a função do romance em tela em relação às preocupações políticas do escritor vitoriano? A de produzir uma figuração de sua própria teoria.

O entendimento que vem se construindo na crítica morrisiana ergue-se na oposição à leitura que E.P Thompson tomou de empréstimo a Miguel Abensour. O historiador inglês produziu (como já foi destacado no primeiro capítulo) uma biografia de Morris. A tese central da biografia do autor é que Morris, depois de encontrar-se com o socialismo inglês, produziu uma síntese entre o seu passado romântico (cuja maior expressão consiste no ódio à modernidade e na reação revoltosa a ela) e a teoria econômica marxista.

Duas décadas depois da publicação da primeira edição dessa biografia, mais especificamente em 1972, o filósofo francês Miguel Abensour defendeu a sua tese de doutoramento sob o título *As formas da utopia socialista-comunista* (*Les Formes de L'Utopie Socialiste-Communiste*). Em tal trabalho, buscou sustentar que não havia na obra de Marx um corte entre marxismo e utopia. O seu objetivo é demonstrar que esse corte foi produzido posteriormente pelos marxistas e que, em Marx, há na verdade uma abertura ao pensamento utópico.¹³²

Thompson leu a tese defendida por Abensour e incorporou alguns de seus elementos na sua interpretação acerca de Morris. A maior expressão da influência

¹³²ABENSOUR, Miguel, **Les formes de l'utopie socialiste-communiste: essai sur le communisme critique et l'utopie**. Paris, 1972. 615p. Tese de doutorado - Departamento de direito e ciência política, Université de Paris 1 – Panthéon-Sorbonne.

que o filósofo francês exerceu na sua interpretação pode ser vista na crítica de Thompson ao marxismo ortodoxo, sobretudo quando esse marxismo se pôs em oposição ao utopismo.

Chamo de marxismo ortodoxo aquele construído sobretudo pela Terceira Internacional Socialista (1919-1943) cujo método consiste em regressar aos textos de Marx-Engels com a finalidade de resolver questões de ordem teórica. O utopismo é, nesse sentido, rejeitado pelos marxistas ortodoxos como algo estranho ao marxismo porque em algumas obras Marx e Engels empreenderam críticas ao gênero¹³³. A experiência de Martin Buber é esclarecedora do *modus operandi* da ortodoxia¹³⁴. Em suas palavras:

Permitam-me citar uma pequena experiência pessoal como exemplo desse método de pulverização do adversário por meio da rotulação. No dia de Pentecostes de 1928, realizou-se em Heppenheim, onde eu então residia, um debate entre delegados socialistas procedentes, principalmente, de grupos religiosos, em torno da possibilidade de se tornar a fomentar as forças internas do homem, sobre as quais se apóia a fé na renovação socialista. Ao tomar a palavra, discorri sobre as questões normalmente negligenciadas e sumamente concretas da descentralização e da forma de trabalho. “Não se deve rotular de utópico”, disse eu, “aquilo em que ainda não pusemos nossa força à prova”. Isso não me impediu de ser alvo de uma observação crítica por parte do presidente que, simplesmente, classificou-me entre os utopistas, encerrando, com isso, o assunto.¹³⁵

Thompson decidiu retornar à discussão sobre Morris em 1976, elaborando um pós-escrito que abarcava uma crítica a esse tipo de marxismo¹³⁶. O texto foi publicado na segunda edição da biografia e, além do que já está exposto, ele apresenta a fonte dos seus argumentos: Miguel Abensour.

O pós-escrito apresenta duas questões essenciais. Em primeiro lugar, ele rechaça completamente o entendimento de que Morris rompeu com as suas características românticas em nome de um marxismo ortodoxo. Esse posicionamento fica claro nas seguintes palavras:

¹³³ O terceiro capítulo da seção III do *Manifesto do partido comunista* e *Do socialismo utópico ao socialismo científico* são, comumente, os dois textos com os quais a ortodoxia invalida o utopismo. A relação entre Morris e o marxismo foi discutida no capítulo 1 desta dissertação. Cf. capítulo 1:2.

¹³⁴ BUBER, Martin. **O socialismo utópico**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

¹³⁵ Ibid., pp. 15-16.

¹³⁶ THOMPSON, E.P. Post scriptum de 1976. IN: _____ **William Morris**: De romântico a revolucionário. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988.

De modo que não posso aceitar nem a visão [...], segundo a qual certos conceitos marxistas foram “sobrepuestos” ao romantismo de Morris, sem integração, nem o juízo implícito de Méier [um marxista ortodoxo que será investigado na sequência por este capítulo], de que o romantismo é sinônimo de “idealismo” (em sua conotação ortodoxa marxista) E por isso teve que ser descartado quando Morris se tornou “um marxista”.¹³⁷

A leitura de Morris para além da ortodoxia é importante porque permite que a investigação sobre os seus trabalhos não seja prisioneira de um sistema ideológico fechado. A análise que prioriza o sistema ideológico busca fechar os olhos para aparentes contradições porque isso poderia comprometer a pureza do sistema. Com efeito, essa leitura não permite olhar como e por que o teórico inglês agiu da forma que agiu ao produzir determinadas obras.

As *Noticias de Lugar Nenhum* podem ser um exemplo do que se está tentando expor: o ortodoxismo agiria para adequá-las ao marxismo ainda que este possa ser lido como antiutópico. A abertura postulada por Thompson tem a qualidade de aceitar aparentes contradições no interior da dinâmica das produções morrisianas e perceber *nuances* nas obras que um olhar orientado por um sistema ideológico fechado não permitiria.

A segunda questão posta pelo pós-escrito de Thompson que é crucial para este trabalho: a leitura do romance utópico como “educação dos desejos”. Por essa chave de leitura, o romance não ficcionaliza uma teoria específica, mas busca produzir um relato que leve os seus leitores a reativar a sua função desejante, ou, em outras palavras, que leve a desejar o que ainda não existe. Um exemplo possível para esse outro tipo de desejo consiste na forma como se conduzem os trabalhos em *Nowhere*. O romance, a todo o momento, apresenta o produto do trabalho como uma realização pessoal dos indivíduos. Nesse sentido, os leitores, diante desse cenário, poderiam ser levados a desejar uma relação de trabalho diferente daquela em que viviam no século XIX.

A intervenção de Thompson foi lida pela crítica especializada nos estudos utópicos de uma maneira muito positiva. É o caso de Ruth Levitas, que ao se preocupar tanto com Morris quanto com o conceito de utopia em geral, buscou

¹³⁷Ibid., p. 721. Texto original: “De manera que no puedo aceptar ni la visión de Pierson, según la cual ciertos conceptos marxistas fueron “sobrepuestos” al romanticismo de Morris, sin integración, ni el juicio implícito de Meier, de que el romanticismo es sinónimo de “idealismo” (en su connotación ortodoxa marxista), y de aquí que tuviera que descartarse cuando Morris se convirtió en “un marxista”

situar a leitura do historiador inglês da educação dos desejos como uma saída exitosa do entrave marxista produzido pelo ortodoxismo¹³⁸. Em termos mais precisos, a leitura da autora consiste em afirmar que Morris foi redescoberto depois da sua intervenção.

Christine Nadir chama a atenção para um aspecto que esclarece o posicionamento de Abensour e o de Thompson a partir da tradução de um termo capital para a leitura do romance utópico enquanto educação dos desejos.¹³⁹ Segundo a autora, Abensour entende a realização do romance utópico nos seguintes termos: *à désirer autrement* (desejar de outro modo). Thompson traduziu essa frase como *to desire in a different way*. Por mais que a tradução feita pelo historiador inglês seja fiel ao texto original, ela não é capaz de captar a real mensagem contida no argumento de Abensour. Nesse sentido, a utopia não busca ensinar os seus leitores a desejar por outros caminhos, mas busca criar um outro desejo, uma outra forma de desejar.

Em 1982, 5 anos depois de ter defendido a sua tese, que serviu de base à leitura de Thompson, Abensour publicou um texto sobre Morris que apresenta a sua leitura sobre a “educação dos desejos”.¹⁴⁰ O objetivo do autor é encontrar a maneira pela qual a forma da utopia socialista moderna foi alterada com a publicação das *Notícias de Lugar Nenhum*. A tese à qual o autor chega é a de que Morris produziu uma “utopia-simulacro” e rejeitou uma “utopia-modelo”.

Utopia-modelo é um texto monológico construído a fim de dizer aos leitores como agir e o que fazer. Um exemplo de utopia-modelo é a obra de um filósofo socialista francês do século XIX chamado Charles Fourier¹⁴¹. Ao longo da sua obra pode-se ver que os falanstérios são detalhadamente pensados e ela busca se concretizar na realidade social por meio da agência dos seus leitores. A utopia-simulacro, por sua vez, é dialógica e tem a intenção de proliferar os desejos daqueles que a estão lendo. Não é, portanto, um texto que dita aos leitores o que

¹³⁸ LEVITAS, Ruth. The education of desire: the rediscovery of William Morris. IN: _____ **The concept of utopia**. Oxford: Oxford press, 2010.

¹³⁹ NADIR, Christine. Utopian Studies, Environmental Literature, and the Legacy of an Idea: Educating Desire in Miguel Abensour and Ursula K. Le Guin. IN: **Utopian studies**, v. 21, n. 1, pp. 24-56, 2010.

¹⁴⁰ ABENSOUR, Miguel. William morris e a utopia libertária. In: _____ **O novo espírito utópico**. ARANTES, Urias. (org.). Campinas: editora UNICAMP, 1990.

¹⁴¹ Uma boa introdução a Fourier e aos falanstérios pode ser encontrada na obra de Leandro Konder. O autor buscou dar conta do pensamento e da vida do socialista francês. Para mais informações, cf: KONDER, Leandro. **Fourier, o socialismo do prazer**. Rio de Janeiro, civilização brasileira, 1998.

fazer. Abensour, com esses termos, afirma que Morris produziu uma utopia antipedagógica:

A ausência de pedagogia, longe de ser uma fraqueza ou uma falha, como tendem a considerá-la os pedagogos marxistas, indica, ao contrário, a novidade de *News From Nowhere*. A força da utopia de William Morris está em que nenhum ideal, nenhum plano de educação moral da humanidade aparece aí e não pode revelar-se. O abandono da utopia-modelo acarreta um efeito bem antipedagógico uma vez que o modelo contém necessariamente a pedagogia e vice-versa.¹⁴²

O empreendimento de Thompson feito com o amparo do arsenal teórico produzido por Abensour e contra o marxismo ortodoxo teve como alvo de sua crítica o filósofo francês Paul Méier, que encarnou o ortodoxismo quando publicou originalmente em 1972 uma biografia de Morris na qual buscou sustentar que o cidadão vitoriano, quando se assumiu um socialista, rompeu definitivamente com qualquer tradição romântica.¹⁴³ Assim, a entrada do marxismo na vida de Morris é o momento em que se opera uma ruptura com o pensamento que o autor assumiu anteriormente.

A forma como se construiu a hipótese de Méier mantém uma semelhança com o percurso construído por Thompson: o desenvolvimento de Morris é entendido inicialmente dentro dos marcos do pensamento romântico e depois nos marcos do pensamento marxista. Nesse sentido, o autor não se colocou contrário à aproximação que o seu crítico britânico propôs entre Morris e os românticos ingleses. A diferença é temporalmente delimitada no ano em que Morris se filia ao movimento socialista e toma conhecimento do livro *O Capital*.

No entanto, embora haja essa semelhança entre as biografias, a hipótese de Thompson consiste em uma síntese entre o romantismo e o socialismo de Morris. Dessa forma, Morris não abandona o romantismo quando se encontra com os pioneiros do socialismo inglês, ele integra-o à nova ideologia que assume. Não há um corte que possa dividir de maneira estanque esses dois momentos, há uma síntese. O corte existe na hipótese de Méier.

No entendimento do biógrafo francês, o ano de 1885 designa o instante a partir do qual Morris abandona o movimento romântico. Esse recorte também se estende ao utopismo. Nesse sentido, Morris é compreendido como um autor do gênero utópico até o momento em que adere ao movimento socialista.

¹⁴² ABENSOUR, M., op. cit., p. 136.

¹⁴³ Méier, PAUL. **William Morris**: The marxist dreamer. New Jersey, the harvester press, 1978.

Seguindo essa linha interpretativa, Méier entende que todas as influências que Morris teve ao longo da sua vida foram transformadas a tal ponto que só podem ser lidas à luz da teoria marxista. Partindo dessa posição, sua obra sustenta que a interpretação das *Notícias de lugar nenhum* deve ser feita sob o prisma do pensamento iniciado em Marx e Engels. Nas palavras iniciais da obra pode ser constatado que a leitura vai nesse direção:

Todas as minhas análises e descobertas me levam a pensar que, de fato, a principal inspiração e o ponto de partida da utopia de Morris devem ser buscados no marxismo. No entanto, sou obrigado a registrar isso, apesar do breve mas lúcido resumo de R Page Arnot, que desempenhou um papel pioneiro, e apesar da extraordinária riqueza da biografia política escrita por E. P Thompson, os críticos são quase unânimes em declarar que William Morris era o oposto de um marxista. A essência da minha tarefa consistirá em uma tentativa de resolver este argumento. Pode-se objetar que o esforço poderia ter sido restrito a isso. A tentação foi grande, mas o resultado dificilmente teria sido satisfatório. Outras influências estão misturadas com a que considero predominante. Certamente é minha convicção que essas outras influências foram profundamente transformadas, digeridas, assimiladas pela ideologia determinante. Mas sua existência é indiscutível e passá-las em silêncio distorceria o ponto de vista, perturbaria o equilíbrio, perverteria a verdade. Tomo uma posição unicamente sobre a complexidade dos fatos.¹⁴⁴

Na leitura do biógrafo, em 1885, aquando do nascimento da *Liga socialista*, Morris já havia rejeitado inteiramente o entendimento preconizado pelos utopistas que, em sua leitura, expõem a necessidade de um líder ou de um príncipe para a efetivação da revolução. Morris, ao contrário, estava consciente do postulado marxista de que “a emancipação dos trabalhadores será uma obra dos próprios trabalhadores”¹⁴⁵.

¹⁴⁴ Ibid., p. 55. Texto original: “The whole of my analyses and discoveries inclines me to think that, in fact, the main inspiration and starting point of Morris’s utopia are to be sought in Marxism. However, I am obliged to record that, despite the brief but lucid summary from R Page Arnot, who played a pioneer role, and despite the extraordinary wealth of the political biography written by E. P Thompson, critics are almost unanimous in declaring that William Morris was the opposite of a Marxist. The essence of my task will consist of an attempt to resolve this argument. It may be objected that the effort could have been restricted to that. The temptation was great, but the result would scarcely have been satisfactory. Other influences are intermingled with the one I find predominant. Certainly it is equally my conviction that these other influences have been profoundly transformed, digested, assimilated by the determining ideology. But their existence is indisputable and to pass them over in silence would distort the viewpoint, upset the balance, pervert the truth. I take a stand solely upon the complexity of the facts.”

¹⁴⁵ Estatutos da Associação Internacional dos Trabalhadores IN: MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 63.

Mèier está de tal forma convencido do marxismo de Morris que observa uma identidade entre ele e Marx mesmo quando o texto comparado sequer existia. Referindo-se à *Crítica do programa de Gotha*, o autor afirma que Morris teve contato com o conteúdo da crítica por meio de Belford Bax e ficcionalizou as ideias contidas nesse texto nas *Notícias de Lugar Nenhum*. A posição que o autor atribui a Bax é importante no seu argumento porque a *Crítica do programa de Gotha* sequer havia sido publicada quando o romance utópico já era lido. Em suas palavras:

Por mais que Marx e Engels não tenham se aventurado nos detalhes da antecipação, eles estabeleceram os marcadores, e a utopia de Morris é baseada nesses dados com consistência surpreendente. Por exemplo, segue fielmente a previsão de Engels sobre o desaparecimento do Estado. Mas encontraremos um motivo muito maior de espanto ao observar que o pensamento utópico do poeta repousa sobre a teoria fundamental de dois estágios, como foi formulado por Karl Marx na *Crítica do programa de Gotha*, que não foi publicado antes de 1891 e estava com outros manuscritos não publicados entre os papéis de Engels. Proponho comparar os textos oportunamente. No momento, contento-me em perguntar se o intermédio de Bax é suficiente para explicar uma identidade de pensamento tão profunda - uma identidade de pensamento que se mostra em muitos outros pontos e que, por vezes, também aparece quando as passagens originais de Marx e Engels ainda não tinham sido publicadas.¹⁴⁶

A tese da abertura construída por Thompson, portanto, oferece um avanço contra o marxismo ortodoxo representado por Mèier. No entanto, a crítica morrisiana mais recente, sobretudo a crítica centrada no Reino Unido, vem relativizando a leitura de Abensour e chamando a atenção para o caráter propagandístico das *Notícias de Lugar Nenhum*, sem com isso negar que a obra tenha também um caráter dialógico. É o caso da Michelle Weinroth¹⁴⁷.

¹⁴⁶ MÈIER, P., op. cit., p. 244. Texto original: "While Marx and Engels did not venture into the details of anticipation, they set out the markers, and Morris's utopia is based upon these primary data with astonishing consistency. For example, it faithfully follows Engels's prediction on the withering away of the State. But we shall find a much greater cause for astonishment in observing that the poet's utopian thinking rests upon the fundamental theory of two stages, as it was formulated by Karl Marx in his Critique of Gotha programme, which was not published before 1891 and lay with other unpublished manuscripts among the paper of Engels. I propose to compare the texts in due course. For the moment I rest content with wondering whether the intermediary of Bax suffices to explain so profound an identity of thought - an identity of thought which shows on many other points and sometimes also when the original passages of Marx and Engels were still unpublished".

¹⁴⁷ WEINROTH, Michelle. Morris road to nowhere: new pathways in political persuasion. IN: BROWNE, Paul Leduc; WEINROTH, Michelle. (org). **To Build a Shadowy Isle of**

Para a autora, o romance de Morris é um projeto retórico e traz em si aspectos epistemológicos e estéticos. Em seu entendimento, o caráter epistemológico compreende uma análise da realidade social imediata. Um exemplo possível para esse caráter é a leitura do papel crucial desempenhado pelo dinheiro para o funcionamento da sociedade capitalista. Para compreender a forma pela qual o dinheiro age deve-se estudar a sociedade de uma maneira científica, amparado pela economia e sociologia. Assim, ao construir uma crítica ao longo do romance à forma pela qual o dinheiro era utilizado na Inglaterra oitocentista, o texto vale-se de um aspecto epistemológico.

Em contrapartida, os aspectos estéticos estão relacionados à forma como alguns elementos da obra de arte são capazes de desfazer a realidade cotidiana imediata e proporcionar uma compensação gratificante, ainda que efêmera. Nessa linha interpretativa, o romance fornece aspectos estéticos quando representa uma sociedade na qual o trabalho não é um fardo e todos os indivíduos são livres. O leitor do século XIX é suspenso da sua realidade social imediata e sente a gratificação, enquanto duram as páginas do romance, de uma outra realidade. A articulação entre esses dois tipos de componentes produz uma matéria-prima para a propaganda.

Dito propriamente, Weinroth sequer compreende a leitura propagandística do romance de Morris como uma novidade e por isso concentra a sua análise na inovação retórica trazida pela obra:

Não é original afirmar que a NfN [*News From Nowhere*], que foi publicada pela primeira vez nas páginas do *Commonweal*, serviu como um meio fictício para a propaganda de Morris. No entanto, essa visão não revela a extensão da inovação da NfN na retórica.¹⁴⁸

Em sua leitura, Morris se preocupou com a forma de comunicar a utopia a seus leitores ao longo de toda a década de 1880. Nesse sentido, as publicações *Peregrinos da esperança* (*Pilgrims of hope*) e *O sonho de John Ball* (*A dream of John Ball*) são formas de testar os limites da comunicação utópica.

A primeira obra é, como já destacado nesta dissertação, uma narrativa ficcional que se passa na comuna de Paris, em 1871. A personagem principal

Bliss: William Morris radicalism and the embodiment of dreams. Canada: McGill-Queen's University Press, 2015

¹⁴⁸ Ibid., p. 177. Texto original: "It is hardly original to claim that NfN, which was first published in the pages of *Commonweal*, served as a fictional medium for Morris's propaganda. Yet this view does not reveal the extent of NfN's innovation in rhetoric."

junta-se aos revolucionários porque imagina que o seu país, a Inglaterra, não viveria uma revolução como aquela. O fim da narrativa é trágico: o herói da história volta ao seu país vivo, mas seu amigo e sua esposa foram mortos pelo exército francês.

Já *O sonho de John Ball* é uma narrativa ficcional segundo a qual um narrador inglês socialista do século XIX (um alter-ego de Morris) sonha consigo mesmo no século IV, em meio à revolta da vila *Kentish*. No fim da narrativa, o narrador sem nome e os líderes da revolta (inclusive o santo John Ball) são executados em Londres pelas forças da realeza britânica.

Lendo essas duas obras em acordo com o romance utópico de 1890, Weinroth compreende que Morris busca uma maneira de lidar narrativamente com a utopia. A autora vale-se de uma passagem das *Notícias de Lugar Nenhum* para salientar seu ponto.

Logo no início do romance, William Guest retira-se de uma reunião da *Liga socialista* e volta para a sua casa desejoso de ver uma sociedade totalmente transformada depois de um processo revolucionário. Ao deitar-se em sua cama, a personagem desperta e então acorda em 2102, em uma Inglaterra totalmente transformada. Na leitura de Weinroth, Morris retira-se da discussão da *Liga socialista* porque renuncia àquela forma de negociar e projeta um desejo de visualizar uma sociedade sem classes sociais. *Nowhere* representa, portanto, uma visão de “como nós devemos viver”¹⁴⁹. Ela chama essa estratégia narrativa de “desengajamento”:

Esta política de desengajamento é central para a minha leitura do romance de Morris, e especialmente para as suas páginas de abertura. Pois neste crucial *incipit* [palavras de abertura], o protagonista sai do “fórum” - o debate na Liga - abandona o *negotium* dessa esfera ativista, e entra no reino nowheriano de *Otium*. Em sua rejeição de algumas estratégias retóricas básicas e visões de mudança social promovidas por seus co-revolucionários, sua “retirada” para o que mais tarde se revela ser a Arcádia Nowheriana não é uma aposentadoria apática ao *negotium*. É um desejo ardente de garantir um espaço à parte - livre das frustrações da discussão circular e interminável - um lugar para pensar os princípios fundamentais de um mundo social humano

¹⁴⁹ Essa expressão faz alusão ao panfleto “Como nós vivemos e como poderíamos viver” (discutido no capítulo anterior)

e os meios retóricos mais eficazes para entregar seus méritos.¹⁵⁰

Mas, na sua apreciação, a visão de “como devemos viver” não basta, faz-se necessário também pensar em como essa visão deve ser transmitida aos leitores da obra. *Notícias de Lugar Nenhum* também é “como devemos escrever”. Isso pode ser observado nas palavras de Weinroth: “Mas através de seu próprio mundo fictício, ele empreende uma tarefa ainda mais significativa: levanta o problema intratável de como podemos entregar notícias sobre o que não sabemos”.¹⁵¹

No entanto, seria um equívoco imaginar que, ao pontuar o caráter retórico do romance, ao qual se liga o seu teor propagandístico, a autora estaria dizendo que há um modelo na obra que deve ser seguido pelos seus leitores. Ela é clara ao dizer que não há nenhum modelo imposto por Morris. Isso pode ser visto no papel que a economia desempenha na sociedade.

A bem da verdade, em sua argumentação, a chave-mestra da propaganda de Morris repousa na representação de uma sociedade na qual a economia não é comensurável e nem quantificada. Porém, a sua visão do futuro não está dizendo como as pessoas deveriam viver um dia, mas, como a humanidade não se transforma espontaneamente depois da revolução, como elas poderiam começar a viver.

Claramente, a construção de Morris da economia de *Nowhere* favorece a medida qualitativa e é indeterminada sobre a quantificação e as racionalizações que são determinantemente fixas na sociedade baseada em mercadorias. Essa preferência pelo “incomensurável”, pelo “não quantificável”, guarda o segredo de sua nova propaganda e estabelece as condições de um experimento de persuasão. [...] Não há nenhum idioma imediatamente reconhecível no contexto vitoriano (ou no nosso, aliás) que possa capturar instantaneamente as especificidades do futuro bem-estar desejado de Morris e

¹⁵⁰ WEINROTH, M., op. cit., p. 181. Texto original: “This politics of disengagement is central to my reading of Morris’s romance, and notably to its opening pages. For in this crucial *incipit*, the protagonist storms out of the “forum” – the debate at the League – abandons the negotium of this activist sphere, and enters the Nowherian realm of otium. In his rejection of some basic rhetorical strategies and visions of social change touted by his co-revolutionaries, his “withdrawal” into what later turns out to be the Nowherian Arcadia is not an apathetic retirement from negotium. It is a burning desire to secure a space apart – liberated from the frustrations of circular and interminable discussion – a place for thinking through the fundamental principles of a humane social world and the most effective rhetorical means for delivering its merits.”

¹⁵¹ Ibid., p. 194. Texto original: “But through its own fictional world, it undertakes an even more significant task: it raises the intractable problem of how we might deliver news about that which we do not know”.

os meios exatos de alcançá-lo. A visão nebulosa do sonho deve servir como seu veículo mais adequado; e o delineamento das relações econômicas e sociais “incomensuráveis” deve oferecer, não apenas o paradigma de acordo com o qual seus semelhantes possam um dia viver, mas de acordo com o qual eles possam começar, em sua própria época, para interagir e se comunicar de forma mais magnânima e autocrítica. Para Morris, a reconstituição da humanidade não se cristalizará espontaneamente após a revolução; ela terá que ser parte integrante dela, já que o futuro plantará suas raízes no agora.¹⁵²

Embora haja uma série de situações em que se pode ver a economia de *Nowhere*, não há um modelo na narrativa. Morris exime-se de apresentar detalhes sobre quaisquer coisas. Para Weinroth, essa forma narrativa escolhida pelo romancista tem a intenção de não permitir que o leitor, movido por uma leitura literal, pule por cima dos aspectos estéticos da obra. Morris deseja produzir o seu herói em um eixo de desorientação que não busca ensinar os seus leitores a como agir, mas permite que eles questionem uma mudança econômica.

A falta de um modelo é, na verdade, um elemento do projeto retórico de Morris. Ele resistiu a uma utopia sistemática e racionalista (a uma utopia-modelo, nas palavras de Abensour) porque estava consciente do problema da recepção das utopias, que eram vistas ou como modelos societários ou como um tratado de didática. Sua obra traz em si uma proibição da leitura literal:

Ao responder a Bellamy, Morris efetivamente indiciou tal unidimensionalidade; ao resistir à sistemática racionalista e à lógica administrativa das utopias tradicionais, ele optou pela desobediência da visão do sonho com sua proibição implícita contra as leituras literais. Com certeza, Morris estava plenamente consciente da recepção problemática das utopias: como modelos sociais ou como tratados técnicos e didáticos sombrios. NfN não é, portanto, outra utopia, mas um

¹⁵² Ibid., pp. 187-188. Texto original: “Clearly, Morris’s construct of Nowherian economics favours qualitative, indeterminate measure over the quantifying, determinate rationalizations of commodity-based society. This preference for the “incommensurable,” for the “unquantifiable” holds the secret of his novel propaganda and sets the conditions of an experiment in persuasion. [...] There is no immediately recognizable idiom in the Victorian context (or in ours, for that matter) that can instantly capture the specifics of Morris’s desired future commonweal and the exact means of attaining it. The hazy dream vision must serve as his most apt vehicle; and the delineation of “incommensurable” economic and social relations must offer, not only the paradigm according to which his fellow beings might one day live, but according to which they might begin, in their own era, to interact and communicate more magnanimously and self-critically. For Morris, the reconstitution of humanity will not spontaneously crystallize after the revolution; it will have to be an integral part of it, since the future plants its roots in the now.”

romance, rotulado de utópico em antecipação autoconsciente de sua recepção.¹⁵³

Owen Holland é outro autor que segue a leitura propagandística das *Notícias de Lugar Nenhum*.¹⁵⁴ Sua leitura é amparada em fontes secundárias e uma delas foi produzida pelo próprio William Morris, quando afirmou o caráter propagandístico de seu romance ao seu ex-correligionário e líder da *Federação socialista democrática* Henry Hyndman:

A minha leitura do utopismo de Morris parte do pressuposto de que ele [o utopismo] constitui uma extensão, e não uma interrupção, da sua escrita propagandística. O próprio Morris descreveu *Nowhere* em uma carta a Henry Myers Hyndman como uma das “duas obras mais ou menos propagandistas”, ao lado de *Socialismo desde as suas raízes ou socialismo, seu crescimento e resultado*, escrito em co-autoria com Bax. Henry Halliday Sparling, o subeditor do *Commonweal* (e genro de Morris) também caracterizou *Nowhere* como um dos romances propagandistas de Morris tendo sido escrito, como *John Ball*, em parcelas semanais para *Commonweal*, a fim de “estabilizar a circulação”.¹⁵⁵

Holland busca sustentar a sua leitura chamando a atenção para dois sentidos impressos no título da obra de Morris. O título original é *News From Nowhere: Or an epoch of rest*. A palavra *Nowhere* pode ser lida em duas chaves: tanto como *No-Where* (lugar nenhum) quanto como *Now-here* (aqui e agora). Seu objetivo, portanto, é demonstrar que o texto cumpre uma tarefa ficcional, que empreende fugir à realidade (*No-Where*) e uma tarefa política orientada pelo presente (*Now-Here*). Para levar essa leitura adiante foi necessário a Holland demonstrar como Morris enxergava o papel da arte ficcional na propaganda política. Em seu argumento, Morris começa a entender a poesia como instrumento

¹⁵³ Ibid., p. 193. Texto original: “In responding to Bellamy, Morris effectively indicted such one-dimensionality; in resisting the rationalist systematicity and administrative logic of mainstream utopias, he opted for the waywardness of the dream vision with its implicit prohibition against literalist readings. To be sure, Morris was fully conscious of the problematic reception of utopias: either as societal blueprints or as dreary technical and didactic treatises. NfN is thus not another utopia, but a romance, labelled utopian in self-conscious anticipation of its reception.”

¹⁵⁴ HOLLAND, Owen. **William Morris's utopianism: propaganda, politics and prefiguration**. London: palgrave macmillan, 2017.

¹⁵⁵ Ibid., p. 18. Texto original: “My own reading of Morris's utopianism sets out from the opposite assumption that it constitutes an extension, rather than an interruption, of his propagandistic writing. Morris himself described *Nowhere* in a letter to Henry Myers Hyndman as one of ‘two works more or less propagandist’ alongside *Socialism: Its Growth and Outcome*, co-authored with Bax. Henry Halliday Sparling, the *Commonweal* subeditor (and Morris's son-in-law), similarly characterised *Nowhere* as one of Morris's ‘propagandist romances, having been written as *John Ball* was, in weekly instalments for *Commonweal*’ in order to ‘steady the circulation’.”

de propaganda a partir da década de 1880. Desde então, o cidadão vitoriano não compreende a poesia como destacada da realidade política, mas como um espaço de disputa ideológica. As *Notícias de Lugar Nenhum* são, assim, mais um exemplo dessa nova orientação do autor.

A posição de Holland permite que vejamos o romance de Morris na intersecção entre o figurativo e o político-imediato. Essa é, inclusive, a sua proposta:

Persistir, como é minha intenção, com uma exegese minuciosa dos momentos de *Nowhere* orientados para o presente (e obras relacionadas) aponta para uma experiência de leitura diferente, identificável com a fase inicial, situada da recepção do texto, que deve ter parecido algo como uma interpenetração caleidoscópica do especulativo e do concreto, do futuro e do presente, do aberto e do resolutamente propagandístico, ou, em suma, do utópico e do político.¹⁵⁶

Com a finalidade de posicionar a obra de Morris nesses termos, o autor busca retirar o romancista inglês de uma “cultura do deslocamento”¹⁵⁷ que ele imagina ser contemporânea ao cidadão vitoriano. Nesse sentido, enquanto autores como Oscar Wilde delimitam claramente a diferença entre a arte e a ética, Morris, influenciado por Ruskin, não dissocia esses dois campos e entende a arte como fruto do meio social no qual ela aparece. Diferentemente de alguns dos seus contemporâneos, o teórico inglês não aceitou a ideia segundo a qual a arte é autônoma.

Entender o romance nesses termos permite que se entenda de uma maneira mais precisa as críticas que Morris endereçou à sua contemporaneidade. Um exemplo mobilizado por Holland permite que essa qualidade se mostre: a transformação do parlamento britânico em um depósito de esterco. No capítulo 5, William Guest se depara com os prédios responsáveis pelas casas do parlamento na Inglaterra oitocentista e pergunta a seu guia na nova sociedade (o barqueiro Dick) sobre eles:

¹⁵⁶ Ibid., p. 33. Texto original: “To persist, as is my intention, with a thoroughgoing exegesis of the present-oriented moments of *Nowhere* (and related works) points to a different reading experience, identifiable with the initial, situated phase of the text’s reception, which must have resembled something like a kaleidoscopic interpenetration of the speculative and the concrete, the future and the present, the open-ended and the resolutely propagandistic, or, in short, the utopian and the political.”

¹⁵⁷ Para Holland, a cultura do deslocamento é a criação artística destacada da realidade. Assim, ao ler um romance típico do deslocamento, o leitor é deslocado da sua realidade e imerso no universo próprio do texto.

Avançamos mais um pouco, olhei outra vez para a direita e perguntei, com voz duvidosa: “Veja, as Casas do Parlamento! Elas ainda estão em uso?”

Ele explodiu numa risada, e passou-se algum tempo até que ele se controlasse; então deu-me um tapa nas costas, dizendo:

“Bem que eu o entendo, meu amigo; é inexplicável tê-las deixado de pé, eu sei alguma coisa sobre elas, meu velho parente me deu livros sobre o estranho jogo que ali se praticava. Em uso! Bem, são usadas como uma espécie de mercado secundário e como depósito de esterco, e para isso elas são muito práticas, pois estão exatamente à beira d’água.”¹⁵⁸

Essa passagem, vista à luz da concepção do romance como *Now-here* preconizada por Holland, permite que a piada feita com as casas do parlamento seja imediatamente associada às práticas parlamentares inglesas do século XIX. Uma leitura da obra unicamente baseada no entendimento do *No-where* trataria essa piada como uma crítica abstrata a qualquer parlamento e não especificamente ao parlamento inglês da era vitoriana.

Michael Holzmam¹⁵⁹ também buscou ler a obra de Morris como uma produção orientada pelas disputas políticas da contemporaneidade do autor. Mesmo não pontuando que as *Notícias de Lugar Nenhum* foram uma obra de propaganda (como fizeram Michelle Weinroth e Owen Holland), o autor apresenta o texto como atravessado pelas querelas que Morris travou com os anarquistas. Em suas palavras: “As extensas descrições da organização comunitária da sociedade do futuro também podem ser apontadas como parte da crítica de Morris ao anarquismo.”¹⁶⁰

Segundo Holzmam, a política anti-parlamentar cultivada pela *Liga Socialista* atraiu um grande número de anarquistas com o qual Morris polemizou. O tema principal da polêmica consiste na rejeição absoluta de qualquer autoridade. Para os anarquistas, toda a autoridade deveria ser rechaçada, mas, para Morris, alguma autoridade tem de ser aceita para a organização social ser possível. Mais uma vez, o exemplo do anarquista James Blackwell ajuda a esclarecer a querela entre o teórico inglês e os seus correligionários anarquistas da *Liga Socialista*. Como já foi registrado nesta dissertação, Thompson registrou na

¹⁵⁸ MORRIS, William. **Notícias de lugar nenhum**, op. cit., pp. 61-62.

¹⁵⁹ HOLZMAN, Michael. Anarchism and utopia: William Morris's News From Nowhere. IN: **The John Hopkins University press**, V. 51, N. 3, 1984, pp. 589-603.

¹⁶⁰ Ibid., p.596. Texto original: “The extensive descriptions of the communal organization of the society of the future might also be pointed to as part of Morris's critique of Anarchism.”

sua biografia que Blackwell propôs no jornal *Commonweal*, em 13 de abril de 1889, que a Liga deveria se colocar “contra o princípio de autoridade” porque a autoridade, seja qual for, sempre degenera-se em tirania.¹⁶¹ Nesse sentido, ao imaginar uma sociedade que já viveu um processo revolucionário, Morris entende que a autoridade da “maioria” deve se impor. Em outras palavras: mesmo em uma sociedade que construiu uma democracia direta, as decisões devem ser tomadas de acordo com a maioria, que necessariamente se colocaria como uma autoridade.

Diante da leitura propagandística do romance de Morris põe-se a pergunta: o romance apresenta um modelo a ser seguido? Como ainda será discutido neste trabalho, a narrativa não apresenta modelo algum a ser seguido. A bem da verdade, a inexistência de um modelo é um dos marcos da obra. No entanto, as *Notícias de Lugar Nenhum* são orientadas por uma política imediata. Em meio a essa política, Morris apresentou a sua teoria da revolução e, com o auxílio da narrativa ficcional, criou uma figuração para ela.

Pode-se ver essa política no fato que provocou Morris a escrever o seu romance: a publicação do romance de Bellamy. Em uma tentativa de criticar o texto do jornalista estadunidense, o cidadão vitoriano ofereceu a sua obra. Nessa oposição registrada nas *Notícias de Lugar Nenhum* é possível perceber a teoria da revolução que Morris construiu nos panfletos políticos que publicou entre 1883 e 1890.

2.2 Dois romances, dois conceitos: a crítica revolucionária de Morris ao processo evolucionário de Bellamy

O romance de Bellamy apresenta a história de Julian West, uma personagem que tem problemas para dormir por causa da consciência que possui sobre a sua posição social¹⁶². West pertence às camadas mais altas da sociedade americana do final do século XIX e sabe que o mundo que o cerca é repleto de injustiças e que tais injustiças não o tocam porque ele é um beneficiário desse mundo.

¹⁶¹ cf: THOMPSON, E. P. **William Morris: De romântico a revolucionário**, op. cit., pp. 507-510.

¹⁶² BELLAMY, Edward. **Looking Backward**, op. cit.

Para vencer o seu problema, ele é submetido a uma hipnose todas as vezes que vai deitar. No ano de 1888, algo não saiu como planejado: a personagem foi submetida à sua recorrente hipnose, mas não despertou e permaneceu inconsciente até o ano 2000. Nesse ano, ele é obrigado a despertar por causa de um acontecimento inesperado: o dono da casa que outrora pertenceu a West escavou o seu quintal e descobriu o lugar onde ocorreu a hipnose da qual o protagonista da história não despertou.

O nome do dono da casa é Dr. Leete. Ele informou a West que tinha a intenção de criar um laboratório ao lado de sua casa para testar experimentos químicos. Para realizar a sua vontade, ele contratou pedreiros para uma escavação e, devido a uma grande chuva, uma das paredes do porão desmoronou e deixou à vista um cômodo que estava enterrado. Depois de desenterrá-lo, Dr. Leete encontrou West deitado em sua cama. Logo que pôde, o novo dono da casa tentou técnicas de ressuscitação que retiraram efetivamente a personagem do século XIX de seu sono de 112 anos. As palavras de Dr. Leete sobre o descobrimento de um corpo enterrado abaixo de seu porão mostram o quanto esse fato lhe foi impressionante:

A própria abóbada estava perfeitamente intacta [o cômodo no qual West passou pela hipnose tinha o formato de uma abóbada], sendo o cimento tão bom quanto quando aplicado pela primeira vez. Tinha uma porta, mas nós não podíamos forçar, e encontramos a entrada removendo uma das lajes que formavam o telhado. O ar que subia estava estagnado, mas puro, seco e não frio. Descendo com uma lanterna, encontrei-me em um apartamento equipado como um quarto no estilo do século XIX. Na cama estava um jovem. Que ele estava morto e deveria estar morto há um século era, naturalmente, um dado adquirido; mas o extraordinário estado de preservação do corpo me atingiu e aos colegas médicos que eu havia convocado com espanto. Que a arte de tal embalsamamento como este tinha sido conhecida nunca deveríamos ter acreditado, mas aqui parecia testemunho conclusivo de que nossos antepassados imediatos tinham possuído.¹⁶³

¹⁶³Ibid., p. 20. Texto original: "The vault itself was perfectly intact, the cement being as good as when first applied. It had a door, but this we could not force, and found entrance by removing one of the flagstones which formed the roof. The air which came up was stagnant but pure, dry and not cold. Descending with a lantern, I found myself in an apartment fitted up as a bedroom in the style of the nineteenth century. On the bed lay a young man. That he was dead and must have been dead a century was of course to be taken for granted; but the extraordinary state of preservation of the body struck me and the medical colleagues whom I had summoned with amazement. That the art of such

Enquanto o herói do romance dormiu profundamente, uma grande mudança social foi operada na sociedade americana e, embora tivesse nascido naquele território, West precisou aprender tudo sobre a “nova sociedade”. Os EUA eram os mesmos, mas a sociedade mudou muito. Quem ficou responsável por explicar sobre a nova sociedade foi o mesmo que o retirou da hipnose e a sua família.

Houve uma mudança social nos EUA a partir da centralização cada vez maior dos monopólios. O Estado americano progressivamente absorveu os monopólios comerciais a fim de promover o bem-estar social dos estadunidenses. A vida, no final da mudança, passou a ser totalmente planejada pela burocracia. A centralização dessa sociedade é, a todo o momento, comparada à organização de um exército. Pode-se perceber isso quando se tem em mente que o cidadão considerado presidente dos Estados Unidos do ano 2000 equivalia a um general do “exército industrial”. Respondendo a pergunta de West sobre como se escolhe o presidente dos EUA, Dr. Leete afirma:

“Já lhe expliquei antes,” respondeu o Dr. Leete, “quando eu estava descrevendo a força do motivo de emulação entre todos os graus do exército industrial, que a linha de promoção para o meritório reside em três níveis para o grau de oficial, e daí até os tenentes para a capitania ou chefe de equipe, e superintendência ou posto de coronel. Em seguida, com um grau de intervenção em alguns dos negócios maiores, vem o general da guilda, sob cujo controle imediato todas as operações do comércio são conduzidas. Esse oficial é o chefe do *bureau* nacional que representa seu comércio e é responsável por seu trabalho na administração. O general de guilda tem uma posição esplêndida, e uma que satisfaz amplamente a ambição da maioria dos homens, mas acima de sua patente, que pode ser comparada - para seguir as analogias militares familiares a você - com a de um general de divisão ou major-general, está a dos chefes dos dez grandes departamentos, ou grupos de negócios aliados. Os chefes dessas dez grandes divisões do exército industrial podem ser comparados aos seus comandantes de corpo de exército, ou tenente-gerais, cada um tendo de uma dúzia a uma quantidade de generais de guildas separadas relatando a ele. Acima desses dez grandes oficiais, que formam seu conselho, está o general-em-chefe, que é o Presidente dos Estados Unidos”¹⁶⁴.

embalming as this had ever been known we should not have believed, yet here seemed conclusive testimony that our immediate ancestors had possessed it.”

¹⁶⁴ Ibid., p. 110. Texto original: “I explained to you before,” replied Dr. Leete, “when I was describing the force of the motive of emulation among all grades of the industrial army, that the line of promotion for the meritorious lies through three grades to the officer’s grade, and thence up through the lieutenantcies to the captaincy or foremanship, and superintendency or colonel’s rank. Next, with an intervening grade in some of the larger trades, come the general of the guild, under whose immediate control all the operations of

O trabalho, como um dos aspectos da vida social, também era altamente regrado pela burocracia do Estado. Os trabalhadores iniciavam as suas atividades aos 21 anos, trabalhavam por três anos e então escolhiam uma ocupação mais condizente com suas habilidades, na qual permaneceriam até os 45. Nessa idade, deixavam de trabalhar e se dedicavam de forma exclusiva ao cultivo da mente.

A despeito dessa regulação do trabalho, o livro é cuidadoso para representar a satisfação dos trabalhadores na sua atividade. Isso fica claro quando Dr. Leete explicou a West que, na nova sociedade, não há uma hierarquia entre os trabalhadores:

“Não”, respondeu o Dr. Leete. “Os garçons são homens jovens no grau não classificado do exército industrial que são atribuíveis a todos os tipos de ocupações diversas que não exigem habilidade especial. Servir à mesa é uma delas, e a cada jovem recruta é dado um gosto dela. Eu mesmo servi como garçom por vários meses nesta mesma casa de jantar há cerca de quarenta anos. Uma vez mais, eu devo te lembrar de que não se reconhece qualquer diferença entre a dignidade dos diferentes tipos de trabalho exigidos pela nação. O indivíduo nunca é considerado, nem se considera, como o servo daqueles a quem serve, nem é de forma alguma dependente deles. É sempre à nação que ele está servindo. Nenhuma diferença é reconhecida entre as funções de um garçom e as de qualquer outro trabalhador. O fato de que ele é um serviço pessoal é indiferente do nosso ponto de vista. Assim é um médico. Eu deveria esperar que nosso garçom hoje olhasse para baixo para mim, porque eu o servi como médico, como pensar em olhar para baixo para ele, porque ele me serve como garçom”.¹⁶⁵

the trade are conducted. This officer is at the head of the national bureau representing his trade, and is responsible for its work to the administration. The general of his guild holds a splendid position, and one which amply satisfies the ambition of most men, but above his rank, which may be compared—to follow the military analogies familiar to you—to that of a general of division or major-general, is that of the chiefs of the ten great departments, or groups of allied trades. The chiefs of these ten grand divisions of the industrial army may be compared to your commanders of army corps, or lieutenant-generals, each having from a dozen to a score of generals of separate guilds reporting to him. Above these ten great officers, who form his council, is the general-in-chief, who is the President of the United States.”

¹⁶⁵ Ibid., p. 92. Texto original: “No,” replied Dr. Leete. “The waiters are young men in the unclassified grade of the industrial army who are assignable to all sorts of miscellaneous occupations not requiring special skill. Waiting on table is one of these, and every young recruit is given a taste of it. I myself served as a waiter for several months in this very dining-house some forty years ago. Once more you must remember that there is recognized no sort of difference between the dignity of the different sorts of work required by the nation. The individual is never regarded, nor regards himself, as the servant of those he serves, nor is he in any way dependent upon them. It is always the nation which he is serving. No difference is recognized between a waiter’s functions and those of any other worker. The fact that his is a personal service is indifferent from our point of view. So is a doctor’s. I should as soon expect our waiter today to look down on me because I

É possível perceber que a visão utópica de Bellamy é alimentada por um entendimento evolucionário, como se fosse possível evoluir o sistema social capitalista do XIX sem revolucioná-lo. Nesse sentido, a leitura do jornalista estadunidense consiste na construção do socialismo por via do aprofundamento do capitalismo, ou, em outras palavras, por meio de sua evolução.

A diferença entre Morris e Bellamy foi discutida por Almir Gomes em 2015.¹⁶⁶ Segundo o autor, Morris e Bellamy buscam desnaturalizar o presente estado de coisas através da construção de contra-imagens que permitam aos leitores visualizarem uma alternativa para o futuro. No entanto, as contra-imagens produzidas por cada um mostram-se muito diferentes e, na verdade, antagônicas.

Uma diferença analisada consiste na construção ao longo do romance *Olhando para trás* de uma lógica racional capaz de organizar a sociedade. A lógica racional da obra de Bellamy pode ser vista no papel do Estado. Diferentemente de *Nowhere*, o que garante a reprodução social da sociedade que o autor está descrevendo é uma rígida conduta incorporada na burocracia. Em *Nowhere*, o que garante a harmonia social é o consenso entre os indivíduos que são conscientes de que trabalham para si mesmos e para toda a comunidade.

Outra diferença importante salientada no argumento que aqui se segue repousa justamente nas concepções antagônicas entre evolução e revolução presentes nos romances. Há no texto do Bellamy uma ficcionalização da evolução e no de Morris uma ficcionalização da revolução. Derivado dessa diferença, os conceitos de História e tempo nos dois autores também não são coincidentes:

Sendo assim: Aqui está uma diferença substancial para com a obra de Bellamy, evidente principalmente pela inexistência do capital como mediador entre produto e sujeito ou como sustentáculo da sociedade. Mas além disso, são duas concepções amplamente diferenciadas dos conceitos de história e tempo que definem as dessemelhanças no modo de articulação de uma imagem política e governamental de uma comunidade ideal para cada autor. Krishan Kumar¹⁶⁷ argumenta que por Bellamy se basear na noção de evolução, e não de revolução como fora para a ascensão da nova forma de

served him as a doctor, as think of looking down on him because he serves me as a waiter.”

¹⁶⁶ GOMES, Almir. Literatura e política na criação imagética da alteridade social: um estudo comparado de *Looking backward* de Edward Bellamy e *Notícias de lugar nenhum* de William Morris. IN: **Revista Athena**, V. 9, N. 2, 2015, pp. 1-21.

¹⁶⁷ O trabalho ao qual Almir Gomes está fazendo menção é *Utopia e Anti-utopia nos tempos modernos*. Para mais informações, cf: KUMAR, Krishan. **Utopia and Anti-utopia in modern times**. oxford: oxford press, 1990.

vida nas *Notícias de lugar Nenhum* de Morris, sua obra apresenta a concepção de história como um processo natural e pacífico, que permite a evolução do capital especulativo dos grandes proprietários privados para o monopólio exclusivo do Estado.¹⁶⁸

A leitura de Gomes pode ser atestada em uma análise do romance de Bellamy sem muita dificuldade. Ainda assim, há um elemento que, embora não tenha lhe faltado, precisa ser mais bem salientado: a ausência de violência na transformação social estadunidense. Em outras palavras, a profunda mudança operada nos EUA entre 1888 e 2000 é levada a cabo sem revolucionários. A ficcionalização evolucionária e pacífica do romance salta aos olhos já no capítulo 5 da obra.

Quando desperta, West se vê dentro de uma família cujo pai (o Dr. Leete) vai servir de guia do recém-acordado pela nova sociedade. Em uma das primeiras explicações dadas pelo guia ao visitante de 1888 já aparece a concepção de evolução. Leete, depois de ser provocado pelo herói do romance a falar sobre a questão do trabalho na nova sociedade, afirma que não conhece o enigma que gira em torno dessa questão porque ela foi totalmente resolvida no processo de evolução industrial. Em suas palavras:

“Como nenhuma coisa como a questão do trabalho é conhecida hoje em dia”, respondeu o Dr. Leete, “e não há nenhuma maneira em que poderia surgir, suponho que podemos afirmar ter resolvido. A sociedade realmente teria merecido ser devorada se não tivesse respondido a um enigma tão inteiramente simples. Na verdade, para falar de acordo com o livro, não era necessário que a sociedade resolvesse o enigma. Pode-se dizer que se resolveu sozinha. A solução surgiu como resultado de um processo de evolução industrial que não poderia ter terminado de outra forma. Tudo o que a sociedade tinha que fazer era reconhecer e cooperar com essa evolução, quando sua tendência se tornou inconfundível.”¹⁶⁹

O conceito de evolução perpassa muitas outras explicações sobre a nova sociedade dadas por Leete e por outras personagens, além de também se fazer presente na experiência de West com os Estados Unidos de 2000. É importante

¹⁶⁸ ALMIR, G., op.cit., pp. 14-15.

¹⁶⁹ BELLAMY, Edward, **Looking backward**, op. cit., p. 29. Texto original: “As no such thing as the labor question is known nowadays,” replied Dr. Leete, “and there is no way in which it could arise, I suppose we may claim to have solved it. Society would indeed have fully deserved being devoured if it had failed to answer a riddle so entirely simple. In fact, to speak by the book, it was not necessary for society to solve the riddle at all. It may be said to have solved itself. The solution came as the result of a process of industrial evolution which could not have terminated otherwise. All that society had to do was to recognize and coöperate with that evolution, when its tendency had become unmistakable.”

pôr em relevo que o termo evolução não é utilizado pelo autor de forma despropositada, isto é, há uma clara significação do conceito: em várias cenas percebe-se que há no romance um entendimento de que a sociedade estadunidense foi se tornando cada vez melhor, deixando para trás um estado de coisas mais atrasado.

Pode-se observar essa constatação na explicação histórica que o guia de West oferece a ele:

“No início do século passado, a evolução foi completada pela consolidação final de todo o capital da nação. A indústria e o comércio do país, deixando de ser conduzidos por um conjunto de corporações e sindicatos irresponsáveis de pessoas privadas por capricho e lucro, foram invadidos por um único sindicato representando o povo, a ser conduzida no interesse comum para o lucro comum. A nação, isto é, organizada como a única grande corporação empresarial na qual todas as outras corporações foram absorvidas, tornou-se a única capitalista no lugar de todos os outros capitalistas, o único empregador, o monopólio final em que todos os monopólios anteriores e menores foram engolidos, um monopólio nos lucros e economias dos quais todos os cidadãos compartilhavam.”¹⁷⁰

A evolução foi um dos problemas que Morris viu no romance de seu contemporâneo estadunidense. O capítulo anterior desta dissertação analisou a recensão crítica que o romancista inglês fez da obra de Bellamy, mas há uma outra crítica tão relevante quanto para o entendimento das diferenças que Morris buscou esclarecer entre os dois: está contida no seu romance *Notícias de Lugar Nenhum*. Nesse romance, mais do que na recensão crítica, Morris discutiu a hipótese da evolução de Bellamy ao apresentar o seu oposto, a revolução social sangrenta.

Se o romance de Bellamy pode ser lido por meio do conceito de evolução social, o romance de Morris só pode ser entendido como a ficcionalização da revolução. Mas qual revolução? A sua própria. *Notícias de Lugar Nenhum*, nesse

¹⁷⁰ Ibid., p. 33. Texto original: “Early in the last century the evolution was completed by the final consolidation of the entire capital of the nation. The industry and commerce of the country, ceasing to be conducted by a set of irresponsible corporations and syndicates of private persons at their caprice and for their profit, were intrusted to a single syndicate representing the people, to be conducted in the common interest for the common profit. The nation, that is to say, organized as the one great business corporation in which all other corporations were absorbed; it became the one capitalist in the place of all other capitalists, the sole employer, the final monopoly in which all previous and lesser monopolies were swallowed up, a monopoly in the profits and economies of which all citizens shared.”

sentido, recupera a teoria da revolução que Morris construiu entre os anos 1883 e 1890 e lhe confere uma figuração.

É possível identificar as referências de Morris a Bellamy já no nome que escolheu para o seu protagonista (William Guest) que ecoa o nome do protagonista do romance de Bellamy. Mas a referência do cidadão vitoriano ao jornalista americano não é uma homenagem, é uma crítica. Se West, no seu original, em inglês, significa “oeste” e, ao extremo, “ocidental”, Guest significa “convidado”, ou “hóspede”. Sinaliza-se nos nomes dos heróis escolhidos pelos romancistas uma diferença de princípio: Bellamy observa a evolução pacífica do ocidente com o desenvolvimento do capitalismo e Morris sonha, com o estranhamento de um visitante longínquo, um mundo ao qual não pertence e que não pode existir sem uma ruptura radical.

O relevo que Morris guarda para o processo revolucionário, contido no capítulo 17 do romance, o maior capítulo da obra, ecoa o pressuposto contido no nome de sua personagem e se estabelece como o coração da sua crítica. Esse capítulo está contido em um momento crucial para a narração das *Notícias de Lugar Nenhum*. William Guest é convidado pelo barqueiro Dick para conhecer o velho Hammond, avô de Dick, a única personagem capaz de contar a história pela qual a Inglaterra passou e que conduziu a sociedade àquela ordem social que o visitante encontrou em 2102. Depois de discutirem acerca do amor (capítulo 9), do governo (capítulo 11), da forma de vida (Capítulo 12), da política (capítulo 13) e da forma como o trabalho é incentivado na sociedade comunista (capítulo 15), Guest deseja entender como se procedeu a revolução social inglesa.

Morris utiliza uma estratégia narrativa que faz parecer que esse capítulo quase não existiu. Dick, logo no início do capítulo, convida Guest a se retirar do lugar e foi a intervenção de Velho Hammond que permitiu que o diálogo prosseguisse. Pode-se ver essa estratégia nas seguintes palavras do romance:

Finalmente Dick rompeu o silêncio e disse: “Guest, perdoe este tédio depois do jantar. O que você gostaria de fazer? Vamos buscar Greylocks [o nome de um cavalo] e trotar de volta a Hammersmith? Ou você gostaria de vir conosco ouvir alguns galeses cantar num salão aqui perto? Ou de vir comigo até a *City* para ver alguns edifícios maravilhosos – o que vai ser?”

“Muito bem, como sou estrangeiro, vou deixar que vocês escolham por mim.”

Na verdade, naquele instante eu não tinha o menor desejo de ser “entretido”; também senti que o

velho, com todo o seu conhecimento do passado e da quase simpatia invertida provocada pelo seu ódio ativo por ele, fosse como um cobertor a me proteger do frio desse mundo novo, onde eu estava sendo, de certa forma, desnudado de todos os pensamentos e formas de agir habituais. Tão cedo eu não iria querer me separar dele. Ele veio imediatamente em meu socorro, dizendo:

“Um momento, Dick, não se esqueça de que além de você e de nosso hóspede há mais alguém a ser consultado, eu. Não vou perder o prazer da sua companhia, especialmente quando é evidente que ele ainda tem coisas a me perguntar. Portanto, vá ver os seus galeses, mas antes traga até este canto mais uma garrafa de vinho e pode ir embora assim que quiser; depois venha para levar de volta o nosso hóspede para o oeste, mas então não se apresse.”¹⁷¹

A crítica que Morris endereça a Bellamy pode ser vista em alguns momentos desse diálogo que quase não ocorreu. Logo no início da narração do processo revolucionário, o velho Hammond apresenta uma sociedade muito parecida com os EUA utópicos do ano 2000: uma sociedade na qual a administração da burocracia do Estado é feita de forma racional e altamente regrada. Porém, tão logo essa narração é feita, Hammond afirma que a ordem social orientada pelo entendimento de Bellamy não prosperou:

“Eles sabiam portanto que o único objetivo racional dos que sonhavam melhorar o mundo era uma condição de igualdade; na sua impaciência e no seu desespero eles se convenceram de que se conseguissem, por qualquer meio lícito ou ilícito, alterar a máquina de produção e administração da propriedade de forma que as ‘classes inferiores’ (esse era o horrível termo que se usava) tivessem uma ligeira melhora de condição, elas se ajustariam a essa maquinaria e a usariam para melhorar mais e mais sua própria condição, até que finalmente se chegasse à igualdade prática (eles gostavam muito da palavra ‘prática’), porque ‘os ricos’ seriam forçados a pagar mais para manter ‘os pobres’ numa condição tolerável, e a condição de rico perderia o valor e desapareceria gradualmente. Está entendendo?”

“Em parte, mas continue.”

O velho Hammond continuou: “Então, se está me entendendo, você há de perceber que isso não era absolutamente irracional; mas ‘na prática’ foi um fracasso.”¹⁷²

O que está exposto acima informa que o processo revolucionário no capítulo 17 das *Notícias de Lugar Nenhum* não é encarado como uma evolução da razão administrativa da burocracia de Estado, mas como um processo cheio de

¹⁷¹ MORRIS, William., **Notícias de lugar nenhum**, op. cit., pp. 159-160.

¹⁷² Ibid., pp. 161-162.

reveses e contra o qual houve grande resistência. Também há no processo revolucionário de *Nowhere* uma preponderância da guerra e da violência. Esse elemento surge quando o velho Hammond apresenta outros reveses ocorridos na história daquela sociedade. Tais contratempos só podem ser assimilados se entendermos o papel que a história na acepção de elementos singulares de um dado evento desempenhou nas páginas do livro.

2.3 O elemento histórico da ficção da revolução socialista inglesa

Além do que foi discutido com Bellamy, o romance traz em si outros elementos da teoria da revolução que Morris construiu entre 1883-1890. Tal como foi visto no capítulo anterior em panfletos como *whigs, democratas e socialistas*, *Nossa política* e *Como nós vivemos e como nós poderíamos viver*, a história é um componente importante para a sua teoria. A figuração revolucionária apresentada nas *Notícias de Lugar Nenhum* também traz consigo esse elemento, sobretudo com a acepção historicista.

A história aparece em meio ao relato do velho Hammond por meio de acontecimentos que apresentam às vezes um avanço e às vezes um retrocesso em relação à transformação total da sociedade inglesa. Acerca desse ponto, o historiador do novo mundo contou a Guest que os trabalhadores, ainda no início do processo revolucionário, conseguiram reduzir a sua jornada de trabalho para poucas horas diárias. Aqui, Morris faz ecoar no seu romance uma pauta bastante discutida nos círculos revolucionários europeus do século XIX. Marx, no primeiro livro d'*O capital*, se preocupou com o tema da jornada de trabalho. Em muitos momentos, o seu livro analisa a forma como se estabelece as horas de trabalho na sociedade capitalista. Em uma apreciação sobre a história dessa temática, ele afirma que: “A consolidação de uma jornada de trabalho normal é o resultado de uma luta de 400 anos entre capitalista e trabalhador.”¹⁷³

O genro de Marx chamado Paul Lafargue é outra fonte que permite perceber a proeminência da jornada de trabalho enquanto um tema recorrente no movimento revolucionário europeu do século XIX¹⁷⁴. Em 1883, ele publicou *O*

¹⁷³ MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 432.

¹⁷⁴ LAFARGUE, PAUL. O direito à preguiça. IN: **marxism.org**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lafargue/1883/preg/cap01.htm#i3>> Acesso em: 5. Jan. 2024.

direito à preguiça, livro no qual sustenta que a burguesia estabeleceu 14 horas de trabalho para a classe trabalhadora para que esta não pudesse ter a preguiça em seu horizonte. Em suas palavras:

Para extirpar a preguiça e curvar os sentimentos de orgulho e de independência que esta gera, o autor de *Essay on trade* [em 1770 surgiu um panfleto anônimo em Londres sob o título *An essay on trade and commerce* que defendia uma política de vigilância e punição dos trabalhadores que não fossem efetivos em seus trabalhos] propunha encarcerar os pobres nas oficinas de trabalho ideais (*ideal workhouses*) que se tornaram “casas de terror” onde se fariam trabalhar 14 horas por dia, de tal maneira que, subtraído o tempo das refeições, ficariam 12 horas de trabalho completas.¹⁷⁵

A redução da jornada de trabalho não foi a única conquista revolucionária de *Nowhere*. Além dela, o velho Hammond afirmou a Guest que os revolucionários forçaram o governo a estabelecer uma remuneração mínima para os trabalhadores e um preço máximo para os artigos entendidos como necessários para o sustento deles. No entanto, logo depois de conseguirem estabelecer as suas demandas, tiveram que resistir às pressões das classes dominantes e, em meio à narração da resistência às demandas dos trabalhadores, o historiador não deixa de mostrar os problemas criados pelos revolucionários:

“O que não deixava de ser verdade: a difusão das teorias comunistas e a prática parcial do socialismo de Estado tinham inicialmente perturbado e, finalmente, quase paralisado o maravilhoso sistema do comércio sob o qual o velho mundo tão febrilmente vivera e que produzira para uns poucos uma vida de prazeres e para muitos, ou para a maioria, uma vida de miséria: os tempos difíceis, como eram chamados, se repetiam e eram realmente ruins para os assalariados. O ano 1952 foi um dos piores; os trabalhadores sofreram terrivelmente. As fábricas do governo [uma conquista dos revolucionários: eram lugares nos quais se produziam os artigos necessários aos trabalhadores que não funcionam como meras mercadoria], parcialmente ineficientes e muito corruptas, foram praticamente destruídas, e uma vasta parcela da população teve de ser alimentada pela ‘caridade’ mal disfarçada.”¹⁷⁶

No entanto, mesmo sofrendo alguns reveses por causa da reação à revolução, o processo revolucionário, depois de uma guerra civil entre os trabalhadores e seus senhores, chegou ao fim com a derrota da classe reacionária:

Para estes últimos [os reacionários] o trabalho era escasso fora dos distritos em que eram poderosos, e

¹⁷⁵ Ibid., n.p.

¹⁷⁶ MORRIS, William. **Notícias de lugar nenhum**, op. cit., pp. 166-167.

mesmo nesses eles eram perturbados por levantes constantes; mesmo assim, em todos os casos e em todos os lugares nada conseguiam sem dificuldades, rancor e olhares ressentidos, de forma que não somente seus exércitos se exauriram com as dificuldades que encontravam, mas também os não combatentes que os apoiavam ficaram de tal forma aterrorizados, carregados de ódio e assoberbados com mil pequenos problemas e irritações que a vida ficou praticamente impossível. Não poucos entre eles morreram realmente de preocupação; muitos se suicidaram. Evidentemente, muitos deles se engajaram ativamente na causa da reação e encontraram na agitação da luta o consolo para seu próprio infortúnio. Finalmente, muitos milhares se renderam aos ‘rebeldes’ e, à medida que o número destes se tornava conhecido de todos, tornou-se claro que a causa que se considerava perdida era agora triunfante e a causa sem esperança era a da escravidão e do privilégio”.¹⁷⁷

A narrativa do processo revolucionário no capítulo 17 promove a singularização historicista presente na teoria da revolução de Morris. Ou seja, o processo apresentado por Hammond não pode ser copiado por nenhuma outra sociedade, ele é uma saída contingente que não deve ser transformada em um modelo. Nesse sentido, embora orientada pelo presente de suas disputas políticas e guarde um teor propagandístico, a obra de Morris não possui um modelo a ser implementado na realidade social. Não há em nenhum momento do romance uma indicação sequer de como a sociedade deve se organizar. Os processos político-econômicos, os reveses históricos, as derrotas e as conquistas de *Nowhere* estão presos irremediavelmente a ela e são intransferíveis a qualquer outra situação.

Mas como se articulam essas duas faces no romance de Morris? Como convivem nas *Notícias de Lugar Nenhum* a falta de um modelo no texto e a propaganda política? Uma forma de perceber essa articulação é observar o papel que Morris conferiu à descrição no seu romance utópico.

2. 4 A centralidade da descrição no impacto da ficção revolucionária

Não há dúvidas de que o romance de Morris enquadra-se no gênero realista. Mas como caracterizar esse gênero? Como entender o realismo enquanto uma forma literária? Essas foram as questões com as quais se debateu Ian Watt,

¹⁷⁷ Ibid., pp. 189-190.

quando discutiu os romances de Henry Fielding, Daniel Defoe e Samuel Richardson.¹⁷⁸

Segundo o autor, há uma necessidade de caracterizar corretamente o conceito de realismo porque um uso indiscriminado do termo permitiria a inferência de que os trabalhos literários anteriores fossem lidos como tentativas de representação do irreal. Nesse sentido, ele busca situar o que é específico do romance realista. E, como um primeiro passo, afirma que o gênero não está contido na tentativa de representar apenas os cenários mais baixos da sociedade, Como, por exemplo, a representação de criminosos, mas sim na tentativa de representar qualquer tipo de experiência (inclusive aquela que a tradição clássica renegava).

Mas o cerne do seu argumento repousa no entendimento de que a literatura, com o realismo, é uma manifestação de uma reorientação cultural mais ampla segundo a qual a visão unificada de mundo típica da Idade Média foi substituída por uma ênfase mais acentuada nas experiências particulares. O fato de que a filosofia também sofreu essa alteração na passagem para o empirismo na mesma época da literatura mostra que existe essa orientação de época.

O realismo moderno filosófico é compreendido por Watt como o entendimento de que, a partir dos sentidos, os indivíduos podem conhecer a realidade e indica que não se pode depreender completamente o romance partindo do realismo filosófico. Em suas palavras:

Certamente o moderno realismo parte do princípio de que o indivíduo pode descobrir a verdade através dos sentidos: tem suas origens em Descartes e Locke e foi formulado por Thomas Reid em meados do século XVIII Mas a ideia de que o mundo exterior é real e que os sentidos nos dão uma percepção verdadeira desse mundo não esclarece muito o realismo literário. [...] A importância do realismo filosófico para o romance é muito menos específica; trata-se da postura geral do pensamento realista, dos métodos de investigação utilizados, do tipo de problema levantado.¹⁷⁹

Como parte do mesmo processo, o romance também deposita a sua atenção no indivíduo e na vida cotidiana que ele vive. Mais do que isso, o autor compreende que o trabalho do romancista consiste em tratar com fidelidade a

¹⁷⁸ Watt, Ian. O realismo e a forma do romance. IN: _____ **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding.** São Paulo: companhia das letras, 2010.

¹⁷⁹ Ibid., p.12.

experiência humana e isso só é possível se o indivíduo for tomado como o objeto específico do gênero em tela.

Uma técnica utilizada por Richardson chama a atenção de Watt: a riqueza de detalhes com a qual o romancista representa o interior das casas de suas personagens. O autor chega a observar nas descrições contidas no romance *Clarissa*¹⁸⁰ uma antecipação da habilidade de Balzac em construir força dramática ao descrever os ambientes.

Seguindo o argumento, a descrição é encarada por ele como um dos aspectos típicos do gênero romanesco, algo derivado da proeminência que o indivíduo ganhou nos enredos do gênero:

O conceito de particularidade realista na literatura é algo geral demais para que se possa demonstrá-lo concretamente: tal demonstração demanda que antes se estabeleça a relação entre a particularidade realista e alguns aspectos específicos da técnica narrativa. Dois desses aspectos são de especial importância para o romance: caracterização e apresentação do ambiente; certamente o romance se diferencia dos outros gêneros e de formas anteriores de ficção pelo grau de atenção que dispensa à individualização das personagens e à detalhada apresentação de seu ambiente.¹⁸¹

Mas as fontes de Watt são todas do século XVIII inglês e isso pode afastar a proeminência da descrição do objeto desta dissertação. No entanto, a centralidade da descrição percorre o século XVIII e avança no século seguinte. Essa permanência da técnica descritiva no século XIX é mais facilmente detectável nos romancistas franceses.

Erich Auerbach, no livro *Mimesis*, teve o cuidado de trabalhar o problema da “descrição” no romance literário moderno francês.¹⁸² O capítulo 18 da obra (*Na mansão de La mole*) toma essa questão como prioridade ao analisar três romancistas franceses oitocentistas, a saber, Stendhal, Balzac e Flaubert.

Segundo o filólogo alemão, os três autores contribuíram para o desenvolvimento do romance moderno, mas foi Flaubert quem teve a maior clareza do que estava fazendo. Naquilo que possuem de semelhante, os três romancistas submergem as suas personagens em uma dada época histórica e tratam de forma séria os acontecimentos cotidianos de uma camada social mais

¹⁸⁰ RICHARDSON, Samuel. **Clarissa**. Londres: Penguin books, 1986.

¹⁸¹ Watt, I., op. cit., p. 18.

¹⁸² AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2015.

baixa - a burguesia ascendente. Mas há algo que diferencia Flaubert: o apagamento do escritor diante de seu romance.

Assim, Balzac e Stendhal ainda guardam algumas características próprias de outros tempos históricos. Balzac trata os seus enredos sempre de forma grandiloquente e Stendhal ainda está preso a uma rejeição de caráter aristocrático à burguesia do século XIX. No entanto, “na geração seguinte, que faz sua aparição nos anos cinquenta, apresenta-se [...] uma violenta reação: com Flaubert o realismo torna-se apertado, impessoal e objetivo.”¹⁸³

O que garante esse apagamento é a descrição dos acontecimentos selecionados pelo romancista:

[...] Essas duas coisas [comentários do romancista sobre os acontecimentos que narra e o próprio depoimento das personagens sobre o que sentem e pensam] faltam em Flaubert quase inteiramente. A sua opinião sobre os acontecimentos e as personagens não é expressa; e quando as próprias personagens se manifestam, isto nunca ocorre de tal forma que o autor se identifique com a sua opinião, ou com a intenção de levar o leitor a se identificar com ela. Embora ouçamos o autor falar, ele não exprime qualquer opinião e não comenta. Seu papel limita-se a escolher os acontecimentos e a traduzi-los em linguagem, e isso ocorre com a convicção de que qualquer acontecimento, se for possível exprimi-lo limpa e integralmente, interpretaria inteiramente a si próprio e os seres humanos que dele participassem; muito melhor e mais inteiramente do que o poderia fazer qualquer opinião ou juízo que lhe fosse acrescentado.¹⁸⁴

Franco Moretti é outro autor que caracteriza o papel proeminente que a descrição ocupa no romance.¹⁸⁵ A sua colocação sobre o papel da descrição repousa em uma oposição com a qual ele constrói o seu argumento. A oposição entre “bifurcação” e “preenchimento”. A primeira consiste nos momentos do enredo literário nos quais uma ação tomada pela personagem compromete todo o rumo da história que está se desenrolando. Nesse sentido, se a personagem for por um caminho, a história dependerá desse caminho; se for por outro, a história mudará completamente.

O preenchimento, em contrapartida, são os detalhes acumulados no enredo que nada interferem na construção da história. Diferente da bifurcação, a história não depende dos preenchimentos para se consolidar. Essa oposição entre

¹⁸³ Ibid., p. 432.

¹⁸⁴ Ibid., p. 435.

¹⁸⁵ MORETTI, Franco. O século sério. IN: _____ (org). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

bifurcação e preenchimento é elaborada por Moretti com vistas a uma apropriação das categorias de Roland Barthes: “função cardinal” e “catálises”. A bifurcação opera como a função cardinal enquanto os preenchimentos funcionam como as catálises. Depois de estabelecer essa leitura, Moretti afirma:

E Barthes tem razão, não constituem [os preenchimentos] nada relevante: acrescentam mil nuances ao desenrolar do acontecimento, mas, na verdade, não conseguem nunca modificar “as alternativas que foram apresentadas”. E não conseguem fazer isso porque, como já em Vermeer, são por demais cotidianas para que se faça isso: se janta e se jogam cartas, se dá um passeio, um pouco de música, de conversas, recebem-se cartas, bebe-se uma taça de vinho ou uma xícara de chá.¹⁸⁶

Como se pode ver na citação acima, a vida cotidiana ganha prioridade no enredo romanesco por meio dos preenchimentos. Estes, por sua vez, vêm à tona pela pena do romancista que se vale das descrições. Nesse sentido, o elemento descritivo é um dos aspectos típicos do romance salientados por Moretti. Em suas palavras:

E no interior dessas pausas [construídas por Walter Scott no romance *Waverley* com o intuito de retardar a ação], abrimos uma janela sobre a próxima seção deste ensaio, toma forma aquele estilo analítico-impessoal que será típico do romance do século XIX – e que permitirá por sua vez conceber a descrição de um modo inteiramente novo. E é lógico, se se pensa no assunto, que tudo isso ocorra nos preenchimentos em vez de nas bifurcações; estas são intensas, bruscas, não permitem olhar ao redor com calma; os preenchimentos são suaves, concedem o tempo suficiente para observar os detalhes, para ser precisos.¹⁸⁷

Tal como Auerbach, Moretti colocou Flaubert em relevo quanto às inovações literárias do gênero romance. *Madame Bovary* é a expressão de um autor que subtraiu a si mesmo da história que narra e está adequado ao estilo analítico-impessoal que, encarnado nas descrições, marcou as obras romanescas. A fonte de Moretti para sustentar a sua leitura é Pinard, um advogado que ofereceu denúncia à obra *Madame Bovary*. Uma das expressões do advogado é que a obra não poderia ser julgada por não se saber exatamente onde terminavam as palavras das personagens e começavam as palavras do autor. Para Moretti:

Longe de estar errado, um século e meio de crítica não fez mais que lhe dar razão; *Madame Bovary* é a

¹⁸⁶ Ibid., p. 827.

¹⁸⁷ Ibid., pp. 836- 837.

realização lógica daquele processo que subtraiu a literatura europeia às suas antigas funções didáticas: o narrador que tudo sabe e tudo julga sai de cena, substituído justamente por doses maciças de estilo indireto livre.¹⁸⁸

A centralidade da descrição no gênero do romance posicionada tanto por Auerbach quanto por Moretti foi apreciada como algo negativo por alguns autores. É o caso de Lukács. Se Auerbach pensou Flaubert como o romancista mais consciente da descrição no desenvolvimento do gênero e se Moretti o apreendeu como uma figura importante na proeminência dos preenchimentos em detrimento da bifurcação, Lukács observa o mesmo escritor como a expressão de uma decadência artística burguesa do final do século XIX.

No texto *Narração e descrição*, ele apresentou duas formas de compor um romance literário moderno.¹⁸⁹ A narração consiste em trazer o leitor para dentro da história e fazê-lo um dos elementos do livro. O primeiro foco de análise de Lukács recai sobre Lev Tolstói e o seu romance intitulado *Anna Kariênina*¹⁹⁰. O autor concentra os seus esforços em uma cena do romance: a corrida de cavalos. Em suas análises, essa corrida não é apenas descrita pelo romancista, ela é o ponto crucial de toda a trama. A vida das personagens atravessa a cena, ou, talvez, a cena atravessa a vida das personagens.

As suas palavras são claras a esse respeito:

O relato da corrida de Wronski [amante escondido de Anna Kariênina] constitui o verdadeiro objetivo visado por Tolstói, que sublinha a importância de nenhum modo episódica ou casual do evento na vida do seu ambicioso oficial. Este se prejudicou na sua carreira militar em virtude de uma série de circunstâncias e, em primeiro lugar, em virtude da sua ligação com Ana. A vitória na corrida, diante de toda a corte e da sociedade aristocrática, está entre as poucas possibilidades de satisfazer a sua ambição que lhe restam abertas. [...] A queda de Wronski é o vértice de toda esta fase dramática da sua vida e com ela se interrompe a narração da corrida, sendo apenas acenado, de passagem, o fato de que o seu rival o ultrapassa¹⁹¹

A segunda forma de compor o romance é aquela encarnada na arte da descrição. Para demonstrar o seu ponto, Lukács também vale-se de uma cena de

¹⁸⁸ Ibid., p. 861.

¹⁸⁹ LUKÁCS, György. Narrar ou descrever. IN: KONDER, Leandro. (org). **Ensaio sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.

¹⁹⁰ TOLSTOI, Lev. **Anna Kariênina**. São Paulo: editora 34, 2021.

¹⁹¹ LUKÁCS, G., op. cit., pp. 48-49.

corrida de cavalos. Dessa vez produzida por Émile Zola, no romance *Naná*¹⁹². Diferentemente do que foi exposto acerca de Tolstoi, Lukács chama a atenção que, em Zola, a descrição da corrida de cavalos é um conjunto de elementos minuciosamente descritos pelo autor que em nada interferem na trama que se está desenhando. Se a descrição feita sobre a corrida de cavalos fosse retirada do romance, isso não comprometeria a história. O argumento central de Lukács pode ser visto na citação que se segue: “As finalidades completamente diversas a que atendem as cenas dos dois romances se refletem em toda a exposição. Em Zola, a corrida é descrita do ponto de vista do espectador; em Tolstoi, é narrada do ponto de vista do participante.”¹⁹³

Para Lukács, esses dois métodos de composição estão também relacionados a dois momentos históricos definidos e à posição que os romancistas tomaram acerca da sua realidade histórica. Nesse sentido, os romancistas que ele dispõe como intérpretes da narração (Balzac, Stendhal, Dickens, Goethe e Tolstoi) estavam diante da nascente sociedade burguesa e buscaram representá-la e, mais do que isso, se envolveram no processo de seu nascimento. Os intérpretes da descrição (Émile Zola e Gustave Flaubert) começaram os seus textos depois da consolidação dessa sociedade e assumiram em relação a ela uma postura distante de observador e crítico.

Não é novidade afirmar que o filósofo húngaro falava de um ponto de vista ideologicamente delimitado: o marxismo soviético. Essa perspectiva que está na base da sua leitura pode ser vista na proeminência que confere ao papel da *práxis*¹⁹⁴ no texto dos romancistas. De acordo com a sua posição, o intérprete da descrição não consegue articular a *práxis* social das suas personagens com o mundo interior delas e, portanto, não representa o ponto central do seu drama, tendo em vista que os leitores simpatizam com o que é feito pelas personagens e não por qualquer pensamento ou subjetividade.

¹⁹² ZOLA, Emile. **Naná**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

¹⁹³ LUKÁCS, G., op. cit., p. 48.

¹⁹⁴ Segundo o dicionário do pensamento marxista, “A expressão *práxis* refere-se, em geral, à ação, à atividade, e, no sentido que lhe atribui Marx, à atividade livre, universal, criativa e autocriativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo; atividade específica ao homem, que o torna basicamente diferente de todos os outros seres. Nesse sentido, o homem pode ser considerado um ser da *práxis*, entendida a expressão como o conceito central do marxismo, e este como a “filosofia” (ou melhor, o “pensamento”) da “*práxis*”. cf: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 460.

O lugar da significação épica em meio ao argumento do autor é importante porque demonstra o potencial da narração e, ao mesmo tempo, os limites da descrição. Nessa chave de leitura, o método descritivo iguala todos os níveis da história do romance e trata da mesma forma acontecimentos secundários e importantes enquanto que o método narrativo força o escritor a selecionar cuidadosamente os acontecimentos pormenores (descrições da vida cotidiana, por exemplo) que aparecem na sua obra, tendo em vista que eles devem apontar para o acontecimento principal que retrospectivamente os significará:

O escritor épico que narra uma experiência humana em um acontecimento, ou desenvolve a narração de uma série de acontecimentos dotados de significação humana, e o faz retrospectivamente, adotando a perspectiva alcançada no final deles, torna clara e compreensível para o leitor a seleção do essencial que já foi operada pela vida mesma. O observador que, por força das coisas, é, ao contrário, contemporâneo da ação, precisa perder-se no intrincado dos particulares, e tais particulares aparecem como equivalentes, pois a vida não os hierarquizou através da *práxis*¹⁹⁵

Toda a sua hipótese acerca dos dois instrumentos disponíveis para os romancistas está assentada em uma oposição à forma como Flaubert concebia a arte e a realidade (que, para Lukács, representa todo um pensamento de época): para o romancista francês, a realidade é um ambiente estável e as catástrofes surgem como imprevistos que destroem esse ambiente. Para o filósofo húngaro:

Na realidade - e, naturalmente, também na realidade capitalista - as catástrofes “improvisadas” são preparadas por um longo processo. Elas não se acham em rígido contraste com o pacífico andamento da superfície, e são a consequência de uma evolução complexa e desigual.¹⁹⁶

No entanto, há uma leitura diferente da de Lukács, que, ao invés de conferir à descrição um papel negativo, observa nela a emergência do real. É o caso de Roland Barthes¹⁹⁷. Flaubert também é uma das fontes do estruturalista francês. Ao descrever a sala de estar de uma de suas personagens, Flaubert chama a atenção para alguns itens. São eles: um piano, um amontoado de caixas e um barômetro. No entendimento de Barthes, o barômetro não tem significância alguma. É essa ausência de significação que o autor entende como “o efeito de real”:

¹⁹⁵ LUKÁCS, G., op. cit., p. 67.

¹⁹⁶ Ibid., p. 60.

¹⁹⁷ BARTHES, Roland. O efeito de real. In: _____ **O rumor da língua**. São Paulo: Martins fontes, 2004.

Porque, se na descrição de Flaubert é, a rigor, possível ver na notação do piano um índice do padrão burguês da sua proprietária e, na das caixas, um sinal de desordem e como que de desaranção próprias a conotar a atmosfera da casa Aubain nenhuma finalidade parece justificar a referência ao barômetro, objeto que não é nem descabido nem significativo e não participa, portanto, à primeira vista, da ordem do notável.¹⁹⁸

Chamando a atenção para a divisão operada entre história e poética desde a Antiguidade, Barthes afirma que a narrativa de ficção retirou o seu modelo, não do real, mas do inteligível. O real foi, na poética clássica, o referente para as produções da história. Por isso, os pormenores se fizeram presentes no discurso histórico, mesmo sem significância alguma. No entanto, o realismo literário do século XIX trouxe o real para dentro do texto ficcional. Esse acontecimento quebrou as antigas regras da poética e permitiu o desenvolvimento de uma nova verossimilhança:

A notação “real”, parcelar, intersticial, poder-se-ia dizer, de que se levanta aqui o caso, renuncia a essa introdução implícita e, desembaraçada de toda segunda intenção postulatória, toma lugar no tecido estrutural. Por esse mesmo fato, há ruptura entre a verossimilhança antiga e o realismo moderno; mas, por isso mesmo também, nasce uma nova verossimilhança, que é precisamente o realismo (entenda-se todo discurso que aceita enunciações só creditadas pelo referente).¹⁹⁹

Para Jacques Rancière, a leitura de Barthes não dá conta de uma novidade trazida pelo romance realista: a “invasão da democracia”²⁰⁰. Em suas palavras:

A argumentação é exatamente a mesma: o que não tem função na estrutura só pode ser entendido como uma afirmação insistente do real como real. Existem somente a estrutura e o resíduo. Barthes identifica o último como um novo tipo de verossimilhança, a afirmação tautológica do real como real. Mas creio que a crítica dos campeões reacionários da velha verossimilhança via com mais acuidade o que estava em jogo: a invasão da “democracia”, diziam eles: uma nova realidade social “insistente” implodindo toda estrutura adequada do enredo, qualquer concatenação correta das ações.²⁰¹

Para Rancière, o excesso de “pormenores inúteis” (descrições da vida cotidiana) só é possível porque a vida de várias personagens pertencentes às classes mais baixas começou a ingressar na literatura. As “ações” que serviam de

¹⁹⁸ Ibid., p. 182.

¹⁹⁹ Ibid., p. 189.

²⁰⁰ RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. Trad: Carolina Santos In: **novos estudos**, pp. 75-90, 2010.

²⁰¹ Ibid., p. 81.

matéria-prima para o discurso poético clássico (cuja função era concatená-las) eram concebidas à luz da proeminência de algumas personagens.

Em outras palavras, a verossimilhança antiga dizia respeito a uma posição política: os indivíduos que eram representados na poética clássica tinham atitudes sublimes e não estavam apenas em uma situação de mera reprodução da existência. O realismo do XIX, influenciado por uma nova realidade social, nivelou as personagens, permitindo uma igualdade de sensação, e retirou o privilégio da ação que pertencia a uma única classe. Em suas palavras:

O efeito de realidade é um efeito de igualdade. Mas a igualdade não significa somente a equivalência entre todos os objetos e sentimentos descritos pelo romancista. Não significa que todas as sensações são equivalentes, mas que qualquer sensação pode produzir em qualquer mulher pertencente às “classes mais baixas” uma aceleração vertiginosa, fazendo-a experimentar as profundezas da paixão.²⁰²

Morris guarda uma semelhança com Lukács: assim como o filósofo húngaro, ele era um marxista. Porém, as *Notícias de Lugar Nenhum* tornam-se uma fonte prejudicial ao argumento de seu colega. Longe de compreender a descrição como uma atitude negativa em relação à literatura, Morris, mais próximo do pensamento de Flaubert, buscou lançar mão da técnica para elaborar os seus cenários e a sua história.

Além disso, o cidadão vitoriano, tal como demonstrou Rancière quando analisou outros objetos, valeu-se da técnica para igualar as personagens, trazendo para o seu texto um efeito de igualdade. Nesse sentido, William Guest é um cidadão comum, mas pode viver de acordo com todos os habitantes de *Nowhere*. Mais uma vez, o capítulo 16 pode oferecer um exemplo do que está exposto.

Ao chegar ao salão para jantar na sociedade comunista, o herói do romance se encanta com os utensílios dispostos no local e a oposição entre o século XIX e *Nowhere* jamais é deixada de lado:

[...] Tudo era simples, apesar de excelente, e sabíamos, com certeza, que não se tratava de um banquete, apenas de uma refeição comum. Os copos, as cerâmicas e os pratos pareciam muito belos aos meus olhos acostumados ao estudo medieval, mas um frequentador dos clubes do século XIX os teria considerado grosseiros e mal acabados; a cerâmica tinha um verniz de chumbo, apesar de magnificamente ornamentada; a porcelana se resumia a uma ou outra peça oriental. Os copos, apesar

²⁰² Ibid., p. 79.

de elegantes e nobres e de formas muito variadas, tinham bolhas e textura mais grosseira do que os artigos comerciais do século XIX.²⁰³

A citação acima demonstra que a descrição dos copos e das cerâmicas utilizados no jantar nada tem de uma descrição morta. Ela é fundamental para opor as duas sociedades (a Inglaterra do XIX e *Nowhere*). Isso pode ser visto quando o narrador afirma que “um frequentador dos clubes do século XIX os teria considerado grosseiros e mal acabados”. Aqui, Morris demonstra a diferença com a qual *Nowhere* se relaciona com a arte: torna-se belo aquilo que aos olhos do século passado era grosseiro. Ou seja, a revolução foi o evento capaz de criar uma sociedade dentro da qual a arte pôde se expressar de uma maneira diferente daquela do século XIX.

Essa cena não foi selecionada de acordo com o acontecimento principal da obra que, retrospectivamente, lançaria luz sobre a sua significação. A cena principal do capítulo cumpre, na verdade, uma outra função. Ela não surge para significar as escolhas anteriores do escritor, antes, ela é a expressão de uma igualdade da sensibilidade na literatura. Guest não pertence às classes mais altas da sociedade oitocentista e, por causa da sua posição social, desperta em *Nowhere*. Ele é um cidadão comum e, mesmo assim, tem a possibilidade de acordar em 2102 e experienciar o cotidiano da nova sociedade.

Nesse sentido, a descrição aponta para uma orientação política imediata. Mas há outros momentos nos quais a descrição demonstra a inexistência de um modelo no romance e impede que a narrativa seja lida como uma fórmula que deve ser seguida à risca pelos seus leitores.

A maior expressão da ausência de um modelo no texto consiste no momento em que Guest se despede de *Nowhere*. Quando o romance parecia encaminhar a incorporação do herói na nova sociedade de forma definitiva, ele começa a despertar em 1890. Ele estava em meio a uma festa, rodeado pelos seus novos amigos, mas não conseguia se comunicar com eles:

Olhei para Dick, esperando que ele me levasse à frente, e ele se voltou para mim; mas era estranho, apesar de sorrir alegre como sempre, ele não respondeu ao meu olhar. Não, na verdade ele parecia não ter noção da minha presença, e então notei que ninguém olhava para mim. Senti uma dor me cortar, como se uma tragédia havia muito esperada de repente se realizasse. Dick se moveu um pouco sem uma palavra para mim. Eu estava a menos de três metros das mulheres que, apesar de terem sido

²⁰³ MORRIS, William., **Notícias de lugar nenhum**, op. cit., pp. 155-156.

minhas companheiras por período tão curto, eu esperava ter tornado realmente minhas amigas. O rosto de Clara voltava-se agora diretamente para mim, mas ela parecia não me ver, apesar de eu tentar atrair o seu olhar com o meu.²⁰⁴

Logo em seguida, quando Guest entende que nem mesmo Ellen (mulher pela qual se apaixonou ao longo da sua viagem) percebe a sua existência, ele decide sair do salão onde a festa estava ocorrendo. Caminhando já fora do salão, o herói encontra-se com um homem que denuncia o fim do sonho de *Nowhere* porque a sua aparência era muito diferente dos seus amigos do século XXII:

Mais uma vez sem qualquer esforço consciente da vontade eu tomei a direção da velha casa à beira do rio, mas quando virei a esquina que conduzia às ruínas da cruz da aldeia, encontrei uma figura estranhamente contrastante com as pessoas alegres e belas que eu acabara de deixar na igreja. Era um homem que parecia velho, mas que, eu sabia por hábito agora meio esquecido, pouco tinha passado dos 50 anos. O rosto era enrugado e manchado, não sujo; os olhos vazios e lacrimosos; o corpo curvo, as pernas finas, os pés a se arrastar mancando. Suas roupas eram uma mistura de sujeira e andrajos que eu conhecia bem. Ao passar por mim, ele tocou o chapéu, como a me saudar com boa vontade e cortesia, mas também com muito servilismo.²⁰⁵

E, por fim, Guest interpreta o último olhar de Ellen como a afirmação de que ele não era e nem poderia ser um cidadão de *Nowhere*:

Durante todo o tempo, apesar de meus amigos me pareceram tão reais, eu sentia nada ter em comum com eles, como se tivesse certeza de que iriam me rejeitar e dizer, como parecia dizer o último olhar melancólico de Ellen: “Não adianta, você não pode ser um de nós; você é parte tão integral da infelicidade do passado que talvez nossa felicidade fosse apenas tediosa para você. Volte, agora você já nos viu e seus olhos aprenderam que, apesar de todas as máximas infalíveis de seu tempo, ainda se pode esperar um tempo de paz para o mundo, quando a dominação se tiver transformado em companheirismo – mas não antes. Volte e, enquanto viver, você há de ver pessoas forçando outras a viver uma vida que não é sua e sem dar o menor valor às suas próprias; homens que odeiam a vida apesar de temerem a morte. Volte e seja feliz por nos ter visto, por ter acrescentado um pouco de esperança à sua luta. Continue a viver enquanto puder, enfrentando toda dor e toda dificuldade que surgirem, para construir passo a passo o novo dia de amizade, paz e felicidade.”²⁰⁶

A personagem que pode experienciar a Inglaterra transformada por uma revolução socialista é a mesma que não pode viver em absoluto na sua experiência. Morris, assim, constrói, utilizando a técnica da descrição, uma obra ficcional que disputa a política do seu tempo e figura a sua teoria da revolução ao

²⁰⁴ Ibid., p. 293.

²⁰⁵ Ibid., p. 294.

²⁰⁶ Ibid., p. 295.

mesmo tempo em que não apresenta modelo algum a ser seguido. As *Notícias de Lugar Nenhum* revelam preferências políticas, mas *Nowhere* não nos pertence.

2.5 O heterodiscurso e as brechas do paraíso: *Nowhere* não nos pertence

É por meio da descrição que Morris apresenta uma porosidade na sua teoria da revolução. Se entre 1883-1890, o panfletário construiu uma teoria baseada na confiança que a força da história e a agência da classe trabalhadora criariam uma situação positiva para os ingleses, agora, o romancista traz para a sua revolução uma dúvida. É possível que a sociedade comunista não agrade a todos que vivem nela? Para Morris, sim. Uma de suas personagens, chamada de “avô de Ellen”, não está nada satisfeita com o que foi criado pelo processo revolucionário. Mas como o autor articula a presença dessa personagem com o fato de que todos, com exceção dela, estão plenamente satisfeitos com *Nowhere*? Através do heterodiscurso próprio ao gênero romanesco.

O crítico literário Mikhail Bakhtin ocupou-se do heterodiscurso em uma discussão acerca do estilo específico do gênero romance²⁰⁷. Caracterizando historicamente a apreciação crítica que o estilo do romance tomou ao longo dos anos, Bakhtin afirma que muitas vezes o gênero foi tomado de forma abstrata. As suas questões estilísticas foram deixadas de lado.

O século XIX viu alguns autores que combateram esse enfoque apresentado acima, mas não se concentraram também nas questões do estilo romanesco específico. Um dos motivos dessa dificuldade que os críticos tiveram de lidar ao longo do tempo em relação ao romance repousa no fato de que o gênero é estranho às categorias da estilística tradicional.

Depois de afirmar que recentemente o romance tomou novas perspectivas críticas (nas quais uma série de análises concretas do romance e tentativas de compreender a originalidade estilística da prosa literária surgiram), o autor afirma que:

Mas foram precisamente essas análises concretas e essas tentativas de um enfoque de princípio que revelaram com absoluta clareza que todas as categorias da estilística contemporânea e a própria concepção de discurso

²⁰⁷ BAKHTIN, Mikhail. A estilística atual e o romance. IN: _____ **Teoria do Romance I: a estilística**. São Paulo: Editora 34, 2020.

poético que lhes servia de base são inaplicáveis ao discurso romanesco. [...].²⁰⁸

Na primeira tentativa do autor de apresentar o específico do romance enquanto um gênero literário, ele elenca 5 modalidades discursivas próprias ao gênero. São elas: narração direta; estilização da narração oral do cotidiano; estilização das diferentes formas da narração semiliterária cotidiana; discursos literários extra-artísticos; e discursos estilísticos individualizados dos heróis. Depois da apresentação dessas modalidades, o linguista russo sustenta a sua hipótese de que:

Quando essas unidades estilísticas heterogêneas passam a integrar o romance, neste se combinam num harmonioso sistema literário e se subordinam à unidade estilística superior do conjunto, que não pode ser identificada com nenhuma das unidades a ele subordinadas.²⁰⁹

O sistema literário sustentado acima não pode ser quebrado. Nesse sentido, o pesquisador não pode retirar uma das unidades discursivas presentes no romance para analisá-la em separado. Ela tem sentido na organização que estabelece com as outras unidades.

Em meio à sua discussão acerca do estilo romanesco, Bakhtin discute a sua noção de “heterodiscuso”. Em sua argumentação, o termo designa uma multiplicidade de vozes no interior de uma língua ordenada. Nesse sentido, uma dada sociedade possui uma linguagem formal, ou língua única, mas, ao lado dela, estabelecem-se linguagens de grupo, jargões e até mesmo linguagens políticas. Com isso em mente, sustenta-se que o romance é um “heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual”.²¹⁰

É possível ver o heterodiscurso nas *Notícias de Lugar Nenhum*. Em contraposição à língua única que consiste na utilização formal da língua inglesa do século XIX, a obra abre um espaço para linguagens paralelas. Essas linguagens estão atreladas às funções que as personagens desempenham em *Nowhere*.

A primeira linguagem paralela repousa na personagem Dick. Assumindo dois trabalhos ao longo da história, Dick aparece pela primeira vez no texto como um barqueiro e depois ele deixa o seu trabalho para um amigo porque vai servir de guia a William Guest, que deseja conhecer a sociedade na qual despertou. Em

²⁰⁸ Ibid., p. 27.

²⁰⁹ Ibid., pp. 27-28.

²¹⁰ Ibid., p. 29.

uma das primeiras cenas do romance, o protagonista se impressiona com o barqueiro:

Ao subir os degraus que ele havia baixado, tomando a mão que ele estendera para me ajudar, fomos subindo o rio na direção de Chiswick; mas ele logo tomou os remos, fez o barco dar a volta e disse:

“Nadou pouco, amigo; mas talvez a água lhe pareça muito fria nesta manhã, depois da sua viagem. Quer voltar agora para terra, ou prefere descer até Putney antes do café da manhã?”

Ele falou de modo tão diferente do que eu teria esperado de um barqueiro de Hammersmith, que olhei para ele ao responder: “Por favor, mantenha firme o barco que quero olhar em volta.”

“Muito bem”, disse ele, “de manhã aqui fica tão bonito quanto lá perto de Barn Elms; tudo fica muito bonito nesta hora da manhã. Ainda bem que você acordou cedo. Acabou de dar cinco horas.”²¹¹

Como é possível notar, a narração do despertar em uma sociedade comunista é interrompida para que uma personagem apresente ao herói do romance as características do rio. A beleza do rio pela manhã e os melhores lugares para apreciá-lo são informações que só alguém que trabalha com isso pode ter. Mas há uma sutileza que Morris impregna na sua narrativa: Dick é um barqueiro, fala como um barqueiro, mas é diferente dos barqueiros conhecidos do século XIX. “ele falou de modo tão diferente do que eu teria esperado de um barqueiro de Hammersmith [...]” é uma expressão que sinaliza uma mudança profunda na sociedade inglesa.

No entanto, Dick também é um guia. Como tal, ele é capaz de levar o seu colega até os melhores lugares da nova sociedade e lhe dar informações importantes e curiosas sobre eles. Na citação que segue adiante, ele é capaz de falar sobre a colheita do feno, o grande evento anual de *Nowhere*:

“Você sabe”, falou Dick, “hoje é um dia especial – quero dizer, todos estes dias são especiais. A colheita do feno é de certa forma mais aprazível do que a do milho por causa da beleza do dia e, na verdade, a menos que tenha trabalhado num campo de feno num dia claro, você não faz ideia do prazer que há nesse trabalho. As mulheres também são muito belas”, disse ele com ar tímido, “e assim, tudo considerado, acho apropriado que o adornemos de maneira simples.”

“As mulheres trabalham vestindo roupas de seda?”, perguntei sorrindo.

Dick já ia me dando uma resposta séria, mas Clara tapou-lhe a boca e disse:

²¹¹ MORRIS, William., **Notícias de lugar nenhum**, op. cit., p. 31.

“Não, não, Dick; nada de muita informação, ou vou achar que você se tornou o novo avô. Deixemos que ele descubra por si só, não terá de esperar muito.”

“Isso mesmo”, acrescentou Annie. “A sua descrição pode ser boa demais, e ele talvez fique desapontado quando a cortina se abrir. Não quero que ele se desaponte. Mas já é hora de vocês partirem, se quiserem aproveitar a maré e a manhã de sol. Até logo mais, amigo.”²¹²

No entanto, a maior expressão do heterodiscurso na obra de Morris é a personagem “avô de Ellen”. Sem nem ao menos ser nomeado, apresentado como “um apreciador de tempos antigos”, o avô de Ellen é alguém que se informa sobre o passado através de alguns livros antigos e possui uma relação de oposição à sociedade construída depois do processo revolucionário inglês. Diferentemente de Dick, o lugar de onde o avô de Ellen fala não é uma profissão específica, mas uma posição política. O seu objetivo político é retomar a Inglaterra que foi deixada para trás por causa da revolução. Reconstruir o comercialismo inglês do século XIX é o seu desejo.

Pode-se ver a sua posição sobre os seus dias na citação a seguir:

“Bem, senhor, fico feliz em ver um homem de além-mar, mas diga por favor se vocês não vivem melhor no seu país, onde, suponho, todos são mais vivos e animados por não terem abandonado totalmente a concorrência. Li muitos livros de dias passados e, com certeza, eles são mais vivos do que os que se escrevem hoje; todos foram escritos sob as condições da boa concorrência. Se o registro da história não o informasse, aí estão os próprios livros a demonstrá-lo. Há neles um espírito de aventura e sinais da capacidade de extrair o bom do mau que não existe na nossa literatura; acredito que nossos moralistas e historiadores exageram muito a infelicidade do passado, quando se produziram tão esplêndidas obras de imaginação.”²¹³

Essa posição do avô de Ellen demonstra que a teoria da revolução que Morris construiu na década de 1880 teve uma distorção: em todos os panfletos analisados no capítulo 1, a revolução foi apresentada como um processo que estabeleceria a cooperação entre os trabalhadores e isso geraria uma qualidade de vida melhor para a classe com a concomitante satisfação dos seus membros. O avô de Ellen apresenta um contraponto ficcional porque, mesmo sendo membro da classe trabalhadora, se sente ferido pelo estado de coisas criado pela revolução.

²¹² Ibid., pp. 206-207.

²¹³ Ibid., pp. 215-216.

Nesse sentido, a leitura feita por Michael Robertson acerca da significação do avô de Ellen entre as personagens das *Notícias de Lugar Nenhum* não está correta. Em seu livro *As últimas utopias* ele dedica um capítulo a Morris²¹⁴. Depois de apresentar a vida do cidadão vitoriano, as suas obras e o romance utópico de 1890, Robertson afirma que o avô de Ellen aparece no texto para assegurar os elementos positivos desenvolvidos em *Nowhere*. Na sua apreciação, a personagem desempenha um papel tolo para demonstrar que, só aqueles com pouca inteligência, não estavam satisfeitos com o comunismo. Suas palavras são claras quanto a isso: “O velho serve como uma figura cômica, demonstrando que apenas os excêntricos poderiam preferir o século XIX à época anarco-comunista do descanso”²¹⁵.

Paul Lebec observou com mais precisão algumas características do romance que se fazem presente para relativizar o estado de coisas criado pela revolução. Seu texto se preocupa com o pensamento político com o qual Morris constrói a sua obra²¹⁶. Depois de discutir a doutrina econômica que alimenta as páginas das *Notícias de Lugar Nenhum*, Lebec chama a atenção para um grupo de personagens que, a seu ver, representa uma ameaça à *Nowhere*:

Essas personagens estão inscritas no capítulo 26 do romance. Chamadas de “opositoras obstinadas”, elas aparecem no meio da viagem que William Guest está fazendo para conhecer a nova sociedade. Enquanto o romance mostra que os habitantes de *Nowhere* estão todos ansiosos para a colheita do feno, as pessoas do capítulo 26 decidiram não participar do evento e se concentraram em outra atividade: a construção de uma casa. Olhemos a explicação que o guia Dick oferece a Guest para a situação em tela:

“Já estou adivinhando”, disse Dick. “As pessoas lá em cima têm um trabalho que lhes interessa e, portanto, não querem participar da preparação do feno, o que não tem a menor importância, pois há muita gente disposta a fazer um trabalho duro e fácil como esse [...]”²¹⁷

²¹⁴ ROBERTSON, Michael. William Morris's artful utopia. IN: _____ **The last utopians: Four late nineteenth-century visionaries and their Legacy**. Oxfordshire: Princeton university press, 2018.

²¹⁵ Ibid., p. 122. Texto original: “The old man serves as a comic foil, demonstrating that only cranks could prefer the nineteenth century to the anarcho-communist epoch of rest.”

²¹⁶ LEBEC, Paul. A dream of William Morris: Communism, History, Revolution. IN: BROWNE, Paul Leduc; WEINROTH, Michelle. (org). **To Build a Shadowy Isle of Bliss: William Morris radicalism and the embodiment of dreams**. Canada: McGill-Queen's University Press, 2015

²¹⁷ MORRIS, William., **Notícias de lugar nenhum**, op. cit., p. 246.

Além disso, nesse mesmo capítulo, é possível ver uma personagem que não é apenas uma opositora da colheita do feno, mas também alguém que não gosta de trabalhar. Em meio aos trabalhadores na construção da casa, Kate tem uma função que só às vezes precisa cumprir: servir como modelo para a escultora-chefe. A descrição da cena mostra o que se está tentando desenhar:

Havia ali cerca de 12 homens e duas mulheres trabalhando, vestidas com roupas iguais às dos homens, mas havia também uma linda mulher que não trabalhava, mas estava elegantemente vestida de linho azul, e que se aproximou com um trabalho de tricô. Ela nos deu as boas-vindas e perguntou sorrindo: “Então vocês vieram do rio para ver os opositores obstinados: onde vocês pretendem trabalhar o feno, amigos?”

“Um pouco acima de Oxford”, respondeu Dick; “a colheita lá começa mais tarde. Mas o que você tem em comum com os opositores, linda amiga?”

Ela respondeu com risos: “Eu sou a felizarda que não precisa trabalhar, embora eu às vezes trabalhe como modelo para a senhora Phillipa, quando ela precisa. Ela é a nossa escultora-chefe. Venham conhecê-la.”²¹⁸

A aparição de Kate na cena é importante porque todas as outras personagens das *Notícias de Lugar Nenhum* trabalham por vontade própria e sentem satisfação no seu trabalho. É com essas cenas em mente que Lebec chama a atenção para o perigo representado por esses trabalhadores do capítulo 26. A falta de comunhão representada nos opositores ao feno pode fazer desmoronar completamente o que foi construído pela revolução:

A condição de tudo isso é, no entanto, a interdependência necessária de liberdade, igualdade e comunhão (*liberté, égalité, Fraternité*): todo o edifício deve desmoronar se algum desses três pilares estiver faltando ou deficiente. Esse seria o problema se grandes números se juntassem aos “Opositores Obstinados” em *Notícias de Lugar Nenhum*: eles não ameaçariam a liberdade dos outros em princípio, ou mesmo a sua igualdade, na verdade; mas suas ações estão faltando no nível da comunhão.²¹⁹

E, depois de pontuar que Morris enxerga o processo de transformação social como um processo histórico, Lebec afirma que é possível perder o comunismo desenvolvido pela nova sociedade:

²¹⁸ Ibid., p. 247.

²¹⁹ LEBEC, Paul., op. cit., p. 208. Texto original: “The condition of all of this is, however, the necessary interdependence of freedom, equality, and fellowship (*liberté, égalité, fraternité*): the whole edifice must collapse if any of these three pillars is missing or deficient. This would be the problem if large numbers joined the “Obstinate Refusers” in *News from Nowhere*: they would not threaten the freedom of the others in principle, or even their equality, really; but their actions are wanting on the level of fellowship.”

Amor, amizade, cuidado, solidariedade, companheirismo (bem como hierarquia, preconceito, opressão) não crescem simplesmente de alguma simpatia primitiva, mas são criados e cultivados em nós pelo desenvolvimento histórico e pela educação. Cada geração deve renová-los ou perdê-los!²²⁰

O avô de Ellen, assim, surge no heterodiscurso das *Notícias de Lugar Nenhum* como os opositores obstinados para Lebec, como um aviso de que a revolução pode criar uma situação social que não agrade a todos os indivíduos. A confiança na força da História e no poder da classe trabalhadora divide o seu lugar com a possibilidade de que o comunismo criado pela revolução seja desfeito a qualquer momento.

²²⁰ Ibid., p. 209. Texto original: "Love, friendship, care, solidarity, fellowship (as well as hierarchy, prejudice, oppression) do not simply grow from some primal sympathy but are bred and cultivated in us by historical development and education. Each generation must renew or lose them!".

Conclusão

Para as conclusões desta dissertação, eu não gostaria de desconfigurar o que concebi no trabalho acima. Assim, pretendo deixar as minhas hipóteses de leitura e a discussão bibliográfica onde já estão. Nas páginas que seguem abaixo, buscarei sintetizar rapidamente todo o percurso da minha investigação e acrescentar, quando muito, um ou outro detalhe que não foi possível encaixar nos capítulos anteriores.

William Morris, como já foi discutido, é uma dessas personagens de difícil compreensão. Uma das explicações para a sua dificuldade reside na natureza de seu trabalho. Algo bastante multifacetado. Na monografia de graduação, tentei cunhar um termo que evitei na obra que concluo agora: “personalidade múltipla”²²¹. Entendo o autor como alguém de personalidade múltipla porque é possível ver sua atuação em diversas áreas. Como protetor de prédios antigos na *the society for the protection of ancient buildings*; como romancista; como poeta; como medievalista; como artesão e como designer para papéis de parede. Essa multiplicidade, como penso a questão, levou a crítica especializada a cometer um erro que pretendi evitar: buscar um elemento originário na vasta obra do autor. Entendo a palavra “originário” aqui, não simplesmente como aquilo que veio antes, mas como aquilo que se impregna em todos os seus trabalhos desde as suas primeiras obras. Cito, apenas como um exemplo do que estou tentando expor, o belo texto introdutório produzido por Leandro Konder e Michael Löwy à publicação brasileira do romance utópico *Notícias de Lugar Nenhum*, que já apareceu na introdução deste trabalho. Dilatando o conceito de romantismo, os autores pensam Morris dentro dos marcos do movimento. Para ser mais exato, pensam-no como um romântico restitutionista que depois se transformou em romântico utópico-revolucionário.²²²

Mas não julgo, de forma alguma, essa tendência da crítica morrisiana. Morris é perturbador. Já era para os seus contemporâneos. Seu gênero e seu

²²¹ SANTOS, Jonathan Vinícius Pereira. No centro da tensão: **William Morris entre a forma e o conteúdo**. Rio de Janeiro, 2021, 104p. TCC (graduação) - Departamento de História, PUC-Rio.

²²² KONDER, Leandro; Löwy, Michael. O socialismo libertário de William Morris In: MORRIS, William. **Notícias de lugar nenhum**: ou uma época de tranquilidade, op. cit.

secretário no *Kelmscott press* Halliday Sparling descreveu com espanto as atividades de Morris:

Quando ele estava traduzindo a *Odisseia*, ele estava ao mesmo tempo escrevendo seus *Objetivos da Arte*, seu *Sonho de John Ball*, intermináveis notas e artigos para o *Commonweal*, panfletos e palestras sobre Socialismo ou Arquitetura, bem como *design* após *design* para papéis de parede, chitas, vidro, etc. Ele estaria de pé em um cavalete ou sentado com um bloco de desenho na frente dele e carvão, pincel ou lápis na mão, e o tempo todo estaria resmungando o grego de Homero sob sua respiração - *bumble-beeing* como sua família o chamou [...] Em seguida, a nota do resmungar muda, o inglês está de volta, e ele iria rondar a sala, enchendo e acendendo seu cachimbo, parando para adicionar um toque ou dois em um ou outro cavalete, ainda resmungando, iria para a sua mesa de escrita, pegar sua caneta e escrever furiosamente por um tempo - vinte, cinquenta, cem ou mais linhas, de acordo com o caso ... Havia algo quase aterrorizante para um jovem espectador na facilidade deliberada com que ele intercambiava tantas formas de trabalho criativo, tomando cada uma exatamente no ponto em que ele a deixou de lado, e nunca parava para recapturar o fio de seu pensamento, ou para se referir ao que ele já havia escrito.²²³

Dizer que há uma “revolução” na obra não é nada demais. Cito, por exemplo, o capítulo 15 da obra, cujo título se encerra nos dizeres “sobre a falta de incentivo ao trabalho numa sociedade comunista”:

“Nisso você tem razão. De fato, você poderia dizer que foi essa mudança que tornou todas as outras possíveis. Qual o objetivo da Revolução? Certamente o de tornar as pessoas felizes. Tendo a Revolução provocado a mudança prevista, como se poderia evitar a contrarrevolução a menos que todos fossem felizes? Pode-se esperar paz e estabilidade da infelicidade?

²²³ KIRCHHOF apud VIEIRA; Fátima. **Em direção ao futuro: a visão de William Morris nos limites da tradição da literatura utópica inglesa**. Porto, 1997. 535p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Universidade do Porto. pp. 320-321. Texto original: “When he was translating the *Odyssey*, he was at the same time writing his *Aims of Art*, his *Dream of John Ball*, endless notes and articles for the *Commonweal*, pamphlets and lectures on Socialism or Architecture, as well as turning out design after design for wallpapers, chintzes, glass, etc. He would be standing at an easel or sitting with a sketchblock in front of him, charcoal, brush or pencil in hand, and all the while would be grumbling Homer's Greek under his breath — 'bumble-beeing' as his family called it [...] Then the note of the grumbling changed, for the turn of the English had come, and he would prowl about the room, filling and lighting his pipe, halting to add a touch or two at one or other easel, still grumbling, go to his writing table, snatch up his pen and write furiously for a while - twenty, fifty, a hundred or more lines, as the case might be ... There was something well-nigh terrifying to a youthful onlooker in the deliberate ease with which he interchanged so many forms of creative work, taking up each one exactly at the point at which he had laid it aside, and never halting to recapture the thread of his thought, or to refer back to that which he had already written”.

Comparativamente, colher uvas ou figos de espinheiros seria uma expectativa razoável. E a felicidade é impossível sem um dia de trabalho feliz.”

“Verdadeiro, sem dúvida”, assenti, pois me parecia que o velho já começava um sermão. “Mas, responda-me, como vocês chegaram a essa felicidade?”²²⁴

Também não é nenhuma novidade dizer que essa revolução era compreendida nos marcos do pensamento socialista. Cito, por exemplo, o capítulo 17:

“Pôs-se em movimento parcial, de forma muito lenta, o maquinário da vida para uso de pessoas que não tinham ideia de sua utilidade, e que na época era conhecido como socialismo de Estado. Mas ele não funcionou bem; os capitalistas sempre resistiram a ele, o que era de se esperar, pois esse sistema tendia cada vez mais a alterar o sistema comercial sem oferecer nada eficaz para substituí-lo. O resultado foi confusão crescente, grande sofrimento entre as classes trabalhadoras e, em consequência, grande insatisfação. Durante muito tempo as coisas ficaram nesse pé. O poder das classes altas havia diminuído, assim como o seu controle da riqueza, e elas já não tinham tanto poder para impor as coisas como antes. Sob esse ponto de vista, o socialismo de Estado justificou seus resultados.”²²⁵

Se o socialismo ainda trazia consigo problemas, como se pode ver na citação acima, o “comunismo puro” é um lugar ainda melhor:

[...] e alguns daqueles homens mais esclarecidos, então chamados socialistas, embora soubessem bem e até o afirmassem em público que a única condição razoável de sociedade era o comunismo puro (como o que você vê hoje), ainda assim evitavam o que lhes parecia ser a tarefa ingrata de pregar a concretização daquele sonho feliz. Olhando hoje para trás, podemos ver que a grande força motriz da mudança foi o desejo de liberdade e de igualdade, semelhante talvez à paixão irracional do amante, um mal do coração que rejeitava com ódio a vida solitária e sem sentido dos homens educados e ricos daquele tempo; frases, caro amigo, que hoje perderam o sentido, pois estamos muito distantes dos fatos que elas representam.”²²⁶

Qual é, portanto, o debate, se a questão parece tão óbvia? Talvez não seja tão óbvia assim. Como já foi apresentado nesta dissertação, o filósofo Miguel Abensour postulou um entendimento sobre o romance de Morris que depois foi absorvido pelo historiador inglês E.P. Thompson, no qual Morris teria produzido

²²⁴ p. 145.

²²⁵ p. 163

²²⁶ p. 161.

uma obra aberta. Os autores têm por objetivo combater uma tradição do pensamento utópico (sobretudo aquela interna ao marxismo) que só consegue ver valor na utopia se ela apenas reproduzir uma teoria.²²⁷ Os pensadores dessa tradição estão orientados por uma das seções do *Manifesto do partido comunista* e, sobretudo, pelo opúsculo de Engels *Do socialismo utópico ao socialismo científico*.

O maior nome dessa tendência sob ataque pela dupla Abensour/Thompson é Paul Mèier que, na ânsia de absolver Morris do seu pecado utópico, purifica-o com um batismo marxista.²²⁸ Para o filósofo francês, Morris é um autêntico marxista e só por essa ótica devem ser lidas *As notícias de lugar nenhum*. A hipótese de Abensour/Thompson é, portanto, relevante porque retira Morris do leito de Procusto no qual ele estava deitado. Mas ela perde uma dimensão presente no texto: a concepção revolucionária.

Apropriando-se da dupla e indo além, alguns autores chamam a atenção para o caráter de propaganda presente na obra. Mas é importante notar que, com o termo “propaganda”, esses autores não estão dizendo que o romance é apenas um veículo de propagação de ideias, antes, eles estão postulando que, embora Morris tenha se libertado do leito de Procusto, ele era um revolucionário e não se desfez das suas convicções na escrita do texto.

Esse quadro bibliográfico torna imperativo descobrir qual era a revolução de Morris. Os panfletos que o autor publicou na década de 1880 foram fontes importantes para que eu mapeasse a sua revolução e eles me revelaram que o autor construiu uma teoria sobre a transformação social inglesa nessa década.

Ao longo dos panfletos, pude perceber especificidades na teoria da revolução de Morris. Em primeiro lugar, o autor pontuou a necessidade de uma transformação social inegociável (refletida na sua tática anti-parlamentar) e, em segundo lugar, reservou para a História um lugar especial. Tratou-a de duas formas diferentes: como o desenvolvimento do capitalismo na Inglaterra e como as condições específicas da sociedade que analisava. Por causa dessa última acepção do termo, não achei imprudente relacioná-lo ao historicismo do século XIX.

²²⁷ THOMPSON, E.P. Post scriptum de 1976. IN: _____ **William Morris**: De romântico a revolucionário, op. cit.

²²⁸ MEIER, PAUL. **William Morris**: The marxist dreamer, op. cit.

Apresento, assim, a hipótese que já defendi: Morris construiu uma teoria da revolução socialista em seus panfletos políticos entre 1883 e 1890 e neste ano produziu um romance utópico permeado pela sua teoria. No entanto, no ato de produção do romance, o autor permitiu poros em sua revolução. Um deles pode ser visto na personagem “o avô de Ellen” que não está satisfeita com o comunismo puro e deseja regressar ao comercialismo do século XIX. Esse elemento é novo na revolução de Morris. Ao longo de todos os seus panfletos, a classe trabalhadora seria a grande beneficiária da transformação, mas o avô de Ellen, membro da classe trabalhadora, coloca uma dúvida que talvez só a ficção fosse capaz: “é possível que a revolução não seja a redenção de todos?”

Referências bibliográficas:

- ABENSOUR, Miguel, **Les formes de l'utopie socialiste-communiste: essai sur le communisme critique et l'utopie**. Paris, 1972. 615p. Tese de doutorado - Departamento de direito e ciência política, Université de Paris 1 – Panthéon-Sorbonne.
- ABENSOUR, Miguel. William morris e a utopia libertária. In: _____ **O novo espírito utópico**. ARANTES, Urias. (org.). Campinas: editora UNICAMP, 1990.
- AMARAL, Cláudio Silveira. John Ruskin e as Pedras de Veneza. In: **Oculum Ensaios**, pp.281-295, 2015. Disponível em: <2400-7997-2-PB.pdf> Último acesso em: 28. Maio. 2021.
- ANTHONY, P. D. **John Ruskin's labour: a study of Ruskin's social theory**. Cambridge: Cambridge university press, 1983.
- ARENDT, Hannah. O significado de revolução. In: _____ **Sobre a revolução**. São Paulo: companhia das letras, 2011.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BAILYN, Bernard. **The ideological origins of the American revolution**. EUA: Harvard university press, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. A estilística atual e o romance. IN: _____ **Teoria do Romance I: a estilística**. São Paulo: editora 34, 2020.
- BARROS, José D'Assunção. O conceito de alienação no jovem Marx. IN: **Tempo social**, v. 23. n.1, pp. 223-245, 2010.
- BARROS, José D'Assunção. Os falanstérios e a crítica da sociedade industrial: revisitando Charles Fourier. IN: **Mediações**, v. 16, n. 1, pp. 239 - 255, 2011.
- BAX, Ernest Belford.. The morrow of the revolution. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/bax/1887/07/morrow.htm>> Acesso em: 29. Abril. 2023.
- BAX; Ernest Belford; MORRIS, William. Socialism from the root up or socialism its growth & outcome. IN: **Marxist Internet archive publisher**, 2013.
- BAX, Belford; MORRIS, William. **Socialism from the root up or socialism its growth and outcome**. IN: Marxists.org. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/morris/works/1887/commonweal/07-sru-ch20.htm>>. Acesso em: 17. Julho. 2023.
- BELLAMY, Edward. **Looking Backward: 2000-1887**. New York: Oxford university press, 2007.
- BOTTOMORE, Tom. Verbete Alienação. IN: _____ **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- Manifesto da SPAB**. 1877. Disponível em: <spab-manifesto.pdf>. Último acesso em: 15. Abril. 2021, às 06:00.
- BRUNNER, Otto; CONZE, Werner; KOSELLECK, Reinhart. **Geschichtliche Grundbegriffe Bände 1 - 8**. Stuttgart: Ernst Klett Verlag, 2004.
- BUBER, Martin. **O socialismo utópico**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

- CASSIRER, Ernst. A conquista do mundo histórico. IN: _____ **A filosofia do iluminismo**. Campinas: Editora Unicamp, 1992.
- EAGLETON, Terry. William Morris and the idea of revolution. IN: **Contents**. v. 22, n. 2, 2017, pp. 10-17.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo, Boitempo, 2007.
- ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. 6º Ed. São Paulo, Global editora, 1984.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.
- ENGELS, Friedrich. Progress of Social Reform on the Continent. IN: **MECW**, Vol. 3, p. 407.
- FLAHERTY, Seamus. **Marx, Engels and modern British socialism**: the social and political thought of H.M Hyndman, E. B. Bax and William Morris. Londres: Palgrave Macmillan, 2020.
- FOUTO, Rafael. Eco-medievalismo subversivo em The water of wondrous isles, de William Morris. IN: **Revista X**, v. 18, n. 2, pp. 691-713, 2023.
- GALCHINSKY, Michael. Political pamphlet. IN: BURWICK, Frederick. the encyclopedia of romantic literature. New Jersey: John Wiley & Sons, 2012.
- GOMES, Almir. Literatura e política na criação imagética da alteridade social: um estudo comparado de Looking backward de Edward Bellamy e Notícias de lugar nenhum de William Morris. IN: **Revista Athena**, V. 9, N. 2, 2015, pp. 1-21.
- GREEN, E.H.H. The political economy of decline. IN: _____ **The crisis of conservatism**: the politics, economics and ideology of the British conservatism party, 1880-1914. Nova York: Routledge, 2005.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. O atual e o inatual na obra de Leopold Von Ranke. IN: **Revista de História da USP**, v. 50, n. 100, pp. 431-482, 1974.
- HOLLAND, Owen. **William Morris's utopianism**: propaganda, politics and prefiguration. London: palgrave macmillan, 2017.
- HOLZMAN, Michael. Anarchism and utopia: William Morris's News From Nowhere. IN: **The John Hopkins university press**, V. 51, N. 3, 1984, pp. 589-603.
- HYNDMAN, Henri; MORRIS, William. **A summary of principles of socialism**. London: the modern press, v. 13, n.14, 1884.
- KIMBALL, Benjamin Michael. **The medieval ideal: Utopian medievalism in the life, thought, and works of William Morris**. Iowa, 2022. 114p. Dissertação – Departamento de artes, University of Northern Iowa.
- JÚNIOR, Armando Boito. O lugar da política na teoria marxista da história. IN: **Crítica marxista**, n. 19, pp. 62-82, 2019
- KINNA, Ruth. Anarchism, Individualism and Communism: William Morris's Critique of Anarcho-communism. IN: BERRY, David; KINNA, Ruth; PINTA, Saku; PRICHARD, Alex. **Libertarian Socialism**: Politics in black and red. Hampshire: Palgrave Macmilian, 2012.
- KONDER, Leandro; Löwy, Michael. O socialismo libertário de William Morris In: MORRIS, William. **Notícias de lugar nenhum**: ou uma época de tranquilidade. São Paulo: expressão popular, 2019.

- KONDER, Leandro. **Fourier, o socialismo do prazer**. Rio de Janeiro, civilização brasileira, 1998.
- KOSELLECK, Reinhart. Critérios históricos do conceito moderno de revolução. IN: _____. **O futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KROPOTKIN, Piotr. **The Conquest of Bread and Other Writings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- KUMAR, Krishan. **Utopia and Anti-utopia in modern times**. Oxford: Oxford press, 1990.
- LAFARGUE, PAUL. O direito à preguiça. IN: **marxism.org**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lafargue/1883/preg/cap01.htm#i3>> Acesso em: 5. Jan. 2024.
- LATHAN, David. "Reading aright" the political texts of Morris's textiles and wallpapers. IN: _____. (ORG). **Haunted Texts**: studies in pre-raphaelitism. Ontario: University of Toronto press, 2013.
- LEBEC, Paul. A dream of William Morris: Communism, History, Revolution. IN: BROWNE, Paul Leduc; WEINROTH, Michelle. (org). **To Build a Shadowy Isle of Bliss**: William Morris radicalism and the embodiment of dreams. Canada: McGill-Queen's University Press, 2015
- LEVITAS, Ruth. The education of desire: the rediscovery of William Morris. IN: _____. **The concept of utopia**. Oxford: Oxford press, 2010.
- LOURIE, Margaret. Explanatory notes on the defence of Guenevere. IN: **William Morris Archive**. Disponível em: <<https://morrisarchive.lib.uiowa.edu/explanatory-notes-on-the-defence-of-guenevere>>. Acesso em: 30. Jan. 2024.
- LUBENOW, W.C. The Class Struggle and The House of Commons: The Parliamentary Response to the London Riots of 1886. IN: **Social History**, Vol. 13.. n° 35, pp. 45-57, 1985.
- LUKÁCS, György. Narrar ou descrever. IN: KONDER, Leandro. (org). **Ensaio sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1997.
- MACCARTHY, Fiona. **William Morris**: a life for our time. Londre: Faber And Faber Ltd, 1995
- MACHADO, Gustavo. O papel da história no modo de exposição de Marx. IN: **Verinotio**, v. 24, n. 1, pp. 238 - 269, 2018.
- Manifesto da SPAB**. 1877. Disponível em: <spab-manifesto.pdf>. Último acesso em: 15. Abril. 2021, às 06:00.
- MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo, Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MATA, Sérgio Da. Leopold Von Ranke (1795-1886). IN: MARTINS, Estevão de Rezende. (ORG). **História pensada**: Teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- MEIER, PAUL. **William Morris**: The marxist dreamer. New Jersey, the harvester press, 1978.
- MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo, Boitempo, 2006.
- MORETTI, Franco. O século sério. IN: _____. (org). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

- MORRIS, William. Art and democracy. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/morris/works/1883/art_democracy.htm>. Acesso em: 06. Julho. 2023
- MORRIS, William. Art and the people: a socialist's protest. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/morris/works/1883/art_people.htm>. Acesso em: 06. Julho. 2023
- MORRIS, William. Art and the people: where are we going? Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/morris/works/1883/art_where.htm>. Acesso em: 06. Julho. 2023
- MORRIS, William. Art under plutocracy: a lecture delivered at university college. IN: _____ **The collected works of William Morris**. New York: Cambridge University Press, 2012
- MORRIS, William Fabian Essays in Socialism IN: **Commonweal**, Vol 6, No. 211, pp.28-29, 1890.
- MORRIS, William. **How we live and how we might live**. Nottingham: Five Leaves Bookshop, 2015.
- MORRIS, William. Our policy. IN: **marxists.org**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/morris/works/1886/commonweal/03-our-policy.htm>>. Último acesso em: 13. Março. 2023.
- MORRIS, William. Looking Backward. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/morris/works/1889/commonweal/06-bella-my.htm>>. Último acesso em: 17. Março. 2023.
- MORRIS, William. Socialism and anarquism. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/morris/works/1889/sa/sa.htm>>. Último acesso em: 14. Março. 2023.
- MORRIS, William. The Liberal Party Digging Its Own Grave IN: **Commonweal**, Vol 3, No. 98, 1887, p. 380.
- MORRIS, William. The Manifesto of the Socialist League: by William Morris and the provisional council of the socialist league. IN: **Marxists.org**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/morris/works/1885/manifst1.htm>>. Último acesso em: 17. Março. 2023.
- MORRIS, William. Whigs, democrats, and socialists. IN: _____ **The collected works of William Morris**. New York: Cambridge University Press, 2012
- MORRIS, William. Why we celebrate the commune of Paris. IN: **Commonweal**, Vol 3, No. 62, 1887, pp. 89-90.
- NADIR, Christine. Utopian Studies, Environmental Literature, and the Legacy of an Idea: Educating Desire in Miguel Abensour and Ursula K. Le Guin. IN: **Utopian studies**, v. 21, n. 1, pp. 24-56, 2010.
- PERRU, Olivier. Le concept d'association et l'unité politique : étude critique chez Saint-Simon, Fourier et Marx. IN: **Philosophiques**, v. 26, n. 1, pp. 83 - 108, 1999.
- REIS, José Carlos. O marxismo. IN: _____ **A história: entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Editora Ática, 1996
- RICHARDSON, Samuel. **Clarissa**. Londres: Penguin books, 1986.
- ROBERTSON, Michael. William Morris's artful utopia. IN: _____ **The last utopians: Four late nineteenth-century visionaries and their Legacy**. Oxfordshire: Princeton university press, 2018.

- ROGERS, Chris. Robert Owen, utopian socialism and social transformation. IN: **Journal of the history of the behavioral sciences**, v. 54, n. 4, pp. 256-271, 2018.
- SAMPAIO, Jorge Henrique Mais; OLÍMPIO, Marise Magalhães. Estados Unidos e o destino manifesto. IN: **Ameríndia**, v. 2, n. 2, pp. 1-12, 2006.
- SANTOS, Jonathan Vinícius Pereira. No centro da tensão: **William Morris entre a forma e o conteúdo**. Rio de Janeiro, 2021, 104p. TCC (graduação) - Departamento de História, PUC-Rio.
- STIGLER, George J. Bernard Shaw, Sidney Webb, and the theory of fabian socialism. IN: **Proceedings of the American Philosophical Society**, Vol. 103, No. 3, pp. 469-475, 1959.
- THOMPSON, E. P. O cristão e o demônio. IN: _____ **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: paz e terra, 1987.
- THOMPSON, E.P. Post scriptum de 1976. IN: _____ **William Morris: De romântico a revolucionário**. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988.
- TOLSTOI, Lev. **Anna Kariênina**. São Paulo: editora 34, 2021.
- VIEIRA, Fátima. Looking Backward and News From Nowhere: eucronia e identidade nacional. IN: **Cadernos de literatura comparada: utopias**, (ORG). _____; Silva, José Miguel Bastos. Porto: Granito, 2002.
- VIEIRA, Fátima. **Em direção ao futuro: a visão de William Morris nos limites da tradição da literatura utópica inglesa**. Porto, 1997. 535p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Universidade do Porto.
- Watt, Ian. O realismo e a forma do romance. IN: _____ **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: companhia das letras, 2010.
- WEBB, Sidney. The basis of socialism. In: George Bernard Shaw. Fabian Essays in socialism. **The online library of liberty**, 2004. Disponível em: <Bernard Shaw - Fabian essays in socialism-Nabu Press (2010).pdf>. Acesso em: 02. Julho. 2023.
- WEFFORT, Francisco. Marx: política e revolução. IN: **Os clássicos da política**. Vol 2. São Paulo: Editora ática, 2011.
- WEINROTH, Michelle. Morris road to nowhere: new pathways in political persuasion. IN: BROWNE, Paul Leduc; WEINROTH, Michelle. (org). **To Build a Shadowy Isle of Bliss: William Morris radicalism and the embodiment of dreams**. Canada: McGill-Queen's University Press, 2015
- ZOLA, Emile. **Naná**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.